



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes
Programa de Pós-graduação em Letras

**O SUJEITO PÓS-COLONIAL EM A *HOUSE FOR MR BISWAS*, DE
VIDIADHAR SURAJPRASAD NAIPAUL, E *RELATO DE UM CERTO
ORIENTE*, DE MILTON HATOUM**

IVANA ALENCAR PEIXOTO LIANZA DA FRANCA
(IFPB)

João Pessoa
2016

IVANA ALENCAR PEIXOTO LIANZA DA FRANCA

**O SUJEITO PÓS-COLONIAL EM A *HOUSE FOR MR BISWAS*, DE
VIDIADHAR SURAJPRASAD NAIPAUL, E *RELATO DE UM CERTO
ORIENTE*, DE MILTON HATOUM**

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras, da Universidade Federal da Paraíba, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Letras. Área de concentração: Literatura, Cultura e Tradução. Linha de pesquisa: Tradução e Cultura.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Zélia Monteiro Bora

F814s Franca, Ivana Alencar Peixoto Lianza da.
O sujeito pós-colonial em A House for Mr Biswas, de
Vidiadhar Surajprasad Naipaul, e Relato de um certo oriente ,
de Milton Hatoum / Ivana Alencar Peixoto Lianza da Franca.-
João Pessoa, 2016.
154f.
Orientadora: Zélia Monteiro Bora
Tese (Doutorado) - UFPB/CCHL
1. Naipaul, Vidiadhar Surajprasad, 1932- crítica e
interpretação. 2. Hatoum, Milton, 1952- crítica e interpretação.
3. Literatura comparada. 4. Sujeito pós-colonial. 5. Mr. Biswas.
6. Narradora-protagonista.

UFPB/BC

CDU: 82.091(043)

Folha de aprovação

IVANA ALENCAR PEIXOTO LIANZA DA FRANCA

O SUJEITO PÓS-COLONIAL EM *A HOUSE FOR MR BISWAS*, DE VIDIADHAR SURAJPRASAD NAIPAUL, E *RELATO DE UM CERTO ORIENTE*, DE MILTON HATOUM

Trabalho de Curso aprovado em: ____ de _____ de 2016

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª. Dr^ª. Zélia Monteiro Bora
Orientadora

Prof^ª. Dr^ª. Anna Christina Farias de Carvalho – URCA
Examinadora

Prof. Dr. Nelson E. Ferreira Júnior - UFCG
Examinador

Prof. Dr. Sávio Roberto Fonseca de Freitas – UFRPE
Examinador

Prof^ª. Dr^ª. Sueli Liebig - PPGLI/UEPB
Examinadora

Dedicatória

Aos meus pais, Severino Alencar Peixoto (in memoriam) e Maria Ivone Vieira A. Peixoto, pelo amor, pelo carinho e pelo incentivo a mim dedicado, e a José Guilherme, meu companheiro de todas as horas, pelo amor, pela compreensão e pela confiança demonstrados em todos os momentos.

Agradecimentos

À **minha orientadora, Prof^a. Dr^a Zélia Monteiro Bora**, pela importante e competente orientação, assim como pelo apoio e pela compreensão recebidos;

Às **Professoras Doutoras, Ana Christina Farias de Carvalho e Sueli Liebig**, pelos importantes comentários e sugestões apresentados nos momentos da qualificação e da defesa;

Aos **Professores Doutores, Nelson E. Ferreira Júnior e Sávio Roberto Fonseca de Freitas**, pelos importantes comentários e sugestões apresentados no momento da defesa.

Resumo

Os estudos pós-coloniais têm se projetado desde a década de 1980, e a origem mais aceita da crítica pós-colonial contemporânea está associada à trajetória de ascensão de alguns intelectuais considerados como do terceiro mundo, entre os quais, Edward Said, Frantz Fanon, Edouard Glissant e Stuart Hall, nas Academias da Europa e dos Estados Unidos, nas décadas de 1970-80. A cultura híbrida e sincrética dos povos pós-coloniais é um fator positivo e uma vantagem da qual recebe sua identidade e força. No entanto, esse sujeito deslocado e fragmentado, afetado pelo processo colonizador, que tenta apagar suas raízes e sua voz, vê-se obrigado a construir uma nova subjetividade, por meio da convivência com as diversidades. Diante desses pressupostos, pretendemos, nesse trabalho, fazer uma análise comparatista das obras *A house for Mr. Biswas*, do caribenho de descendência indiana, V. S. Naipaul, e *Relato de um certo Oriente*, do amazonense de descendência libanesa, Milton Hatoum, para estudar a condição pós-colonial e as representações do sujeito pós-colonial, na primeira, através do protagonista Mr. Biswas, e na segunda, através da narradora/protagonista anônima. O estudo traz uma análise das representações desses sujeitos, ao estudar o imigrante em *A house for Mr. Biswas* – personagem principal: indotrinidadiano – e uma manauara adotada por imigrantes libaneses em *Relato de um certo Oriente* – a narradora protagonista inominada. Tal escolha se justifica devido à complexidade e à ambivalência de ambas as personagens.

Palavras-chave: Sujeito pós-colonial. Mr. Biswas. Narradora-protagonista. Deslocado. Fragmentado.

Abstract

Post-colonial studies have gained prominence since the 1980s, and the most accepted origin of the contemporary post-colonial criticism is associated with the trajectory of ascension of some intellectuals from the so-called third world, such as Edward Said, Frantz Fanon, Edouard Glissant and Stuart Hall, in the academies of Europe and the United States, in the 1970s and 1980s. The hybrid and syncretic culture of post-colonial people is a positive factor and an advantage which they get their identity and power from. However, this displaced and fragmented subject, affected by the colonization process which tries to remove their roots and blot out their voice, has to build up a new subjectivity from the coexistence with the diversities. In face of these assumptions, we intend to make a comparative analysis of the novels *A house for Mr. Biswas* by the Indo-Trinidadian V. S. Naipaul, and *Tale of a certain Orient* by the Amazonian from Lebanese descent Milton Hatoum. We will study the post-colonial condition and the representations of the post-colonial subject in both novels. In *A house for Mr. Biswas* we will analyze the main character who is the son of an East Indian migrant couple – an Indo-Trinidadian –, and in *Tale of a certain Orient* we will analyse a Manauara woman who has been adopted by a migrant Lebanese couple – the nameless protagonist-narrator. Such choice justifies because of the complexity and ambivalence of both characters.

Key words: Post-colonial subject. Mr. Biswas. Protagonist-narrator. Displaced. Fragmented.

SUMÁRIO

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	9
2 DEFININDO O PÓS-COLONIAL.....	24
3 A CONSTRUÇÃO DO SUJEITO PÓS-COLONIAL: UMA DISCUSSÃO TEÓRICA.....	32
4 A <i>HOUSE FOR MR. BISWAS</i> E <i>RELATO DE UM CERTO ORIENTE</i>: UMA REVISÃO CRÍTICA.....	57
4.1 O SUJEITO EM A <i>HOUSE FOR MR. BISWAS</i> (1961).....	57
4.2 O SUJEITO EM <i>RELATO DE UM CERTO ORIENTE</i> (1989).....	68
5 O SUJEITO PÓS-COLONIAL EM A <i>HOUSE FOR MR. BISWAS</i> E <i>RELATO UM CERTO ORIENTE</i>.....	80
5.1 O SUJEITO PÓS-COLONIAL EM A <i>HOUSE FOR MR. BISWAS</i>	80
5.2 O SUJEITO PÓS-COLONIAL EM <i>RELATO DE UM CERTO ORIENTE</i>	121
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	137
REFERÊNCIAS.....	141

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Os estudos pós-coloniais têm se projetado desde a década de 1980, principalmente nas Academias do Canadá, dos Estados Unidos, do Caribe, da Europa Ocidental, da Índia, da Austrália e da África. E a origem mais aceita sobre a crítica pós-colonial contemporânea está associada à trajetória de ascensão de alguns intelectuais, considerados como do terceiro mundo, nas Academias da Europa e dos Estados Unidos, nas décadas de 1970-80.¹ O historiador e crítico literário, Edward Said, cujo livro, *Orientalism* (2003), foi considerado por muitos estudiosos como um texto fundador das teorias pós-coloniais, foi um desses intelectuais que obteve grande projeção e que muito influenciou outros críticos pós-coloniais, entre eles, Homi Bhabha e Gayatri C. Spivak. Os estudos pós-coloniais abrangem um campo bastante vasto e multidisciplinar, que envolve linhas teóricas que percorrem a Filosofia, a Psicanálise, a Antropologia, a Sociologia, a História, a Geografia e a Literatura. Entre as questões abordadas nesses estudos, destacamos a linguagem, o lugar, a história e a etnicidade. Passada a II Guerra Mundial, países como a Inglaterra, com colônias em algumas partes do mundo, depois da independência de suas antigas colônias, começaram a receber imigrantes originários de suas ex-colônias. Em decorrência dessas migrações, esses países passaram a vivenciar uma nova realidade, no que se refere a questões como a diversidade cultural, o pertencimento e a necessidade de redefinir as identidades nacionais desses sujeitos imigrantes.

Ainda em relação à literatura pós-colonial, lembramos que ela abrange toda a produção literária dos povos colonizados pelas potências europeias do Século XV até o presente. Portanto, as literaturas de vários países da África, do Canadá, da Austrália, dos países do Caribe, da Índia, de Bangladesh, da Malásia, de Malta, da Nova Zelândia, do Paquistão, de Singapura, dos países das ilhas do sul do Pacífico, do Sri Lanka, e dos países da América Latina, inclusive do Brasil, são todas consideradas pós-coloniais. Segundo Bill Ashcroft et al. (2004, p.2), a literatura dos Estados Unidos da América deveria ser enquadrada nessa categoria, no entanto, ele comenta que essa literatura não tem sido reconhecida como de natureza pós-colonial, possivelmente devido à sua atual posição de poder e ao papel de neocolonizador que o país tem exercido. Ashcroft observa, ainda, que, apesar de todas essas literaturas pós-coloniais apresentarem características regionais que as tornam distintas umas das outras, elas têm em comum o fato de terem surgido e se configurado com a experiência do colonialismo, de terem evidenciado a tensão com o poder imperial e por enfatizar suas

¹ Sobre os estudos pós-coloniais no Brasil, ver as páginas 13 e 14.

diferenças em relação a ele. No entanto, Ashcroft et al. (2003, p.2) complementam que a independência não resolveu o problema das sociedades pós-coloniais, que continuaram sendo sujeitas a formas mais ou menos sutis de dominação neocolonial.

É importante ressaltar que, em nosso estudo, o termo pós-colonial não é utilizado apenas para se referir a um período ou determinado momento histórico, ou seja, para identificar o período logo após a descolonização, num sentido delimitado histórica e politicamente, mas como um projeto estético de representação pós-colonial previsto, teoricamente, como a possibilidade de

explorar aquelas patologias sociais – ‘perda de sentido, condições de anomia’ – que já não simplesmente ‘se aglutinam à volta do antagonismo de classe, [mas sim] fragmentam-se em contingências históricas amplamente dispersas’. [...] Como modo de análise, ela (a perspectiva pós-colonial) tenta revisar aquelas pedagogias nacionalistas ou ‘nativistas’ que estabelecem a relação do Terceiro Mundo com o Primeiro Mundo em uma estrutura binária de oposição. A perspectiva pós-colonial resiste à busca de formas holísticas de explicação social. Ela força um reconhecimento das fronteiras culturais e políticas mais complexas que existem no vértice dessas esferas políticas frequentemente opostas. (BHABHA. 2007, p.239-242)

Assim, considerando o exposto, nosso trabalho pretende enfatizar, através das análises, os seguintes aspectos: a perda de sentido e a fragmentação que foram provocadas pelas contingências históricas amplamente dispersas, por meio do estudo do deslocamento de Mr. Biswas e da narradora inominada de *Relato de um certo Oriente*. As duas personagens, como veremos, aglutinam os dilemas das fronteiras culturais e políticas dos espaços que, ambigualmente, chamam de casa. Referentes como nação e família encontram-se inseridos no universo onde as pedagogias nacionalistas determinam o eu e o outro como oposição binária. É, portanto, com base nessas prerrogativas que utilizamos o método pós-colonial para entender essas questões.

Como os estudos pós-coloniais são importantes no espaço da literatura comparada, é bom lembrar que, a partir dos anos 80, os estudos de literatura comparada tomaram um novo impulso. Com a ampliação do objeto de interesse, no campo das relações interliterárias, constatamos que os estudos literários abriram espaço para as temáticas consideradas não canônicas.² Segundo Sandra Nitrini (2000, p.279), tal fato se justifica por causa da peculiaridade dos contextos sócio-histórico-políticos em que tais literaturas estão inseridas.

² Sobre as relações interliterárias não canônicas, no âmbito da literatura comparada, sugerimos a leitura de “Literatura comparada & relações comunitárias, hoje”, de Abdala Júnior, especialmente quando ele trata da proposta de aproximar as literaturas do eixo-sul.

Ela cita como exemplo os países que, depois de conquistar independência política, procuraram dialogar com as literaturas dos países com os quais eles tinham mais afinidades, tanto relacionadas às questões linguísticas, culturais e econômicas quanto com as de percurso histórico.

No caso da literatura brasileira, após a independência do país de sua metrópole, surgiu a necessidade de encontrar a identidade cultural latino-americana, que se tornou mais forte e articulada nos anos de 1960, porque essa década foi marcada pela internacionalização da literatura latino-americana.³ A esse respeito, Nitrini faz a seguinte observação:

O projeto de busca da identidade latino-americana não escamoteia a heterogeneidade das distintas comunidades que compõem o caldo cultural da imensa América Latina, nem desconsidera seus diferentes patamares econômicos, educacionais, sociais e nem suas situações políticas. (NITRINI, 2000, p.280)

Outra questão a ser lembrada é que, na década de 60, os países latino-americanos passaram a ser integrados no rol dos subdesenvolvidos, devido a uma forte dependência econômica, política e cultural dos países hegemônicos. As décadas seguintes - de 1980 e 1990 - foram caracterizadas pela redemocratização política, por uma economia neoliberal e por uma política de globalização e massificação intensa.

Motivada por essas mudanças ocorridas no campo dos estudos da literatura comparada, decidimos fazer uma análise comparatista do sujeito pós-colonial em duas obras, especialmente do imigrante, em *A house for Mr. Biswas*, e da mulher, em *Relato de um certo Oriente*, à luz da teoria pós-colonial, e demonstrar como os dois são representados nos romances, no que diz respeito à marginalidade, ao exílio e ao pertencimento. Analisamos, portanto, as representações autônomas desses sujeitos, considerando o contexto econômico, político, cultural e global que as narrativas representam, e a metáfora da casa nas duas obras: presente, mas deficiente, em *A house for Mr. Biswas*; e ausente, porém construída através do relato, em *Relato de um certo Oriente*.

É importante ressaltar que, nas últimas décadas, teóricos e críticos têm dedicado bastante atenção aos estudos das questões pós-coloniais das populações do Caribe e de regiões próximas da América Central e da América do Sul. Além disso, a literatura produzida pelos autores dessas regiões tem recebido prêmios importantes:

³ Obviamente é relevante que se considerem o papel das vanguardas brasileiras dos anos 20 até 1950 e a ênfase na discussão da identidade nacional brasileira.

Autores como Jean Rhys, V. S. Naipaul, Derek Walcott, Saint-John Perse, Caryl Phillips, Erna Brodber, Jamaica Kincaid, Michelle Cliff – vivendo muitas vezes fora de seus países de origem – trouxeram à cena literária diferentes representações da experiência do sujeito pós-colonial. (GUEDES, 2004, p.52)

Para que possamos compreender tais representações da experiência do sujeito pós-colonial, tanto nas ilhas do Caribe quanto no Brasil, precisamos destacar alguns aspectos do processo de colonização nessas duas localidades. Quanto ao Brasil, considerando os fatores linguagem e deslocamento, enquadra-se na categoria de sociedade pós-colonial denominada de *settler colonies*⁴. Nessa categoria de ‘colônia de assentamento/povoamento’, também se enquadram a América espanhola, os Estados Unidos da América, o Canadá, a Austrália e Nova Zelândia. Em todas elas, a terra foi ocupada por colonos europeus que conquistaram/dominaram, desapropriaram e deslocaram as populações indígenas. Ashcroft (2004, p.24) refere que foi estabelecida uma civilização que veio transplantada da Europa, e cujos descendentes, mesmo depois da independência política, mantiveram o idioma não indígena. Posteriormente, escritores começaram a questionar se a língua importada seria adequada para expressar todos os aspectos da realidade do lugar ocupado.

Já em relação ao Caribe, enquadra-se na categoria de ‘sociedades duplamente invadidas’, em que

as sociedades primordiais dos indígenas das ilhas do Caribe foram completamente exterminadas nos primeiros cem anos do descobrimento. A população atual das Índias Ocidentais veio da África, Índia, Ásia, Oriente Médio e da Europa através do deslocamento, do exílio ou da escravidão. De todas as sociedades colonizadas, talvez a sociedade caribenha seja a que mais sofreu os efeitos devastadores do processo colonizador, onde o idioma e a cultura dominantes foram impostos e as culturas de povos tão diversos foram aniquiladas. (BONNICI, 1998, p.13)

Embora o Brasil não esteja enquadrado nessa categoria, a semelhança que podemos perceber, quanto ao processo de colonização, entre o Brasil e as ilhas do Caribe, é que ambas as colônias tiveram sua população indígena dizimada/suprimida, vivenciaram a experiência da imigração não espontânea de uma população escrava africana e apresentam uma composição multirracial/étnica. Entretanto, diferentemente do Caribe, depois da diáspora africana, o contingente de imigrantes que veio para o Brasil com sua força de trabalho foi, inicialmente, de italianos, alemães e japoneses.

⁴ Ver ASHCROFT, Bill; et al. **The empire writes back: theory and practice in post-colonial literatures**. 2nd ed. London and New York: Routledge, 2004.p.24.

Em relação a todas as Américas, apesar da existência de hegemonias imperiais, há muitas coisas em comum, tanto em aspectos negativos (conquista, desapropriação indígena, escravidão transatlântica), quanto positivos (sincretismo artístico, pluralismo social). A esse respeito, Ella Shohat⁵ observa que há uma forte relação entre a diáspora afro-americana e a afrodiáspora das demais Américas (Central e do Sul). Isso se justifica porque essas diásporas são migrações não espontâneas para o trabalho escravo.

Em relação ao Brasil pós-colonial, Anna Beatriz Paula⁶ faz a seguinte observação: “O que falta é uma teorização do nosso pós-colonial para que o rótulo de literatura pós-colonial possa ser atribuído a diversas produções brasileiras. A questão que nos fica é até que ponto isso seria, efetivamente, válido para nós.” Por outro lado, Gomes (2009, p.13-14), ao comentar sobre a importância dos estudos pós-coloniais para a análise das tensões entre dominantes e dominados, sugere que essa nova área do saber faça parte do espaço da literatura comparada e contribua para ampliar e renovar os estudos socioculturais do Brasil, no tocante às questões relacionadas ao nacionalismo, à etnicidade, às hierarquias raciais, às ideologias, à sexualidade e à cultura. Considerando essas observações de Ana Beatriz Paula e Heloísa Toller Gomes, acrescentamos que o nosso trabalho é uma tentativa de teorizar o pós-colonial brasileiro, através de uma análise comparatista dos dois romances.

Outro aspecto destacado por Shohat (2012) diz respeito à exaltação de intelectuais do hemisfério norte em detrimento daqueles do hemisfério sul: Henry James é considerado mais importante do que Machado de Assis, e Frederic Jameson mais importante do que Roberto Schwarz, só para citar dois exemplos entre tantos outros. Sobre isso, Shohat (2012, p.15) cita um comentário feito por Mário de Andrade – de que a importância/o poder cultural de uma nação está, de certa forma, atrelada/o ao poder de sua moeda/economia e do seu exército – que reforça e reitera tal alegação. Ainda no tocante a essa hierarquia estabelecida, Shohat observou que, enquanto o conceito ‘hibridismo’ é atribuído a Homi Bhabha, professor da Universidade de Harvard, intelectuais da América Latina já falavam de ‘hibridismo’ desde os anos 20, durante a Semana de Arte Moderna de 1922. Alguns anos depois, o Manifesto Antropófago, publicado no primeiro exemplar da Revista de Antropofagia, em 1928, lançou o conceito de Antropofagia, que não deixa de ser uma forma de hibridismo. Shohat (2012, p.18) também nos chama à atenção para a grande contribuição estética dada pelos intelectuais

⁵ Em entrevista concedida durante um evento organizado pela iniciativa pós-colonial, Ella Shohat e Robert Stam falam sobre alguns aspectos dos Estudos Pós-coloniais explorados em seu livro *Race in Translation: culture wars around the Postcolonial Atlantic*, publicado em 2012.

⁶ Citado por Carolina Cantarino (2007, p.55) no artigo: “Ficção pós-colonial retrata conflitos contemporâneos”, disponibilizado no site: <http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?> – acesso em dezembro de 2010. Anna Beatriz da Silveira Paula é pesquisadora do Grupo de Estudos de Gênero da Universidade Federal do Paraná (UFPR).

latino-americanos através de suas inúmeras criações: Antropofagia, Realismo Mágico, estética da fome, Tropicália, o manifesto afro-brasileiro ‘Dogma Feijoadá’, muitas delas baseadas em inversões anticoloniais. Portanto, a América Latina não só tem a aprender, mas também tem muito a contribuir com os estudos pós-coloniais. Com essas explicações, constatamos que a percepção sofisticada e a criticidade de Mário de Andrade já abrem um caminho para que possamos entender o pós-colonial brasileiro.

Quanto ao fato de haver rejeições ocasionais aos estudos pós-coloniais no Brasil, provavelmente porque hoje existem poucos críticos pós-coloniais no país, Shohat (2012, p.13) acredita que tal atitude esteja relacionada à projeção que os estudos pós-coloniais anglófonos obtiveram em relação aos estudos pós-coloniais brasileiros. No entanto, acredita-se que tanto os estudos brasileiros quanto os lusófonos podem oferecer algo diferente da teoria pós-colonial anglófona. Nesses termos, nossa experiência privilegia mais a formação do sujeito do que a construção da nação, como ponto de partida para as discussões sobre uma suposta identidade nacional no chamado pós-colonial brasileiro e caribenho.

Ainda em relação ao Brasil, os efeitos da dominação dos colonizadores portugueses, que impuseram sua cultura, sua religião, sua raça e sua língua, deixaram sequelas dessa dominação colonial que perduram até os dias atuais. Outro agravante, como observado por Gomes (2009, p.3), foi que, na colonização do Brasil, estivemos submetidos a um colonizador que foi dependente de um poder maior, o britânico, durante um longo período. A colonização do Brasil tem sido considerada predatória, porque, além de contribuir com seus recursos naturais para impulsionar a economia portuguesa – exploração do pau-brasil e do ouro pelos colonizadores – o Brasil colônia também ajudou a enriquecer a economia inglesa. Segundo Boaventura de Sousa Santos (2003, p.24-25), em relação ao colonialismo britânico, o colonialismo português se caracterizou por apresentar um perfil de dupla subalternidade (se manifestou tanto no domínio das práticas quanto dos discursos coloniais), pois, como país semiperiférico, foi dependente da Inglaterra, quase uma “colônia informal”, e o colonizador português tinha um problema de autorrepresentação, cuja subalternidade no domínio dos discursos coloniais residia no fato de que, desde o Século XVII, a história do colonialismo português foi escrita em inglês, e não, em português. Ainda em relação ao colonialismo português, Boaventura Santos (2003, p.28) refere que o fato de o colonizador ser um “colonizador-colonizado” não significa que ele se identifique mais com o seu colonizado, ou que esse colonizado seja menos colonizado do que os que foram colonizados por um “colonizador-colonizador”. No entanto, ele acredita que é possível imaginar que, em alguns

períodos, no Brasil, a identidade do colonizado foi construída a partir de um duplo outro - o do colonizador direto português e o do colonizador indireto britânico.

Boaventura Santos (2003, p.35) também assevera que os portugueses, ao vivenciar uma indecidibilidade identitária, ou seja, ao transitar entre duas identidades – a de dominadores e a de dominados – apresentavam-se tanto como racistas, muitas vezes violentos, corruptos e propensos à pilhagem, ao invés de promover o desenvolvimento, quanto como miscigenadores natos e, por isso, denominados de pais da democracia racial. Além de terem sido, dentre os demais povos europeus, os que se adaptaram bem mais aos trópicos, de acordo com a tese defendida por Gilberto Freyre (2005), profundamente contestada desde os anos 50.

Quanto aos brasileiros, o processo identitário, em sua formação, foi muito problemático em relação à raça. Primeiro, os nativos indígenas foram subtraídos e deslocados de seus espaços e sofreram com o apagamento de sua cultura, sua religião e sua língua. Com a introdução da população escrava africana para trabalhar nas lavouras da cana-de-açúcar, que também teve sua cultura, sua religião e sua língua abafadas pela cultura do colonizador português, o Brasil passou a abrigar três raças, que se miscigenaram. Por isso o Brasil, equivocadamente, passou a ser considerado pela geração freyriana uma ‘democracia racial’, em que as diferenças étnicas foram politicamente suprimidas e deram lugar a uma hegemonia política portuguesa. A respeito desse aspecto característico da experiência colonial do Brasil, concordamos com Carolina Cantarino (2007, p.55), quando ela fala que “a miscigenação deve ser pensada, necessariamente, em relação à escravidão, à violência embutida nas relações entre senhores e escravos e às suas consequências nas desigualdades sociais, raciais e de gênero que perduram até hoje no Brasil”.

Sob o ponto de vista de Strieder (2001), a questão racial do Brasil, marcada por problemas sociais de miséria, discriminação e exclusão racial e social, é uma evidência de que não existe a alegada ‘democracia racial’ no país. Nessa forma de organização política, todas as raças teriam as mesmas oportunidades. No entanto, Strieder comenta que,

[...] com essa ideologia conciliadora, baseada numa interpretação histórica de convivência predominantemente benigna entre senhores e escravos, Gilberto Freyre contribuiu, certamente, para um encaminhamento político futuro da questão racial no Brasil. [...] A política brasileira, sob a alegação de que na democracia todos os cidadãos são iguais perante a lei, sempre se omitiu em executar projetos orientados para a inclusão das populações provindas da escravidão, e dos grupos indígenas marginalizados pelo processo colonizador. [...] A política neoliberal, ao lado da globalização, intensificou enormemente a injustiça social e a exclusão. [...] De fato, no

Brasil preconceitos raciais estão intimamente ligados ao *status* social das pessoas. [...] Isto demonstra que as “raças” só coexistirão democraticamente na medida em que econômica, social e culturalmente se aproximarem entre si. Enquanto existirem fossos sociais intransponíveis na população, nem pode existir democracia e, muito menos, “democracia racial”. (STRIEDER, 2001, p.27-28)

Tal comentário reflete o resultado das análises feitas pelo pesquisador francês Roger Bastide e pelo sociólogo Florestan Fernandes, no início da década de 1950, cujas pesquisas sistemáticas sobre as relações raciais objetivavam fazer uma releitura crítica das teses de Gilberto Freyre e de Donald Pierson⁷. Kern (2014) afirma que as investigações empíricas desses críticos, realizadas em várias partes do Brasil, principalmente nos estados da Bahia, do Rio de Janeiro e de São Paulo, cujo foco de estudo era a investigação do problema das condições socioeconômicas da população negra numa sociedade moderna de classes, “demonstraram a insuficiência dos argumentos que sustentavam a idéia da democracia racial e da neutralidade do preconceito racial.” (p.88). Em suas análises, eles constataram que o preconceito racial era muito praticado no Brasil e que se manifestava, sobretudo, nas metrópoles, porque a população negra tinha dificuldade “de se inserir como cidadão pleno numa sociedade institucionalmente liberal e de economia industrial” (KERN, 2014, p.88). Portanto, os estudos de Florestan Fernandes, ao negar a função democratizante da miscigenação, colocaram em xeque o mito da democracia racial: “A miscigenação e a convivência harmônica entre raças não teria impedido que o fenômeno social do racismo se manifestasse em diferentes formas de preconceito racial” (KERN, 2014, p.89). No entanto, como argumenta Kern, apesar de contestar que a tese da democracia racial fosse uma realidade, Florestan (2007) aceitava a possibilidade de construí-la, desde que ocorressem certas transformações sociais.

Ainda no tocante a essa questão relacionada ao colonialismo português, Boaventura Santos argumenta que a miscigenação foi resultado de um tipo diferente de racismo, e não, de sua falta:

Importante será elucidar as regras sexistas da sexualidade que quase sempre deitam na cama o homem branco e a mulher negra, e não a mulher branca e o homem negro. Ou seja, o pós-colonialismo português exige uma

⁷ Como lembra Kern, os estudos comparativos realizados na Bahia pelo norte-americano Pierson, na década de 1940, que buscavam investigar as formas de se manifestar o preconceito racial nos Estados Unidos e no Brasil, resultou na tese de que “o Brasil seria uma sociedade multirracial de classes, onde o preconceito existente era antes de classe que de cor. Quando comparado ao contexto radicalizado das tensões raciais nos Estados Unidos, o preconceito racial no Brasil era considerado neutro.” (2014, p.87)

articulação densa com a questão da discriminação sexual e o feminismo. (2003, p.27)

Negros e índios, portanto, são vistos como os outros, constituídos de raça, língua e cultura inferiores e que sofrem um constante processo de subalternização. Ainda nos dias atuais, muitos brasileiros não se reconhecem como tendo sangue negro ou índio. Das peculiaridades do colonialismo luso-brasileiro, foram produzidos traços estruturais na formação cultural e ideológica do povo brasileiro que influenciaram a formação de sua identidade fragmentada, deslocada e híbrida⁸.

A respeito da experiência da colonização dentro dessa perspectiva etnocêntrica, que caracterizou a colonização do mundo moderno, Santiago faz essa importante observação:

[...] a experiência da colonização é basicamente uma operação narcísica, em que o *outro* é assimilado à imagem refletida do conquistador, confundido com ela, portanto, perde a condição única da sua alteridade. Ou melhor: perde a sua verdadeira alteridade (a de ser outro, diferente) e ganha uma alteridade fictícia (a de ser imagem refletida do europeu). O indígena é o Outro europeu: ao mesmo tempo imagem especular desse e a própria alteridade indígena recalcada. Quanto mais diferente o índio, menos civilizado; quanto menos civilizado, mais nega o narciso europeu; (SANTIAGO, 1982, p.15)

Tal observação reflete o pensamento de Frantz Fanon (2008) a respeito da formação identitária do colonizado afrodescendente no Caribe. De acordo com Fanon (2008), dessa relação com o colonizador, o colonizado desenvolve um complexo de inferioridade e passa a negar suas raízes ao adotar costumes e a linguagem da metrópole. Tal pensamento será explorado mais adiante, no capítulo 3, que trata da construção do sujeito pós-colonial.

Outro ponto importante que merece ser registrado é o papel dos intelectuais na América Latina, nas questões de alteridade e identidade. Para falar sobre as representações desses estudiosos na América Latina, é necessário, antes, estabelecer as concepções de intelectuais que nortearão o nosso estudo. Para tal, recorreremos às concepções de Edward W. Said (2005), que podem ser aplicadas na caracterização dos intelectuais na América Latina. Para Said, o intelectual é um exilado marginal, um ‘amador’, um perturbador do *status quo*, que se empenha em derrubar estereótipos e as categorias que reduzem e limitam o pensamento e a comunicação das pessoas. Ele acrescenta que os intelectuais “deveriam questionar o nacionalismo patriótico, o pensamento corporativo e o sentido de privilégio de classe, raça ou sexo” (SAID, 2005, p.13). Mesmo quando se sente impotente para realizar

⁸ Ver ensaio de Heloísa Toller Gomes: Condição pós-colonial, cultura afro-brasileira.

mudanças diretas, devido às pressões exercidas pelas autoridades sociais – os governos, as corporações e os meios de comunicação – o intelectual consegue testemunhar e registrar esse estado de coisas e aproveitar as oportunidades que surgirem para falar e conquistar a atenção do público. Ele é alguém cuja “*raison d’être*” consiste em representar todas as pessoas e todos os problemas que são sistematicamente esquecidos ou varridos para debaixo do tapete (SAID, 2005, p.26). Said acrescenta que a liberdade intelectual é uma questão relevante no desempenho desse grupo e que essa atividade intelectual visa promover a liberdade humana e o conhecimento. Ao utilizar duas características essenciais de ação desses estudiosos – saber como usar a língua e saber o momento de intervir por meio de uma comunicação eficiente – o intelectual estará agindo de modo a denunciar e a combater as violações dos direitos dos indivíduos à liberdade e à justiça. Portanto, tais características acima apresentadas refletem, com fidedignidade, a ação dos intelectuais na América Latina.

Em relação às concepções de intelectuais acima pontuadas, podemos constatar que, pelo menos em *Relato de um certo Oriente*⁹, podem ser observados intelectuais com tais representações. Segundo Allison Leão (2007), entre os intelectuais representados em *RCO*, o que reflete de maneira mais completa as concepções de Edward Said é a narradora anônima. Como veremos na análise, além de ser um sujeito acentuadamente marginal – foi dada para adoção por sua mãe biológica e esteve internada em uma clínica para alienados, depois de manifestar uma crise de histeria motivada, entre outras razões, pela vivência de situações de ansiedade, estresse e sofrimento, decorrentes de sua situação de sujeito deslocado e fragmentado – foi adotada pela família libanesa, à qual se integrou.

Outro aspecto destacado por Leão acerca da ação intelectual da narradora anônima de *RCO*, que é bastante relevante, diz respeito à sua busca do sentido através do trabalho de reflexão sobre a voz do outro. Durante a narrativa, ela dialoga sobre sua origem familiar nebulosa. Ainda segundo Leão (2007), nesse diálogo com o silêncio, ou seja, com as lacunas e os fragmentos que envolvem sua origem, à procura de um sentido para essa falta, mas sem conseguir alcançar a totalidade, ela procura ser o próprio sentido. Nesse ponto, a narradora também incorpora simbolicamente sua ação mediadora: outra característica do intelectual de Said.

Os sujeitos pós-coloniais, nascidos em Trinidad e de descendência indiana, ou seja, indotrinidadianos, como Mr. Biswas, por exemplo, enfrentam o desafio de conciliar sua herança indiana com a experiência colonial britânica nessa ilha do Caribe. Eles são retratados

⁹ Citado, a partir daqui, como *RCO*.

no romance “*A house for Mr. Biswas*”. Na obra de Naipaul são recorrentes os temas ‘senso de exílio’ e ‘falta de aceitação’ por parte do personagem, dessa sua condição de sujeito deslocado e fragmentado. Segundo David A. Wolcott (1994, p.1), muitos dos personagens de Naipaul são propensos a se deixar enganar e não percebem com lucidez o contexto que os cerca. E em consequência desse defeito/falha, eles se sentem alienados em um mundo que pouco conhecem. Edward Baugh (2007, p.5) assevera que as circunstâncias das origens de Naipaul, caracterizada pelo empobrecimento de seus ancestrais indianos, que migraram para o Caribe para satisfazer ao ego e à ganância dos colonizadores que precisavam de mão de obra barata para substituir a mão de obra escrava nas plantações de cana-de-açúcar, através do sistema de trabalho contratual (1845 a 1917), considerado um novo sistema de escravidão, provocaram em Naipaul o que ele mesmo chama de ‘nerves’, que significa certa ansiedade e medo existencial de que seu ‘eu’ seja violado e reduzido. Esse sentimento de desenraizamento e inquietação, provocado pela diáspora de seus ancestrais e seguido de muitas mudanças da família pela ilha do Caribe, estão presentes na história do protagonista Mr. Biswas. Baugh (2007, p.7) também afirma que, na obra de Naipaul, os personagens moldam suas identidades.

Já no romance, *Relato de um certo Oriente*, o sujeito pós-colonial retratado tanto é o imigrante de origem libanesa, que é visto como alteridade e representado pela matriarca Emilie e seu esposo, quanto a mulher, nascida em Manaus, de pai “desconhecido” e de mãe supostamente manauara, que fora adotada por uma família de imigrantes libaneses e é representada pela narradora-protagonista do romance. Ambos enfrentam desafios distintos: o primeiro, de conciliar sua herança libanesa com a experiência multicultural manauara (imigrantes de várias nacionalidades e nativos manauaras aculturados), e o segundo, que apresenta a condição de um sujeito deslocado, com uma identidade fragmentada, que está em busca do autoconhecimento e da reconstituição identitária.

Para que o leitor fique a par da trama narrativa dos dois romances analisados, apresentamos brevemente seus respectivos enredos. No romance *RCO*, de Milton Hatoum, a personagem principal é uma narradora anônima, que conduz a trama através de cartas trocadas com seu irmão. Nesse diálogo, ela procura resgatar sua memória, para entender e encontrar explicações para sua vida. Recém-saída de uma clínica psiquiátrica, ela retorna a Manaus, sua cidade natal, depois de quase vinte anos de ausência, quando começa a relembrar histórias do seu passado e da família que a adotou. Nessa busca pela elucidação de muitos fatos que ficaram obscuros para ela até o presente, a narradora dá voz a outros personagens com os quais conviveu durante a infância.

*A house for Mr. Biswas*¹⁰, de V. S. Naipaul, é um romance escrito na terceira pessoa, cuja história aconteceu na ilha caribenha de Trinidad, na primeira metade do Século XX, e se estendeu por um período de 46 anos, que equivale ao tempo de vida do protagonista do romance. Mr. Biswas nasceu numa família de origem indiana, na zona rural de Trinidad; apesar de pobre, a família é de alta casta. Seu nascimento foi considerado desastroso por um *pundit* hinduísta, por ter nascido com seis dedos, na posição errada e à meia-noite. Tal profecia foi concretizada quando seu pai morreu afogado ao tentar salvá-lo por engano, por achar que ele havia caído no rio. Depois que o pai morreu, a família de Biswas se dividiu, e ele passou o resto da infância com sua mãe, na casa de uns parentes. Ainda jovem, ele saiu em busca da própria sorte e se casou com uma moça, também de família indiana. Depois do casamento, ele se tornou muito infeliz, por não aceitar as condições impostas pela família de sua esposa, e começou a lutar por sua independência econômica e a tentar conquistar a própria identidade. Apesar de não ter concluído os estudos, Mr. Biswas conseguiu um emprego de jornalista. Teve quatro filhos com Shama, sua esposa, e tentou, várias vezes, possuir uma casa – a primeira foi destruída durante uma chuva forte, e a segunda, em um incêndio. Alguns anos antes de morrer, ele, finalmente, conseguiu um empréstimo com sua tia Tara, para comprar uma casa em *Sikkim Street* que, além de superfaturada, apresentou uma série de defeitos de construção, que o levou a contrair mais débitos para tentar corrigi-los. A determinação por possuir uma casa foi o símbolo de sua independência e de sua vitória.

Também consideramos relevante tecer algumas considerações sobre o sujeito migrante, porquanto ele é representado nas duas obras. Trata-se de um sujeito deslocado que, apesar de se identificar com sua cultura de origem, deixa de ter, em seu lugar de origem, a única fonte de identificação. Tanto os pais de Mr. Biswas – protagonista do romance de Naipaul – inclusive a família de sua esposa, quanto os pais adotivos da narradora protagonista de *RCO* são imigrantes da Índia e do Líbano, respectivamente, e compartilham dessa condição de sujeitos deslocados. Segundo Stuart Hall (2003, p.27), “na situação da diáspora, as identidades se tornam múltiplas.” Tal característica da identidade desse sujeito pós-colonial será explicada no capítulo intitulado: A construção do sujeito pós-colonial. Uma das peculiaridades que tem sido observada sobre o sujeito que passou por uma experiência de migração é o fato de sentir dificuldades para se readaptar à sua sociedade de origem, ao retornar à sua terra natal.¹¹ Stuart Hall (2003, p.27) acrescenta que a sensação de

¹⁰ Citado, a partir daqui, como *AHMB*.

¹¹ Consultar o livro de Mary Chamberlain – *Narratives of Exile and Return* – mencionado por HALL, Stuart. **Da diáspora:** Identidade e mediações culturais. p.27.

‘deslocamento’, frequentemente experimentada por esses sujeitos que vivenciaram a experiência da diáspora, ocorre porque eles são vistos como se os elos naturais e espontâneos que tinham antes tivessem sido interrompidos por suas experiências diaspóricas. Podemos perceber que tanto os pais de Mr. Biswas quanto os pais adotivos da narradora protagonista de *RCO*, que vivenciaram a experiência da diáspora, manifestam essa sensação de deslocamento, como veremos nas análises dos dois romances.

Como vimos, a identidade do sujeito pós-colonial está relacionada a vários elementos de sua história, entre eles, a classe social, o país e a região de sua origem, onde se encontra, sua raça, etnia e gênero. Para Williams (1969) *apud* Bonnici (1998, p.17), “os traços da história jamais podem ser apagados ou ignorados. A cultura híbrida e sincrética dos povos pós-coloniais é fator positivo e uma vantagem da qual recebe a sua identidade e força.” No entanto, esse sujeito deslocado e fragmentado, afetado pelo processo colonizador que tenta apagar suas raízes e sua voz, vê-se obrigado a construir uma nova subjetividade a partir da convivência com as diversidades.

Quando estudamos a cultura caribenha, verificamos que ela apresenta uma diversidade cultural que tem alguma semelhança com a do Brasil: as raízes do povo caribenho não estão somente no Caribe, mas também na Europa, na África e na Ásia. Leiam-se, pois, estas palavras de Hall:

Senti a ‘África’ mais próxima da superfície do Haiti e na Jamaica. Ainda assim, a forma como os deuses africanos haviam sido combinados com os santos cristãos no universo complexo do vodu haitiano constitui uma mistura específica [...]

Senti-me próximo à França tanto no Haiti quanto na Martinica, mas há França diferentes: [...] Em Barbados, como esperado, senti maior aproximação com a Inglaterra e sua disciplina social implícita – [...] Contudo, os hábitos, costumes e a etiqueta social específicos de Barbados são claramente uma tradução, através da escravidão africana, daquela cultura do engenho, íntima e de pequena escala, que reconfigurou a paisagem barbadiana. Sobretudo em Trinidad, as complexas tradições do ‘Ocidente’ e do Oriente’ – das Rainhas do Carnaval Indiano, das barraquinhas de *roti*, pão indiano, no local do carnaval, [...] e o ritmo nitidamente hispânico-católico de pecado-contrição-absolvição (o baile da terça-feira de carnaval seguido pela missa da quarta-feira de cinzas) tão próximo ao caráter de Trinidad. Em toda parte, hibridismo, *différance*. (STUART HALL, 2003: p.32-33)

A cultura caribenha é, portanto, o que Hall (2003, p.32-33) chamou de “resultado do maior entrelaçamento e da fusão, na fornalha da sociedade colonial, de diferentes elementos culturais africanos, asiáticos e europeus”. Para se entender a complexidade que envolve a construção da identidade caribenha, é preciso tratar da questão da diáspora. Stuart Hall

enuncia, ainda, que, nesse hibridismo cultural, resultado da mistura de seres humanos e suas culturas, não se estabelece uma relação de igualdade entre os elementos diferentes, pois as relações de poder, sejam elas de dependência ou de subordinação, são impostas pelo próprio colonialismo.

Os momentos de independência e pós-colonial, nos quais essas histórias imperiais continuam a ser vivamente retrabalhadas, são necessariamente, portanto, momentos de luta cultural, de revisão e de reapropriação. Contudo, essa reconfiguração não pode ser representada como uma ‘volta ao lugar onde estávamos antes’, já que, como nos lembra Chambers, ‘sempre existe algo no meio’.¹⁸ Esse algo ‘no meio’ é o que torna o próprio Caribe, por excelência, o exemplo de uma diáspora moderna. (STUART HALL, 2003, p.34-35) (sic)

Considerando essas abordagens sobre o sujeito pós-colonial, as duas obras foram lidas numa perspectiva pós-colonial, considerando-se o sujeito e toda a sua problemática identitária, a temporalidade do entre-lugar e o espaço liminar de significação que, segundo Bhabha, “é marcado internamente pelos discursos de minorias, pelas histórias heterogêneas de povos em disputa, por autoridades antagônicas e por locais tensos de diferença cultural” (BHABHA, 2007, p.209-210), porquanto, nos dois romances, ambos os protagonistas se encontram nesse entre-lugar: Mr. Biswas, filho da diáspora indiana em Trinidad, que tinha que conviver com a sociedade multicultural/multiétnica da ilha, num contexto capitalista e competitivo, além de ter vivenciado várias condições de subalternidade, não só em sua família, mas também na família de sua esposa e no trabalho; e a narradora inominada do *RCO*, cuja mãe biológica a entregou para adoção a uma família de imigrantes libaneses e que tinha de conviver com o trauma do abandono e vivenciar a experiência da transculturação na sociedade manauara, caracterizada pela diversidade cultural/étnica, e que está inserida num espaço marginal, que é o estado do Amazonas.

Nosso objetivo geral é, portanto, o de estudar a condição pós-colonial e as representações do sujeito pós-colonial nos romances *A house for Mr. Biswas*, através do protagonista Mr. Biswas, e *Relato de um certo Oriente*, através da narradora/protagonista anônima. Analisamos as representações desses sujeitos, estudando o imigrante em *AHMB* – personagem principal: indotrinidadiano – e uma manauara adotada por imigrantes libaneses em *RCO* – a narradora protagonista inominada.

Tal escolha se justifica pela complexidade e pela ambivalência de ambos os personagens. Neste trabalho, também elencamos os seguintes objetivos específicos: observar como o discurso desses sujeitos se materializa nas duas obras estudadas; observar como o

tempo e o espaço são explorados nessas obras em função da problemática; verificar como o sentido de pertencimento étnico/cultural é explorado nas duas obras estudadas e discutir sobre a forma como os conceitos de regionalismo e alteridade são problematizados nesses romances.

Produzimos o trabalho a partir da leitura dos seguintes teóricos, que fundamentaram o estudo crítico-analítico a respeito das obras de V.S. Naipaul e Milton Hatoum: Albert Memmi, Ania Loomba, Bill Ashcroft, Édouard Glissant, Edward Said, Frantz Fanon, Gayatri C. Spivak, Homi Bhabha, John Clement Ball, John McLeod, Manuel Castells, Robert Young, Salman Rushdie, e Stuart Hall. Também consultamos teses e dissertações, artigos de revistas e de periódicos, assim como artigos encontrados em sites da internet acerca do assunto apresentado, e pesquisamos sobre a condição pós-colonial, o sujeito pós-colonial e sua construção simbólica. Tomando como base os objetivos apresentados, os procedimentos metodológicos consistiram em apresentar definições do termo pós-colonial; tecer considerações sobre a construção do sujeito pós-colonial; fazer uma revisão crítica das obras supracitadas do corpus e estudar o sujeito pós-colonial nas duas obras.

Para efeito de organização, nosso trabalho foi dividido em quatro capítulos. No primeiro – Definindo o pós-colonial – apresentamos o conceito do termo pós-colonial, através de uma revisão crítica; no segundo – A construção do sujeito pós-colonial: uma discussão teórica – descrevemos brevemente a construção/gênese desse sujeito, para o leitor se inteirar de como ele se formou; no terceiro – *A house for Mr. Biswas* e *Relato de um certo Oriente*: uma revisão crítica – fizemos uma breve apresentação de várias análises do sujeito pós-colonial nos dois romances; no quarto – O sujeito pós-colonial nos dois romances – analisamos os protagonistas dessas narrativas, numa perspectiva pós-colonial. Entre as questões estudadas, destacamos a experiência da imigração e os efeitos produzidos pela transculturação nos dois protagonistas dos romances analisados.

2 DEFININDO O PÓS-COLONIAL

A definição do termo ‘pós-colonial’ mais aceita por vários autores foi a proposta por Ashcroft, por ser de cunho mais amplo: “We use the term ‘post-colonial’, however, to cover all the culture affected by the imperial process from the moment of colonization to the present day” (ASHCROFT, BILL; et al, 2004, p.2)¹². Por conseguinte, podemos considerar autores pós-coloniais todos aqueles intelectuais que, segundo Bonnici (2004, p.265), por meio da relação entre a metrópole e a periferia, tenham dado ênfase à experiência da colonização e que, ao se posicionar através da tensão com o poder imperial, tenham ressaltado suas diferenças diante dos pressupostos do poder imperial.

Ella Shohat (1992, p.102) chama à atenção para o fato de que essa formulação expandida do termo pós-colonial, que foi proposta por Ashcroft et al. (2004, p.2), tornou-se problemática, porque enquadra formações nacionais e raciais muito diferentes em um mesmo padrão de pós-colonial, pois sabemos que a condição dos Estados Unidos, da Austrália e do Canadá não é a mesma da Nigéria, da Jamaica e da Índia:

Positioning Australia and India, for example, in relation to an imperial Center, simply because they were both colonies, equates the relations of the colonized white-settlers to the Europeans at the ‘center’ with that of the colonized indigenous populations to the Europeans. [...] Similarly, white Australians and Aboriginal Australians are placed in the same ‘periphery’, as though they were co-habitants vis-à-vis the ‘center’. (SHOHAT, 1992, p.102)¹³

Nesse sentido, o termo pós-colonial ocultaria dos povos indígenas e não brancos as políticas racistas e colonialistas dos colonos brancos (white-settlers), antes e depois da independência.

Para vários estudiosos¹⁴, o ‘pós-colonial’ é um período histórico que junta histórias, temporalidades e diferentes formações raciais em uma mesma categoria universalizante. Esse

¹² “Usamos o termo ‘pós-colonial’ para abranger todas as culturas condicionadas pelo processo imperial, desde a colonização até o presente”. [Tradução nossa do inglês para o português].

¹³ Colocar a Austrália e a Índia, por exemplo, em relação a um centro imperial, simplesmente porque ambas foram colônias, é o mesmo que equiparar as relações dos colonos brancos colonizados com os europeus do ‘centro’, com as relações das populações indígenas colonizadas e com os europeus. [...] De modo semelhante, australianos brancos e australianos aborígenes são colocados na mesma ‘periferia’, como se fossem coabitantes em relação ao ‘centro’. [Tradução nossa do inglês para o português].

¹⁴ Stuart Hall (2003), ao explorar as questões relacionadas ao conceito de ‘pós-colonial’, em seu ensaio, *Quando foi o pós-colonial? Pensando no limite*, analisa os comentários críticos de vários estudiosos no campo do pós-colonialismo, entre eles, Ella Shohat, Anne McClintock e Arif Dirlik. (SHOHAT, 1992; MCCLINTOCK, 1992; DIRLIK, 1994).

período emergiu depois do final do colonialismo¹⁵ e relaciona-se ao final da era dos grandes impérios coloniais europeus, cujas estruturas de controle colonial começaram a ruir em diversos períodos da história – entre os Séculos XVIII e XX – com a conquista da independência de várias colônias de suas respectivas potências colonizadoras: os Estados Unidos da América, no final do Século XVIII; a América Latina, no Século XIX, com o final do domínio/controlado espanhol e português, e a Índia, o Caribe e os países da África, no Século XX, com o final do império britânico e do francês. Na realidade, houve vários períodos de colonialismo na história do mundo – até as potências colonizadoras acima destacadas já foram colônias em épocas anteriores. Mas, nesse modelo de pós-colonialismo proposto, estão incluídas as colônias que conquistaram sua independência do Século XVIII ao XX. Entre as proposições apresentadas por esses críticos, destacamos a que concebe que o ‘pós-colonial’ é “politicamente ambivalente, porque obscurece as distinções nítidas entre colonizadores e colonizados, até aqui associadas aos paradigmas do ‘colonialismo’, do ‘neocolonialismo’ e do ‘terceiro mundismo’ que ele pretende suplantir” (HALL, 2003, p.102), além de ser um conceito criticado por sua linearidade e sua “suspensão arrebatada da história” (McCLINTOCK, 1992 *apud* HALL, 2003, p.102). Isso quer dizer que o conceito é utilizado para marcar o encerramento de um período histórico, com a ideia de que o colonialismo, juntamente com seus efeitos, estivesse acabado.

Stuart Hall (2003) enuncia que, quando se utiliza o conceito ‘pós-colonial’, não se deve somente observar as discriminações (fazer uma discriminação mais criteriosa entre diferentes formações sociais e raciais) e as especificidades do termo, mas também estabelecer o nível de abstração em que o termo está sendo aplicado, para evitar uma ‘universalização’ falsa. Ele reforça esse argumento, ao destacar uma avaliação de Mani e Ruth Frankenberg¹⁶, que alertam para o fato de que “nem todas as sociedades são ‘pós-coloniais’ num mesmo sentido e que, em todo caso, o ‘pós-colonial’ não opera isoladamente, mas ‘é, de fato, uma construção internamente diferenciada por suas interseções com outras relações dinâmicas” (1993 *apud* HALL, 2003, p.106-107). Hall acrescenta que se deve considerar o contexto do passado colonial de cada nação, porque a maneira, o momento e as condições de cada colonização e independência são bastante diversos, e que o conceito ‘pós-colonial’ nos ajuda

¹⁵ O crítico indiano, Aijaz Ahmad, argumenta que, devido à complexidade dessa área de estudo, seria problemático ampliar a abrangência do termo ‘colonialismo’ para analisar todas as suas configurações – que remontam a períodos históricos anteriores aos impérios coloniais europeus, tais quais os impérios Inca, Otomano e Chinês – bem como considerar todos os tipos de opressão nacional mais recentes – como a praticada pelo governo da Indonésia no Timor Leste (CHILDS, P.; WILLIAMS, R.J.P, 1997, p.2).

¹⁶ FRANKENBERG, R.; MANI, I. **Crosscurrents, Crosstalk: Race, ‘Postcoloniality’ and the politics of Location.** Cultural Studies, v.7, n. 2, 1993.

a descrever ou caracterizar a mudança nas relações mundiais, que marca a transição irregular do período dos Impérios para o momento após-independência ou pós-descolonização.

Stuart Hall (2003) assevera que o termo pós-colonial se refere ao processo geral de descolonização que marcou as sociedades colonizadoras e as colonizadas de formas distintas, embora com a mesma intensidade. A mobilização política anticolonial foi motivada pelos efeitos negativos desse processo e visava voltar às origens culturais não contaminadas pela experiência colonial. No entanto,

[...] os efeitos culturais e históricos a longo prazo do ‘transculturalismo’, que caracterizou a experiência colonizadora, demonstraram ser irreversíveis. As diferenças entre as culturas colonizadora e colonizada permanecem profundas. Mas nunca operaram de forma absolutamente binária, nem certamente o fazem mais. (HALL, 2003, p.108).

Ainda sob o ponto de vista de Hall, o termo pós-colonial, além de descrever uma época ou sociedade, faz uma releitura da ‘colonização’ “como parte de um processo global essencialmente transnacional e transcultural e produz uma reescrita descentrada, diaspórica ou global das grandes narrativas imperiais do passado, centrada na nação” (HALL, 2003, p.109). O autor refere que são as relações transversais e laterais, também denominadas de diaspóricas, que complementam e deslocam as noções de centro e periferia e fazem com que o global e o local reorganizem e moldem um ao outro.

Para o pós-colonial, a ‘colonização’ não representa somente um domínio direto de determinadas regiões do mundo pelas potências imperiais, mas também, segundo Hall, “o processo inteiro de expansão, exploração, conquista, colonização e hegemonia imperial que constituiu a ‘face mais evidente’, o exterior constitutivo, da modernidade capitalista européia e, depois, ocidental após 1492” (HALL, 2003, p.113). Esse autor entende que a colonização deve ser compreendida, nos dias atuais, considerando-se as relações verticais entre os colonizadores e os colonizados e

[...] como essas e outras formas de relações de poder sempre foram deslocadas e descentradas por outro conjunto de vetores – as ligações transversais ou que cruzam as fronteiras dos Estados-nação e os inter-relacionamentos global/local que não podem ser inferidos nos moldes de um Estado-nação. (HALL, 2003, p.113)

Por isso, o ‘pós-colonial’ se torna sensível para sintonizar com as dimensões consideradas problemáticas, quais sejam: “as questões do hibridismo e do sincretismo e da indecidibilidade cultural e as complexidades da identificação diaspórica que interrompem

qualquer ‘retorno’ a histórias originais fechadas e ‘centradas’ em termos étnicos” (HALL, 2003, p.114). Portanto, na interpretação de Hall, tanto as cidades multiculturais do ‘Primeiro Mundo’ quanto as ‘colônias’ são consideradas espaços hibridizados e regiões diaspóricas em relação às suas supostas culturas de origem.

Assim, ‘pós-colonial’ deixa de ser uma categoria histórica, porque não se refere ao que houve depois do colonialismo ou à descolonização como um evento histórico, e passa a ser utilizado como um conceito ideológico. Nessa perspectiva, a crítica pós-colonial desaprova, sem fazer distinção, todas as formas de nacionalismo, enquanto ressalta a migração, a liminaridade, o hibridismo e a multiculturalidade (LAZARUS, 2004, p.4).

O termo pós-colonial, como observado por Stuart Hall (1997), além de não apresentar o mesmo sentido em todos os países, não se limita a uma nação ou sociedade. Isso se deve ao fato de que cada país vivenciou uma experiência colonial específica e, por conseguinte, suas experiências pós-coloniais poderão ser diversas em vários aspectos. Nesse contexto, o termo pós-colonial é utilizado para se referir “ao processo geral de descolonização que, tal como a própria colonização, marcou com igual intensidade as sociedades colonizadoras e colonizadas (de formas distintas, é claro)” (HALL, 1997, p.101). Então, considerando que não existem processos de colonização uniformes, também não podemos falar de um único sujeito pós-colonial, porque as identidades do sujeito pós-colonial são marcadas por diversos elementos que estão relacionados à sua história, à sociedade, à classe social, ao gênero e à etnia. É esse caráter múltiplo e fragmentado que caracteriza a identidade do sujeito pós-colonial, que é resultante do cruzamento das identidades do sujeito colonizado e do colonizador, ou seja, o sujeito pós-colonial é constituído de traços da cultura de seus ancestrais que também assimilaram aspectos da cultura do colonizador.

Os estudos pós-coloniais estão centrados, portanto, nos efeitos da colonização sobre as culturas e as sociedades colonizadas, ressaltam as vozes dessas populações periféricas e suas culturas e, como lembra Guedes (2004, p.51-52), questionam a posição hegemônica das potências imperialistas, que oprimiram e escravizaram os colonizados, quase sempre, tentando apagar sua língua, sua história, sua religião e sua cultura. Os assuntos pós-coloniais são bastante diversos, pois a natureza da maioria dos escritos pós-coloniais é determinada pelos aspectos geográficos, históricos, sociais, religiosos, políticos e econômicos das ex-colônias. Entre as questões estudadas, destacamos: subjetividade, ideologia, linguagem e poder. Entre as várias experiências discutidas na teoria pós-colonial, Ashcroft (2003, p.2) menciona a migração, a escravidão, a supressão, a resistência, a representação, a raça, a diferença, o gênero e o lugar.

Ashcroft (2004) concebe que a teoria literária pós-colonial questiona o pensamento europeu, cuja visão de mundo é polarizada entre centro e periferia, ao considerar a natureza das sociedades pós-coloniais e os tipos de hibridismo que são produzidos pelas várias culturas e evidenciar a natureza sincrética e multicultural da realidade desses povos. Nessa perspectiva pós-colonial, o hibridismo coloca em cheque aquela concepção de passado que evidenciava a ancestralidade e que valorizava o ‘puro’ em oposição ao ‘composto’. Ashcroft (2004, p.35) acrescenta que, nos vários modelos de análise, o lugar é considerado um elemento muito importante e passou a ser mais privilegiado do que o tempo. Nesse contexto, a pluralidade espacial substituiu a linearidade temporal. Portanto, as noções europeias de história e de ordenamento do tempo foram rompidas, e a história passou a ser reescrita e realinhada sob o ponto de vista das vítimas, ou seja, a perspectiva passou a ser a do ‘Outro’. Com essa inversão de polos, o conceito de dominância, como principal regulador das sociedades humanas, apesar de continuar sendo reconhecido, começou a ser desafiado.

No mundo pós-colonial, a diferença é aceita, ou seja, a interação entre culturas passa a ser reconhecida e a contribuir para acabar com o mito de ‘pureza’ de grupo, o qual, até então, era nutrido pela concepção de história humana de conquista e aniquilação, que caracterizava os processos imperiais de dominação e constante hegemonia. (ASHCROFT, 2004, p.35)

Ainda segundo Ashcroft (2004), as abordagens recentes reconhecem que a força da teoria pós-colonial está em sua metodologia comparativa. Nessa visão, as diferenças são analisadas com equidade, o que possibilita que teorias multiculturais, tanto em cada sociedade quanto entre sociedades, possam ser exploradas com mais eficiência. A linguagem também exerce uma função decisiva nas literaturas pós-coloniais, ao ser empregada de diversas formas para expressar as diferentes experiências culturais e negociar o que Ashcroft (2004, p.38) chama de “*a gap between worlds*” – um vazio entre mundos. A escrita pós-colonial, ao receber a língua do centro em um discurso adaptado para o lugar do colonizado, através dos processos simultâneos de ab-rogação – negação dos padrões de uso correto da língua do centro – e de apropriação – reconstituição da língua do centro – transforma a língua em um instrumento de poder. Tais diferenças podem ser observadas no léxico, na ortografia, na gramática e na sintaxe.

Quanto ao discurso das sociedades pós-coloniais, o Brasil se enquadra no grupo linguístico monoglota (monoglossic), e sua língua nativa é o português, pois, com o início da colonização portuguesa, a língua nativa dos indígenas foi gradativamente suprimida até ficar restrita a algumas aldeias remotas que tiveram pouca interação com falantes da língua portuguesa. No entanto, as sociedades como o Brasil, por exemplo, que falam uma só língua,

não apresentam um discurso uniforme ou padrão, mas peculiaridades linguísticas tão significativas quanto as das comunidades linguísticas mais complexas, como as diglósicas (diglossics) ou poliglóticas (poliglossics). Já o Caribe faz parte das comunidades poliglóticas (poliglossics) ou polidialéticas, onde vários dialetos se entrelaçam e formam um contínuo linguístico compreensível. Em comunidades como o Caribe, a língua inglesa passa por um processo de reconstrução de duas maneiras: as variantes de inglês regional não só introduzem palavras que se tornam familiar a todos os falantes do inglês, como também produzem peculiaridades nacionais e regionais que as distinguem de outras formas do inglês. Isso se deve ao caráter versátil da língua, que está constantemente mudando e crescendo, para se adaptar às diferentes necessidades/exigências culturais. Portanto, Ashcroft (2004, p.40) chama à atenção para duas questões importantes: que a natureza sincrética e hibridizada da experiência pós-colonial vai de encontro à posição privilegiada de uma língua com um código padrão e a qualquer visão monocêntrica da experiência humana; e que a variante linguística, que é uma característica dos textos pós-coloniais, tornou-se metonímica de diferença cultural.

O sujeito pós-colonial emergiu num contexto de frequentes migrações que ocorreram no Século XX. Por essa razão, como observado por Ania Loomba (2000, p.180), a experiência da ‘poscolonialidade’ tem sido representada por identidades diaspóricas, que são marcadas por hibridismos de diversas naturezas, que precisam ser observados considerando-se as especificidades de cada cultura que se uniu ou se enfrentou durante o período colonial. Portanto, como afirma Bhaba (2007), nem o colonizador nem o colonizado são independentes um do outro, e como essas identidades coloniais – dos dois lados – são instáveis e se encontram em constante movimento, o sujeito colonial não é unificado, como tem sido afirmado por colonialistas e nacionalistas.

Assim como existem temas em comum entre diferentes tipos de experiências diaspóricas e exílios, há grandes diferenças entre essas experiências diaspóricas. (LOOMBA, 2000) Outro aspecto relevante observado por Loomba é que a experiência da diáspora também é marcada por classe e pelas histórias de cada grupo que migra. Ela também chama à atenção para a existência de outro tipo de deslocamento – o grande número de pessoas que não se desloca fisicamente e que precisa falar do espaço onde se encontra, rompido e fragmentado ideológica, política e/ou emocionalmente. Portanto, esses diferentes tipos de deslocamentos resultam em subjetividades divididas de formas diferentes, que precisam ser contextualizadas para ser devidamente analisadas.

Stuart Hall (2003, p.27) sugere que a identidade cultural tanto envolve o ‘ser’ quanto o ‘se tornar’ e que, por isso, os colonizados não podem simplesmente retornar para sua antiga

cultura pré-colonial e perpetuar sua antiga identidade e o senso de ‘si mesmos’, porque, como alerta Gayatri Spivak (1988, p.211-213), não podemos recuperar culturas pré-coloniais e separá-las da história do colonialismo porque o pré-colonial não está mais disponível em sua forma pura. O sujeito pós-colonial é complexo, resultado da mistura de diversas histórias coloniais e que não pode mais ser visto como alteridade ou como uma oposição binária entre colonizador e colonizado. Devemos, então, considerar os temas da migração, do exílio e do hibridismo, que serão explorados em nossa análise, e avaliar seus aspectos ideológicos, políticos e emocionais, assim como seus cruzamentos nas múltiplas histórias de colonialismo e pós-colonialismo, para que possamos compreender bem mais o sujeito pós-colonial.

Bhabha (2007, p.19) afirma que a tomada de consciência das diversas posições do sujeito – de raça, gênero, geração, local institucional, localidade geopolítica, orientação sexual – que passaram a caracterizar a identidade no mundo moderno, ocorreu devido ao afastamento das categorias conceituais e organizacionais básicas de classe ou gênero. Além disso, as estratégias de subjetivação, singular ou coletiva, passaram a ser elaboradas naqueles momentos de confronto das diferenças culturais, e foram além das narrativas de subjetividades originárias e iniciais. Isso se justifica porque é nesses ‘entre-lugares’ que novos signos de identidade são formados, através do intercâmbio de valores, de significados e de prioridades, que tanto podem ser um processo consensual quanto antagônico e conflituoso (BHABHA, 2007).

Portanto, os hibridismos culturais surgem desse embate cultural, que envolve negociações complexas de articulação social da diferença e da perspectiva da minoria.¹⁷ Nesse momento intervalar, a lógica binária de construção das identidades de diferença – branco/negro, eu/outro – é deslocada e dá lugar a um espaço liminar, que evita que as identidades, em cada extremidade, estabeleçam-se em polaridades primordiais. Bhabha (2007) acrescenta que o processo de interação entre as identidades fixas, que ocorre no espaço liminar, possibilita a formação de um hibridismo cultural que aceita as diferenças sem impor hierarquia.

Quando se fala de hibridismo, nos estudos pós-coloniais, vem logo a ideia de sobreposição mútua de culturas consideradas “centrais” e “periféricas”, pois, segundo Ella Shohat (1992, p.108), “hibridismo” e “sincretismo” permitem que seja negociada uma

¹⁷ Para questões de aprofundamento sobre o fenômeno da hibridação cultural nos países da América Latina, sugerimos a leitura de Nestor Garcia Canclini (1997), mais especificamente, o capítulo intitulado “Culturas híbridas, poderes oblíquos”. Nesse capítulo, Canclini expõe sobre a construção da hibridez cultural nas sociedades latino-americanas e destaca a expansão urbana entre as causas da intensificação da hibridação cultural.

multiplicidade de identidades e de posições do sujeito, resultantes de deslocamentos, imigrações e exílios. Dessas negociações, são formados sujeitos com múltiplas perspectivas e posições culturais. Shohat (1992, p.110) destaca que é preciso analisar o “hibridismo” de maneira diferenciada, e não, universalizante, e contextualizá-lo nas atuais hegemonias neocoloniais. Ela refere que também é preciso identificar as diversas modalidades de hibridismo, como por exemplo: assimilação forçada, autorrejeição internalizada, cooptação política, conformismo social, mímica cultural e transcendência criativa.

No próximo capítulo, abordaremos a construção do sujeito pós-colonial.

3 A CONSTRUÇÃO DO SUJEITO PÓS-COLONIAL: UMA DISCUSSÃO TEÓRICA

Nesse capítulo, discutiremos sobre a formação do sujeito pós-colonial, tomando como ponto de partida o momento colonial, que foi decisivo/determinante para o surgimento desse novo sujeito, porquanto o processo de colonização provocou profundas transformações no sujeito colonizado, pois, como referido por vários teóricos do pós-colonialismo, entre eles, Ngugi wa Thiong'o¹⁸,

[...] one of the more damaging effects of colonization was the psychological dissonance and alienation experienced by colonized peoples ('Literature and Society', *Writers in Politics*, 1973, 1981). In the colonized world, whether native or settler, high culture and significance were believed to come from elsewhere. Neither the official language, nor the literature of the colonizer encountered as part of a colonial education, corresponded to native experience, which by contrast appeared the more marginal, the more degraded. (BOEHMER, 1995, p.188-189)¹⁹

As grandes transformações sociais, políticas, econômicas e tecnológicas ocorridas no mundo contemporâneo contribuíram para que o período moderno passasse a ser visto como “espiritualmente destituído e alienado, a era da ansiedade e da ausência de vínculos” (SAID, 2003, p.46). Na realidade, o que caracteriza esse mundo contemporâneo é o fato de a identidade da sociedade moderna ser marcada pela heterogeneidade, pela troca cultural e pela diversidade, devido à longa história de interação cultural. Isso se deve, em parte, ao que Stuart Hall (2003, p.45) chama de processos de migrações (livres e forçadas) por todo o planeta, que estão mudando de composição e contribuindo para diversificar as culturas e pluralizar as identidades culturais não só das antigas potências imperiais mas também de todo o planeta.

Nesse estudo, consideramos necessário evidenciar a imigração indiana, em Trinidad, e a libanesa, no Brasil, para que possamos entender bem mais a representação dos dois protagonistas nos romances de V.S. Naipaul e M. Hatoum. Sobre a imigração indiana no

¹⁸ Ngugi wa Thiong'o é romancista e teórico da literatura pós-colonial. Nasceu no Quênia, uma colônia de povoamento britânica, no período de 1895 a 1963. Ele também é professor dos Departamentos de Inglês e de Literatura Comparada na Universidade da Califórnia - Irvine. Nos anos 70, quando sua obra começou a ser reconhecida, ele deixou de publicar em inglês para publicar em gikuyu, seu dialeto, com a justificativa de que, com ele, conseguia explorar a musicalidade da linguagem mais do que com o inglês. Ele também acreditava que, com essa iniciativa, contribuiria para manter seu idioma africano vivo. (<http://www.ngugiwathiongo.com/> e <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2015/07/>)

¹⁹ Um dos efeitos mais prejudiciais à colonização foi a experiência da dissonância psicológica e a alienação vivenciada pelos povos colonizados. No mundo colonizado, seja nativo ou colono, acreditava-se que alta cultura e significância viessem de outro lugar. Nem a língua oficial nem a literatura do colonizador, que eram partes constituintes da educação colonial, correspondiam à experiência nativa que, em contraste, apresentava-se como a mais marginal, a mais degradada. [Tradução Nossa]

Caribe, falaremos mais adiante, ainda nesse capítulo. Quanto à imigração libanesa no Brasil, começou na segunda metade do Século XIX e foi motivada pelas dificuldades econômicas e políticas – grave crise e conflito entre cristãos e muçulmanos – enfrentadas pelos libaneses em seu país.²⁰ Esse foi um período de grande fluxo imigratório no país:

O progressivo processo de abolição da mão-de-obra escrava é fator que impulsiona o governo brasileiro a admitir trabalhadores estrangeiros no país. Entre as nacionalidades que se destinaram ao Brasil estão os libaneses. [...] O relacionamento político entre cristãos e muçulmanos no Líbano estava longe de ser dos melhores, os cristãos se recolhiam em montanhas onde viviam de atividades rurais. Mesmo assim ainda sofriam com medidas autoritárias dos muçulmanos, como é o caso do tratamento rude que sofriam dos soldados do exército maometano. (GASPARETTO JR, p.1-2)

Os imigrantes libaneses que vinham para o Brasil procuravam se estabelecer nas regiões com melhores condições de vida. A imigração árabe ocorreu em quatro fases: na primeira fase, de 1850 a 1900, a imigração ocorreu em várias regiões do país; a segunda fase, de 1900 a 1918, devido ao avanço do processo de imigração, já se podia falar em colônias árabes no Brasil; nas duas fases finais, de 1918 a 1950, o maior número de imigrantes libaneses se destinou ao sul do país, devido ao crescimento econômico da região, decorrente da industrialização e da urbanização.²¹ No entanto, a maioria dos libaneses não veio ao Brasil para trabalhar nas lavouras de café. Eles se instalaram nas cidades para explorar o comércio, o que explica o fato de os libaneses estarem espalhados por várias regiões do Brasil:

Os imigrantes se concentraram nos dois pólos econômicos do país, a Amazônia, que contava com o ciclo da borracha e o Sul, que passava pelo ciclo do café. Porém, alguns reemigravam do Sul para o Norte, já que as condições econômicas eram melhores. [...] Hoje, o Brasil possui a maior colônia de árabes fora do país de origem, sendo que grande maioria são [sic] libaneses. (DELPHINO, 2010, p.1)

Desse modo, os libaneses contribuíram para o desenvolvimento do comércio nacional. Só depois que Getúlio Vargas adotou políticas restritivas à imigração, quando assumiu a presidência, foi que o fluxo de imigrantes libaneses foi reduzido. No romance de Hatoum, tanto a atividade comercial exercida pelos libaneses, no Brasil, quanto a questão da prática religiosa desse grupo são representadas pelo casal de imigrantes libaneses, Emilie e seu

²⁰ No artigo *Os libaneses e a Amazônia*, Abrahim Baze destaca que muitos libaneses encontraram na imigração a saída para escapar dos conflitos étnicos e religiosos que começaram no período de dominação turca e se agravaram depois da Primeira Guerra Mundial, no período de protetorado francês. (p.44)

²¹ Gasparetto Júnior se baseia em dados da Embaixada do Líbano no Brasil.

marido cujo nome não é revelado. O casal possui uma loja – A Parisiense – que proporciona o sustento da família; Emilie é católica, e seu marido, muçulmano, e apesar de cada um procurar respeitar a religião do cônjuge, são evidenciados conflitos entre o casal, motivados por suas diferentes crenças e práticas religiosas:

– Deve ser uma das proibições do Livro – ironizou Emilie –, mas hoje quem dita o que pode e não pode sou eu, não um analfabeto guerreiro que se diz Profeta e Iluminado. [...] E, sem afastar o leque do rosto, passou a enumerar com uma voz carregada de ira e vexame os santos de gesso pulverizados, os de madeira quebrados barbaramente, a Nossa Senhora da Conceição espatifada e o Menino Jesus destruído. [...]
 – É sinal de que já encontrou... – disse Emilie, bruscamente. Só então soubemos que ela havia escondido o Livro, e que meu pai tinha vedado a casa para que o espaço entrevado impedisse todo ser humano de enxergar algo antes do reaparecimento do Livro. (RCO, 2010, p.34, 39, 43)

Como podemos perceber, no trecho acima destacado, são evidenciados atos de intolerância religiosa mútua, motivados por desavenças do cotidiano. Se, de um lado, o marido de Emilie, ao destruir as imagens dos santos de devoção dela, expressa desrespeito e desprezo à sua crença, de outro, ela revida o ato de iconoclastia do esposo com semelhante teor de menosprezo, ao esconder o livro sagrado dele, que é sobremaneira importante para ele e simbólico, por representar a palavra de Deus. Além disso, ao desafiar o marido, Emilie demonstra resistência à ideologia patriarcal vigente na época, que regia tanto a sociedade libanesa quanto a brasileira. Em sua condição de mulher e de sujeito diaspórico, tendo que renegociar sua identidade através do processo de transculturação, ela adquire uma visão plural e multifacetada que a leva a questionar certos valores vigentes.

Depois que a maioria das colônias ficou independente de suas metrópoles europeias – entre os Séculos XVIII e XX – que impuseram sua cultura como a cultura de centro e de referência, ao mesmo tempo em que promoviam o apagamento da cultura, da língua e da raça de seus colonizados durante esse período de domínio imperialista, começou a se desenvolver uma nova perspectiva de produção literária e de leitura, que procurava resgatar a voz daqueles sujeitos que viviam à margem, ou seja, cuja língua, cultura e voz foram apagadas. A partir de então, passou-se a considerar a literatura produzida pelos povos colonizados por essas potências europeias entre o Século XV e o XX, e a introduzi-la nos cânones das academias de todo o mundo. Nessa nova perspectiva, a representação do sujeito pós-colonial, na literatura contemporânea, procura resgatar a voz desse sujeito que vivenciou a degradação de sua cultura, língua e raça pelo colonialismo. Vários fatores podem ser relacionados com a formação do sujeito pós-colonial. Entre eles, podemos destacar o exílio, por ser uma

experiência que serve de fundamento para os demais fatores e que marcou o período colonial e o pós-colonial.

No ensaio “Reflexões sobre o exílio”, Edward W. Said (2003, p.46-60) discute sobre a experiência do exílio e seu efeito nos indivíduos. Segundo o autor, o exílio é uma condição de perda terminal, uma fratura irrecuperável entre o indivíduo e sua terra natal e que provoca uma ruptura entre seu eu e seu verdadeiro lar. Said enuncia que essa separação causada pelo exílio desperta um sentimento de alienação constante e provoca uma dor e tristeza insuperáveis no indivíduo, cujas ações na nova terra são constantemente comprometidas pela sensação de perda de alguma coisa que jamais poderá ser resgatada. Segundo Said, foram os exilados, os emigrantes e os refugiados que contribuíram para formar a moderna cultura ocidental. Assim, os exilados, os emigrados, os refugiados e os expatriados têm em comum a condição de serem pessoas impedidas de voltar para sua terra natal por motivos diversos. Mas, como entende Said, é possível distinguir algumas diferenças entre cada uma dessas condições: o exilado é aquele que foi banido, leva uma vida anormal e é visto como forasteiro; o emigrado é o que emigra para outro país, seja de forma voluntária (para procurar melhores condições de vida), seja de forma compulsória (escravos capturados na África para trabalhar na lavoura de cana-de-açúcar nas Américas, no período colonial), e vivenciam uma situação ambígua; o refugiado é aquele indivíduo inocente e desorientado, que procura ajuda internacional urgente e se encontra nessa condição por alguma questão política; o expatriado é aquele que, por motivo pessoal ou social, procura, voluntariamente, morar em outro país.

Ao associar o nacionalismo ao exílio, Said constata que “a interação entre nacionalismo e exílio é como a dialética hegeliana do senhor e do escravo, opostos que informam e constituem um ao outro” (2003, p.49). Enquanto o nacionalismo está associado com o pertencimento a um lugar, a um povo e a uma herança cultural, o exílio se configura como “uma solidão vivida fora do grupo: [...] É que os dois termos incluem tudo, do mais coletivo dos sentimentos coletivos à mais privada das emoções privadas. [...] O exílio, ao contrário do nacionalismo, é fundamentalmente um estado de ser descontínuo” (SAID, 2003, p.50).

Said (2003, p.50-59) considera como exilado o indivíduo que apresenta as seguintes características – as quatro primeiras abaixo elencadas serão observadas em nosso estudo sobre as subjetividades exiladas dos protagonistas dos dois romances, que são marcadas por perdas e deslocamentos: está separado das raízes, da terra natal e do passado; sente uma necessidade urgente de reconstituir sua vida rompida e prefere ver a si mesmo como parte de uma ideologia triunfante ou de um povo restaurado; tem uma necessidade de reconstruir uma

identidade a partir de refrações e de descontinuidades; tem uma pluralidade de visão, ou seja, percebe mais de uma cultura, mais de um cenário e mais de um país, o que gera uma consciência de dimensões simultâneas. Said (2003, p.59) afirma que, para o exilado, tudo o que é vivenciado no novo ambiente sempre ocorre contra o pano de fundo da memória de tudo o que fora vivenciado no ambiente anterior. Essa consciência “contrapontística” contribui para diminuir o julgamento ortodoxo e para elevar a simpatia compreensiva. O exilado também desenvolve um sentimento exagerado de solidariedade do grupo e uma hostilidade exaltada em relação aos de fora dele; olha para os não exilados com ressentimento, porque se encontra sempre deslocado - até os que são bem sucedidos são excêntricos, percebem e exploram com frequência essa diferença como uma ausência de amparo; recusa-se a pertencer a outro lugar; procura, de forma obstinada e exagerada, fazer com que todos aceitem seu modo de ver o mundo; desenvolve um masoquismo narcisista, decorrente do isolamento e do deslocamento, que dificulta sua aculturação e o entrosamento com a comunidade; atravessa fronteiras e rompe barreiras do pensamento e da experiência.

A respeito dessa pluralidade de visão do exilado comentada por Said (2003, p.59), Salman Rushdie (1992), que também tem essa percepção, observa que escritores emigrantes como ele, assim como os exilados ou expatriados, conseguem escrever a partir de uma dupla perspectiva, e que essa visão estereoscópica ou tridimensional que eles têm do mundo é possível porque se encontram, ao mesmo tempo, no lado de fora e no de dentro – *insiders and outsiders* – dessa sociedade. Rushdie (1992, p.19) refere que não devemos nos esquecer de que existe um mundo além da comunidade a que pertencemos, só assim, não ficaremos confinados em fronteiras culturais restritas e, conseqüentemente, não entraremos no exílio interno.

Said ressalta que o exílio pode ser visto como uma alternativa para as instituições de massa que dominam a vida moderna, pois o exilado sabe que as pátrias são sempre temporárias nesse mundo incerto e muito antigo:

No fim das contas, o exílio não é uma questão de escolha: nascemos nele, ou ele nos acontece. Mas, desde que o exilado se recuse a ficar sentado à margem, afagando uma ferida, há coisas a aprender: ele deve cultivar uma subjetividade escrupulosa (não complacente ou intratável). (SAID, 2003, p.57)

Essa subjetividade, segundo o autor, pode ser conquistada através da negação do mundo administrado²² e da superação dos limites nacionais, pois, ao ver o mundo inteiro como uma terra estrangeira, é possível ter uma visão original das coisas. Ele acrescenta que o exilado nunca se apresenta satisfeito, tranquilo e seguro, apesar de se sentir realizado quando age como se estivesse em casa, em qualquer lugar (SAID, 2003).

O tema ‘migração’ tem sido explorado com frequência na narrativa do Caribe. Por isso é importante refletir sobre a questão da diáspora num período em que a globalização se encontra em constante expansão, para entender as complexidades envolvidas na construção e na compreensão da nação e da identidade caribenhas. Dessa forma, poderemos identificar o começo e o fim de suas fronteiras, compreender a relação desse sujeito com a terra de origem e a natureza de seu pertencimento e refletir sobre a identidade nacional e o pertencimento no Caribe. Em pesquisas realizadas entre os migrantes caribenhos no Reino Unido, observou-se que os elos com sua terra natal permanecem fortes e que eles têm tentado preservar uma identidade cultural caribenha, até na segunda ou terceira geração, embora os locais de origem não sejam mais a única fonte de identificação.²³ Apesar dessa identificação forte com a cultura de origem, muitos desses migrantes caribenhos vivenciaram a sensação de deslocamento ao voltar para suas sociedades de origem, ou seja, a sensação de estranhamento e a dificuldade de se religarem a suas sociedades de origem. Segundo Stuart Hall (2003), as experiências diaspóricas desses indivíduos romperam, de alguma forma, seus laços naturais e espontâneos com suas comunidades de origem.

Se voltarmos ao Caribe do período colonial, poderemos observar que seu modelo de identidade cultural é todo configurado pela experiência da diáspora. Essa experiência é marcada pela heterogeneidade, pela diversidade, pelo hibridismo e por uma concepção de identidade que convive com a diferença. As identidades diaspóricas são as que estão constantemente se produzindo e se reproduzindo de modo diferente, através da transformação e da diferença. Portanto, podemos identificar, nos diversos tipos fisionômicos do caribenho e nas misturas de sabores da cozinha caribenha, elementos da identidade diaspórica desse povo. Como observado por Bill Ashcroft et al (2004, p.25), o Caribe sofreu os efeitos mais violentos e destrutivos do processo de colonização. Primeiro, os povos indígenas nativos do Caribe (Caribs and Arawaks) foram deslocados constantemente de suas terras e praticamente

²² Para exemplificar essa subjetividade, Said (2003, p.58) sugere os escritos de Theodor Adorno (1986), que se opunha, de forma contundente, a essa forma de vida pré-fabricada, em que tudo o que se pensa ou que se possui constitui-se numa simples mercadoria: “A linguagem é jargão, os objetos são para venda.”

²³ Stuart Hall (2003, p.25-50) faz referência aos livros *Narratives of exile and return* e *Ethnic minorities in Britain*, de Mary Chamberlain e T. Modood et al, respectivamente. A primeira pesquisou sobre a vida dos migrantes barbadianos no Reino Unido, e o segundo, sobre os migrantes caribenhos no Reino Unido.

exterminados depois de um Século de invasão europeia – os poucos nativos restantes foram assimilados através de políticas de unificação, e a população que passou a habitar a região desde a sua invasão era constituída de deslocados e exilados da África, da Índia, da China, do Oriente Médio e da Europa. Os emigrados da África foram escravizados, e os provenientes da Índia e da China, no Século XIX, para substituir a mão de obra escrava que havia sido abolida, vieram como empregados contratados (*indentured labourers*), uma espécie de escravidão menos violenta e “legal” (ARAÚJO, 2004). Além disso, a língua e a cultura dos colonizadores europeus, que foram impostas para facilitar a exploração, passaram a prevalecer sobre as demais. No entanto, as culturas tradicionais pré-coloniais dessas colônias, que foram invadidas e exploradas, continuaram a coexistir com os novos padrões imperiais. Ashcroft assevera que parte da complexa realidade da vida caribenha contemporânea, com destaque para as muitas características africanas na atual cultura caribenha – os sinais e os traços da presença africana estão em todas as partes: na retenção das palavras e estruturas sintáticas na língua, nos padrões rítmicos da música, no falar do povo caribenho, que sofreu influência do jeito de falar do africano etc. – se deve ao fato de que grupos raciais individuais que passaram a habitar o Caribe continuaram a manter fragmentos de suas culturas pré-coloniais trazidos de suas sociedades originais.

Stuart Hall (2003) assevera que ter uma identidade cultural é um mito que molda nossos imaginários, influencia nossas ações e dá sentido às nossas vidas e à nossa história; é estar constantemente ligado ao passado e ao futuro pela tradição, que é fiel às origens. Além disso, quando falamos de identidade, devemos descartar a possibilidade de algo acabado e completo e pensar nela como uma produção que está sempre em construção ou em processo, que nunca está completa, que deve sempre ser vista como parte constituinte da representação do sujeito, e nunca, fora dela, como declarado por Hall (1990, p.222). Segundo esse autor, há, no mínimo, duas maneiras de pensar sobre identidade cultural: na primeira delas, a identidade cultural é definida como uma cultura partilhada, uma espécie de um eu coletivo verdadeiro, que se aloja no interior dos outros eus que são mais superficiais ou impostos artificialmente. Nessa perspectiva, as identidades culturais refletem as experiências históricas comuns e os códigos culturais partilhados de um povo, que os torna com estruturas de referência e significado estáveis, imutáveis e contínuos. Essas identidades estão subjacentes às mudanças da história atual dos indivíduos. Hall acrescenta que esse conceito de identidade cultural exerceu um papel determinante em todas as lutas pós-coloniais que transformaram profundamente o mundo.

A segunda visão de identidade cultural reconhece que, além dos muitos pontos de semelhança, existem pontos de diferença profunda e significativa que estão relacionados não só ao que realmente somos, como também ao que nos tornamos com a intervenção da história. Essa segunda visão envolve tanto a questão do ‘ser’ quanto a do ‘se tornar’ e, como as identidades culturais estão em constante transformação, estão relacionadas com o futuro e com o passado. Hall (1990, p.225) entende que só a partir dessa segunda visão é que podemos compreender o caráter traumático da experiência colonial, em que os regimes dominantes de representação, ao exercer seu poder sobre os colonizados, além de os colocarem na posição de o ‘Outro’, fizeram com que passassem a se ver como o ‘Outro’. Essa prática de desapropriação interna da identidade cultural produziu indivíduos desenraizados, sem horizontes e sem cor (HALL, 1990).

Considerando essa segunda visão de identidade cultural, poderemos entender bem mais as identidades dos negros caribenhos e dos brasileiros, ambos vindos de diferentes países da África, de diferentes comunidades, falando diferentes línguas e com diferentes crenças ou deuses, através da migração forçada, para o trabalho escravo nas lavouras de cana-de-açúcar. Nessa perspectiva, é possível perceber que ambas as identidades são estruturadas por dois eixos que se relacionam dialogicamente: o eixo da semelhança e continuidade – que apresenta uma relação de continuidade com o passado – e o eixo da diferença e ruptura – que é caracterizado por uma experiência de completa descontinuidade – para usar os termos de Hall (1990, p.226-227). Desse modo, o desenraizamento provocado pela migração forçada desses povos para o ‘mundo ocidental’ e sua inserção na economia da cana-de-açúcar, através do trabalho escravo, juntamente com a colonização, contribuíram para unificar esses povos através de suas diferenças, uma vez que eles foram privados do acesso direto aos seus passados. Todo esse processo histórico contribuiu para formar uma sociedade com uma identidade híbrida, que é caracterizada pela unificação através das diferenças. Um exemplo disso pode ser observado no papel formador da religião africana na vida espiritual dos caribenhos e dos brasileiros. Hall (1990, p.228) se refere a essa negociação de identidade como uma tradução que se caracteriza pela instabilidade e pela falta de resolução final, cuja complexidade vai além de uma estrutura binária de representação.

As identidades caribenhas foram produzidas pelos processos de transplante, sincretização e diáspora. Portanto, a questão da identidade cultural do povo caribenho é bastante complexa, devido às diversas origens desse povo: os nativos pré-colombianos foram dizimados – seja por excesso de trabalho, seja por doença –, a terra foi violada, e todos os que habitavam a região eram originários de outro lugar. Como não havia uma continuidade com o

passado desse povo, eles tiveram suas histórias marcadas pelas mais drásticas e abruptas rupturas. O fato de suas raízes estarem na Europa, na África e na Ásia confere à cultura caribenha um caráter híbrido, cujo desmembramento em seus elementos de origem já não é possível.²⁴ Portanto, a cultura caribenha é movida pelo que Hall (2003, p.34) chama de uma estética diaspórica, que, em termos antropológicos, é vista como uma cultura “impura”. Para Hall (2003, p.31), a lógica colonial existente no caribe é uma “crioulização” ou do tipo “transcultural”. A crioulização²⁵ é um tipo de hibridismo inconsciente ou um processo imperceptível, por meio do qual duas ou mais culturas se fundem ou se combinam e formam uma nova disposição ou configuração; é uma combinação complexa e desigual de elementos culturais heterogêneos colocados em relação, que não se prende a uma identidade essencial, que vai de encontro às forças hegemônicas, e cujo resultado é algo novo e imprevisível. A identidade crioula é aberta, adaptável e está continuamente mudando e se reconstruindo e, por isso, em constante movimento. E como a perspectiva da transculturação é dialógica, no caso do Caribe, a interação no interior das relações de poder são sempre assimétricas: a partir do que a cultura metropolitana, considerada dominante, transmite para o colonizado, tido como marginal e subalterno, esse segundo grupo seleciona e reelabora o conteúdo que lhes é transmitido.

De acordo com Glissant (2005, p.16), a Neo-América²⁶ é a América da crioulização e compreende o Caribe, o nordeste do Brasil, as Guianas, Curaçau, o sul dos Estados Unidos, a costa caribenha da Venezuela e da Colômbia e uma grande parte da América Central e do México. No entanto, refere Glissant, existem choques e conflitos entre os três tipos de América, onde a Neo-América cada vez mais tende a influenciar as outras duas Américas, ao mesmo tempo em que continua a absorver empréstimos delas. Como observado pelo autor, no fenômeno da crioulização que ocorre na Neo-América, é a África que prevalece no povoamento dessa América.

A neo-América, seja no Brasil, nas costas caribenhas, nas ilhas ou no sul dos Estados Unidos, vive a experiência real da crioulização através da escravidão, da opressão, do desapossamento perpetrados pelos diversos

²⁴ Ver: HALL, Stuart. **Pensando a diáspora**: reflexões sobre a terra no exterior. p.25-50. In: Da diáspora: identidade e mediações culturais. Minas Gerais: Ed. Humanitas, 2003. 434p.

²⁵ Ver: GLISSANT, Édouard. **Crioulizações no Caribe e nas Américas**. P.13-39. In: Introdução a uma poética da diversidade. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2005. 176p.

²⁶ Glissant divide as Américas em Meso-América – dos povos autóctones, que sempre lá estiveram –, Euro-América – dos povos provenientes da Europa e que, no novo continente, preservaram seus costumes e as tradições de seus países de origem – e Neo-América. Como existem imbricações entre essas três Américas, nessa divisão, não existem fronteiras.

sistemas escravocratas, cuja abolição se estende por um longo período (mais ou menos de 1830 a 1868), e através desses desapossamentos, dessas opressões e desses crimes realiza uma verdadeira conversão do “ser”. (GLISSANT, 2005, p.18)

Ele defende, no entanto, a tese de que o mundo se crioualiza, porque as culturas do mundo transformam-se ao serem colocadas em contato umas com as outras. Glissant (2005, p.22) chama à atenção para o fato de que recentemente foi que se reconheceu que as populações de descendência hindu, que migraram para o Caribe depois da abolição da escravidão, para trabalhar nas plantações de cana-de-açúcar como trabalhadores contratados, constituem uma parte importante do fenômeno de crioualização no Caribe. Como veremos em *AHMB*, Biswas sofre para negociar as diversas imposições desse processo de transculturação.

Segundo Stuart Hall (2003, p.33), o conceito fechado de diáspora se baseia numa concepção de diferença que é binária, porque, para que se construa uma fronteira de exclusão, é preciso que exista uma oposição rígida entre o dentro e o fora e que se construa um “Outro”; no entanto, ele observa que, como a identidade cultural caribenha é marcada por configurações sincretizadas, requer a noção derridiana de diferença:

[...] – uma diferença que não funciona através de binarismos, fronteiras veladas que não separam finalmente, mas são também *places de passage*, e significados que são posicionais e relacionais, sempre em deslize ao longo de um espectro sem começo nem fim. (HALL, 2003, p.33)

Compreendemos que essas diferentes formações culturais irão se apropriar dos códigos das culturas dominantes para desarticular esses signos e, em seguida, rearticulá-los. Só então produzirão novos significados. Hall (2003, 34) concebe que, em uma formação sincrética, os elementos diferentes são sempre inscritos pelas relações de poder de maneiras diferentes, sejam essas relações de dependência ou subordinação, como ocorria no colonialismo. Por essa razão, no período pós-colonial, essas relações de poder continuaram a ser retrabalhadas em “momentos de luta cultural, de revisão e de reapropriação” (HALL, 2003, p.34), e o resultado desse embate é constituído de uma nova reconfiguração que não pode representar um retorno à origem porque vai sempre existir um “algo no meio” e que, segundo Hall (2003, p.35), é o que torna o Caribe um exemplo de diáspora moderna. Ele acrescenta que a relação entre as culturas caribenhas e suas diásporas precisa ser compreendida como a relação entre uma diáspora e outra²⁷, pois as culturas nunca ficam

²⁷ Essa situação, ou seja, essa relação entre uma diáspora e outra nos remete à experiência da narradora sem nome no romance *RCO*. Sua experiência de filha de pai desconhecido, no que se refere à falta de reconhecimento

presas dentro das fronteiras nacionais. Além disso, a cultura caribenha nunca se recuperou da imposição de fronteiras nacionais pelo sistema imperial, que resultou na fragmentação da região em entidades nacionais e linguísticas separadas. Para Glissant (2005), o povo caribenho apresenta uma forma de cultura compósita, cuja identidade é resultante de uma criouliização recente. Esse tipo de identidade, que é chamada de identidade-rizoma, configura-se com uma raiz que estende suas ramificações em direção a outras raízes, de tal modo que não se consegue identificar sua origem porque as diversas raízes estão interconectadas umas às outras, porquanto as identidades de raízes únicas cederam lugar às identidades-relações ou identidades-rizomas. De acordo com sua poética das relações, todas as identidades estão interconectadas e só existem quando combinadas com o meio. Assim, outras culturas invadem os espaços culturais de uma região e criam novas práticas e experiências nesse espaço transcultural que é aberto a todas as culturas.

Ainda em relação à formação cultural caribenha, Hall (2003, p.41-42) observa que nela são observados dois aspectos: o declarado – representado pelos traços dos colonizadores que são posicionados como elementos em ascendência (brancos, europeus e ocidentais) – e o não dito, subterrâneo e subversivo – representado pelos traços dos colonizados que são posicionados em termos de subordinação e marginalização (negros, “africanos” e escravizados). Tais aspectos esclarecem por que a formação cultural caribenha é constituída, utilizando os termos de Hall, de “‘rotas’ fragmentárias” que precisam ser juntadas e de “genealogias não ditas”, que precisam ser reconstruídas. Só assim, será possível dar sentido às autoimagens dessa cultura e visibilidade ao invisível, o que não é tarefa fácil por causa das configurações complexas da cultura caribenha.

Segundo Fanon (2008, p.194), o sujeito colonizado, em sua relação com a metrópole, sofre uma alteração de personalidade, caracterizada pela negação de suas raízes. Tal complexo de inferioridade se materializa na linguagem e no comportamento, seja negando seus costumes, como o modo de se vestir, por exemplo, seja negando sua língua – utilizando termos e expressões da metrópole, ou nas formas de se expressar socialmente – para se parecer com o europeu:

Todo povo colonizado — isto é, todo povo no seio do qual nasceu um complexo de inferioridade devido ao sepultamento de sua originalidade

de uma paternidade transgressora, é produto da tensão colonial inerente à ideologia patriarcal expressa pelo problema do pertencimento e do lugar da filha bastarda na sociedade, pois, na cultura patriarcal hegemônica, os rígidos códigos de valores marginalizam os filhos fora do matrimônio, no entanto, esse pai transgressor é aceito nessa sociedade.

cultural — toma posição diante da linguagem da nação civilizadora, isto é, da cultura metropolitana.

Quanto mais assimilar os valores culturais da metrópole, mais o colonizado escapará da sua selva. Quanto mais ele rejeitar sua negridão, seu mato, mais branco será. (FANON, 2008, p.34)

Portanto, dessa relação com o colonizador, o colonizado passa a considerar ‘evoluído’ o indivíduo que está mais próximo do branco, e ‘selvagem’, o que está mais distante do branco.²⁸ Essa concepção maniqueísta do mundo, onde o branco e o negro representam dois polos antagônicos, leva o colonizado a romper com seus valores culturais para se ajustar à cultura dominante. Tal situação será explorada nos dois romances, uma vez que os dois protagonistas – Mr. Biswas e a narradora-protagonista – apresentam mudanças de atitude em relação aos seus contextos sócio-histórico-culturais.

A situação colonial é criada a partir do ‘face-a-face dos civilizados e dos primitivos’.²⁹ A ambivalência da situação colonial pode ser observada nessas relações entre o nativo e o colonizador. Fanon refere que o estudo da situação colonial exige muita atenção, porque, ao listar as possibilidades de compreensão entre dois povos diferentes, os cuidados devem ser intensificados para não se equivocar: “O problema da colonização comporta assim não apenas a intersecção de condições objetivas e históricas, mas também a atitude do homem diante dessas condições” (FANON, 2008, p.84). Outro aspecto importante em relação à situação colonial diz respeito à posição de supremacia que o colono exerce sobre o colonizado. No entanto, para poder exercer seu poder, é preciso, primeiro, conhecer o colonizado: “To have such knowledge of such a thing is to dominate it, to have authority over it”. (SAID, 2003, p.33)³⁰

Considerando essas questões sobre a situação colonial e o sujeito colonial, não podemos deixar de falar sobre o momento pós-colonial, para compreender bem mais essa segunda condição histórica e o sujeito dela resultante, que são também marcados pela ambivalência, e a relação entre as duas situações e os sujeitos:

Memmi’s political pessimism delivers an account of postcoloniality as a historical condition marked by the visible apparatus of freedom and the concealed persistence of unfreedom. He suggests that the pathology of this postcolonial limbo between arrival and departure, independence and

²⁸ O branco, nesse contexto, representa o colonizador europeu, e o negro, o colonizado.

²⁹ Destacado por Fanon (1952), da segunda capa do livro *Psychologie de la colonisation*, de O. Mannoni, a respeito da Psicologia da colonização, que é o tema fundamental do livro.

³⁰ Ter certo conhecimento de tal coisa é dominá-la, ter autoridade sobre ela. [Tradução nossa]

dependence, has its source in the residual traces and memories of subordination. (GANDHI, 1998, p.6-7)³¹

A complexa condição de pós-colonialidade, momento de pós-ocupação colonial, é marcada por uma necessidade de apagar as memórias traumáticas e sofridas de subordinação e opressão colonial. Segundo Leela Gandhi (1998, p.4), essa amnésia pós-colonial surgiu da necessidade de um novo começo. No entanto, como refere Gandhi, a cena colonial, que é marcada por histórias de contestação e cumplicidade, de dependência mútua, revela a existência de uma relação de antagonismo e desejo recíproco entre colonizador e colonizado, que constitui a sedução do poder colonial. Outra questão observada por Gandhi (1998, p.7) diz respeito à condição de independência nacional que, além de permanecer marcada pelas hierarquias coloniais de conhecimento e valores, não consegue apagar os danos econômicos, culturais e políticos resultantes da ocupação colonial. Portanto, os efeitos do colonialismo, além de duradouros/persistentes, são injustos, porque não se consegue romper de vez com as tradições coloniais, tampouco estabelecer novas condições de vida e mudança de mentalidade. Sob o ponto de vista de Gandhi (1998), essa convalescência prolongada não ocorre somente devido à negação das lembranças, mas também à recusa de reconhecimento dos efeitos danosos da colonização.

Na visão de Homi Bhabha (1994, p.63 *apud* Gandhi, 1998, p.9), a memória é um elo necessário, apesar de, algumas vezes, ser problemática/perigosa, entre o colonialismo e a questão da identidade cultural, porque é através do árduo e do doloroso ato de rememoração que, ao juntar todo um passado desmembrado, consegue-se dar sentido ao trauma do presente.³² Nesse caso, a rememoração será uma ação terapêutica, através da qual se conseguirá promover “the construction of politically conscious, unified revolutionary Self, standing in unmitigated opposition to the oppressor” (PARRY, 1987, p.30, *apud* GANDHI, 1998, p.11).³³

Segundo Edward Said (2003a, p. XIX-XXII), o mundo globalizado é uma unidade bastante complexa, em que a realidade de que no mundo há uma interdependência das partes não dá margem ao isolamento. Ele acrescenta que, apesar de o mundo globalizado contribuir

³¹ O pessimismo político de Memmi possibilita uma descrição da pós-colonialidade como sendo uma condição histórica marcada pelo aparato visível da liberdade e persistência oculta da falta de liberdade. Ele sugere que a patologia desse limbo/estado de indefinição pós-colonial entre chegada e partida, independência e dependência, tem sua origem nos traços residuais e nas memórias de subordinação. [Tradução nossa]

³² Tal função da memória é explorada no romance *RCO*, através da narradora-protagonista, e será retomada em nossa análise.

³³ A construção de um Eu, ou seja, de uma subjetividade revolucionária, unificada e politicamente consciente, que se coloca em absoluta oposição ao opressor. [Tradução nossa]

para padronizar e homogeneizar, não se podem reduzir os povos a nomenclaturas unificadoras e inventar identidades coletivas para um grande número de indivíduos que são, de fato, diversos.

De acordo com Homi K. Bhabha, que reitera a ideia de mundo globalizado proposta por Edward Said (2003a) e acima apresentada, precisamos ir além da ideia da “individualidade da nação em oposição à alteridade de outras nações. Estamos diante da nação dividida no interior dela própria, articulando a heterogeneidade de sua população” (BHABHA, 2007, p.209). Essa nação, segundo Bhabha, passa a ser “um espaço liminar de significação” com as “contradições internas da nação liberal moderna” (2007, p.209-210).

Como observado por Stuart Hall (2006, p.67-89), é difícil identificar o local de origem das culturas na atualidade, apesar de elas culturas terem seus “locais”, pois, com a globalização cultural e seus efeitos desterritorializantes, que promoveram a aproximação espaço-temporal estimulada pelas novas tecnologias, os laços entre a cultura e o “lugar” ficaram tênues.

Tanto no Brasil quanto no Caribe, são encontrados muitos elementos do que Hall (1990, p.231) chama de “África da diáspora”, que é resultante de uma longa e descontínua série de transformações. Apesar dessa herança africana, Hall afirma que a identidade afro-caribenha só foi reconhecida e assumida pelos jamaicanos nos anos 70. O Brasil também vivenciou esse momento histórico, em que muitos brasileiros mestiços passaram a se reconhecer como afro-descendentes. No entanto, essa profunda descoberta cultural na Jamaica, que causou um grande impacto na vida desses povos, só se tornou possível através da revolução pós-colonial, da luta pelos direitos civis, da cultura do rastafarianismo e da música reggae. Essas novas concepções de identidade se materializaram no que Hall chamou de uma nova África do novo mundo, fundamentada em uma velha África, que já não estava mais lá, porque também já havia se transformado e passara a fazer parte do imaginário do caribenho e do brasileiro (HALL, 1990).

Em relação à presença europeia na formação identitária do caribenho e do brasileiro, vale ressaltar que seu jogo de poder, com destaque para o papel do dominante, alternando força e consentimento e envolvendo exclusão, imposição e expropriação, tornou-se um elemento constitutivo das identidades desses povos, que passaram a se ver como o Outro. E desse olhar, dirigido à posição/ao lugar do Outro, é possível perceber, além da violência, da hostilidade e da agressão, o que Hall chama de “ambivalence of its desire” (ambivalência do seu desejo) (HALL, 1990, p.233). Esse autor afirma que a presença dominadora europeia é vista como um lugar de integração, onde as outras presenças que ela desagregou foram

recompostas e reestruturadas de uma nova maneira, apesar de ter provocado uma profunda divisão/ruptura e duplicação. Essa condição colonial é entendida como uma identificação ambivalente do mundo racista que, segundo Bhabha, “gira em torno da idéia do homem como sua imagem alienada; não o Eu e o Outro, mas a alteridade do Eu inscrita no palimpsesto perverso da identidade colonial” (BHABHA, 2007, p.75). Essa ideia pode ser entendida através da história dos dois personagens: Mr. Biswas e a narradora-protagonista, na qual os vários ‘outros’(culturas) estão presentes na construção identitária desses sujeitos. Portanto, “the dialogue of power and resistance, of refusal and recognition, with and against *Presence Europeenne* is almost as complex as the 'dialogue' with Africa” (HALL, 1990, p.233).³⁴ Esse novo mundo, do qual o Brasil e o Caribe fazem parte, é considerado “the space where the creolisations and assimilations and syncretisms were negotiated” (HALL, 1990, p.234).³⁵ Por essa razão, o processo de representação de um povo tão diverso e com uma história diversa, em uma única identidade hegemônica, é muito complexo.

Tendo em vista a complexidade do processo de colonização nesses dois espaços, consideramos necessário destacar alguns aspectos dos seus contextos. Portanto, antes de apresentar o estudo da obra de Naipaul, faremos uma breve descrição do contexto sócio-histórico-espacial e econômico da ilha de Trinidad, do período de sua colonização pelos espanhóis, passando pela colonização inglesa, até a época do processo de recrutamento de imigrantes, porque entendemos que é essencial para se compreenderem as relações dos imigrantes indianos com as diversas populações lá existentes.

Quanto à colonização de Trinidad e Tobago, quando os espanhóis lá chegaram, em 1498, sua população nativa era constituída de igneri, um subgrupo dos arawak, e de um pequeno grupo de caribs. A fonte de subsistência desses nativos era semelhante à dos nativos do Brasil antes da chegada dos colonizadores portugueses: eles viviam da agricultura de subsistência, baseada no plantio da mandioca, juntamente com a pesca e a caça de grandes roedores, como a cutia. Essas últimas eram suas principais fontes de subsistência. Como no início a coroa espanhola não tinha muito interesse na ilha, seus espaços foram pouco explorados pelos conquistadores espanhóis nos primeiros anos de colonização:

Essa situação permaneceu até meados de 1592, quando, então, um outro governador foi nomeado, Antônio de Berrio; sob o seu comando, Trinidad

³⁴ “O diálogo de poder e resistência, de recusa e reconhecimento, com e contra a presença europeia é considerado quase tão complexo quanto o diálogo com a África.” [Tradução nossa]

³⁵ “O espaço onde as crioulizações, as assimilações e os sincretismos foram negociados.”

foi usado como uma base para incursões ao continente à procura do Eldorado. (ARAÚJO, 2004, p.53)

Diferentemente do primeiro governador, Antônio Seden, que nada fez em prol da ocupação da ilha, esse segundo governador trouxe espanhóis para suprir a necessidade de mão de obra para a produção na ilha. Segundo Perry (1969, *apud* Araújo, 2004, p.53), dos 2.200 espanhóis levados para Trinidad, por volta do ano de 1600, apenas um sexto deles sobreviveu a doenças e ataques indígenas. Em meados de 1757, a população de 400 habitantes da cidade de *Port of Spain* era constituída de espanhóis, *coloureds*, colonos estrangeiros e uma comunidade mista de comerciantes, entre os quais, pescadores, fazendeiros e destiladores de rum.

Como, nessa época, a coroa espanhola proibiu diversas atividades na ilha, esses primeiros colonos/moradores sobreviviam fazendo “negócios ilegais de fumo com piratas e navios mercantes ingleses, holandeses e franceses, já que ela [...] não mandara um só navio entre, aproximadamente, vinte anos” (ARAÚJO, 2004, p.54). Ainda segundo Perry (1969, *apud* Araújo, 2004, p.54), por volta de 1777, depois de, aproximadamente, trezentos anos da ocupação espanhola, só havia na ilha 340 europeus, 870 mulatos livres e 200 escravos negros. Araújo (2004) afirma que, entre as causas de tal fracasso da Espanha em Trinidad, estavam:

[...] a falta de uma sólida marinha mercante, o escasso investimento na tecnologia da produção, o modelo de colonização cuja vida urbana era o centro hegemônico, as crises internas, envolvendo colonos e governo central, e constantes ataques de piratas ingleses, holandeses e franceses, que eram facilitados pela insuficiência da coroa espanhola em se defender naquelas águas. (ARAÚJO, 2004, p.54)

Ao se sentir ameaçada, principalmente pelo império inglês, a Espanha promoveu, sem sucesso, reformas econômicas e administrativas. Entre as medidas adotadas, a principal foi a do livre comércio entre as colônias. Assim, em 1783, por meio de uma política agrária, a coroa espanhola decidiu conceder a “cédula de população”, através da qual foi permitido que colonos franceses se estabelecessem com seus escravos em Trinidad. Tal medida incentivou a introdução de plantadores franceses e escravos na ilha, e a cédula atraiu muitos ‘*free coloured*’ por causa das garantias que oferecia. Com a revolução francesa, muitos franceses foram para Trinidad, onde se refugiaram com suas famílias e ficaram, o que aumentou a população francesa na ilha.

Em 1797, quando a Inglaterra tomou a ilha, quase toda a população branca era francesa, e sua língua se tornara o padrão de linguagem. Nessa época, também havia uma

grande população de *'free blacks'* e *'free coloureds'*, entre eles, “os grupos considerados de maior importância social foram os plantadores e proprietários de escravos que tinham sido atraídos pelos artigos quatro e cinco da cédula. Tais artigos garantiam terras e direitos civis” (ARAÚJO, 2004, p.70), o que representava, na época do período colonial, um grande avanço em relação aos direitos civis para essa população de *coloured*, cuja maioria era católica, falava o idioma francês e “desfrutava de um relativo status social e de uma segurança econômica, até então impensável para os padrões normais das demais ilhas francesas e britânicas” (ARAÚJO, 2004, p.70), porque as severas leis eram aplicadas contra os *'coloureds'* de forma mais branda nas colônias espanholas. Entretanto, como relatado por Araújo (2004, p.73), devido ao domínio colonial britânico, as populações *'coloureds'* e *'blacks'* de Trinidad sofreram um retrocesso em termos de direitos civis, porque, durante o mandato do primeiro governador inglês, Thomas Picton, “foi permitido aos mestres a liberdade de impor castigos corporais a seus escravos, não importando o nível de sua aplicação” (ARAÚJO, 2004, p.74). Como os escravos encontraram formas de resistir, os plantadores franceses começaram a temer uma possível rebelião negra na ilha. Por causa do medo de insurreição instalado nesse governo de Picton, os brancos passaram a ver na população de *'free coloureds'* uma ameaça. Em decorrência desse pânico gerado, os direitos que os *'free coloureds'* haviam adquirido, até então, foram caçados:

Assim, os anos que se seguiram, depois de 1810, foram anos sombrios para a comunidade coloured de Trinidad. Porém, [...] – uma nova política escravista, de fundo humanitário, acenderia a chama que culminaria numa campanha de reconquista de direitos civis e igualdades políticas. (ARAÚJO, 2004, p.74-75)

Araújo (2004, p.69) assevera que houve uma forte influência da cultura francesa na formação da base social de Trinidad. No entanto, conforme relata Smith (1963, p.11, *apud* Araújo, 2004, p.56),

[...] a par da numerosa colônia francesa que se instalara, naquela época, foram os espanhóis que deixaram os legados mais significativos, um sistema agrícola bem estabelecido compreendendo 468 unidades (fazendas), ocupando uma área correspondente a 86.268 acres, sendo que 159 delas destinavam-se à cana-de-açúcar, e as demais variavam sua produção entre café, algodão, cacau e anil (corante). Isso atesta o desenvolvimento de uma cultura canavieira na ilha bem antes da consolidação do domínio Inglês.

Araújo (2004, p.56) afirma que, por causa disso, a sociedade da ilha, inicialmente constituída por uma maioria de espanhóis e de índios, foi se alterando com a inserção de colonos franceses, africanos e ingleses. O negócio do açúcar tomou novo impulso com os novos colonizadores ingleses, que “controlavam o fluxo de mercadorias e de escravos na ilha, negociando com o continente devido às vantagens oferecidas pela política fiscal de importação” (IDEM, 2004, p.57). Tudo isso atraiu para Trinidad muitos estrangeiros à procura de enriquecimento rápido. Foi assim que se instalou em Trinidad o modo de produção escravista. Segundo Brereton (1981, p.47, *apud* ARAÚJO, 2004, p.58), “por volta do ano de 1810, aproximadamente, 69% de Trinidad se ocupava da produção de cana, envolvendo cerca de 739 fazendas, empregando 18.303 escravos,” que correspondiam a 67% do total da população.

Com a abolição da escravidão em 1834, seguida da aprovação da lei “Bill Aberdeen” pelo parlamento britânico em 1845, que praticamente exterminou o tráfico negreiro no mundo, Trinidad, juntamente com outras colônias do Caribe e da América espanhola, vivenciaram, nos anos seguintes, uma instabilidade política que foi marcada por conflitos internos. Como resultado da proibição do tráfico, as lavouras sofrem com a escassez de mão de obra, e a solução encontrada pelos países que estavam nessa situação foi buscar trabalhadores de outras partes do mundo. Para as regiões do Caribe, imigraram chineses, que fugiam de uma grande crise em seu país de origem e, por isso, aceitavam trabalhar em condições de muita exploração. Para Trinidad, a partir de 1845, veio um grande número de imigrantes indianos, que deixaram seu país devido a uma difícil situação econômica que se agravava com a dominação inglesa: “era o auge do controle britânico, justamente entre os anos de 1844 e 1848 aconteceriam as mais sangrentas batalhas dessa triste passagem da história da Índia” (ARAÚJO, 2004, p.64). Em relação ao Brasil, cuja política de imigração, na época, sofria influência das teorias racistas, os imigrantes asiáticos não eram aceitos. O governo brasileiro adotara essa medida que fazia parte de um projeto de “branqueamento” da população do país.

Acerca desse período, que antecedeu a chegada dos imigrantes indianos, nessas relações de dominação, em que diferentes grupos se afetam mutuamente, aconteceram “complexas rupturas e recriações culturais” (ARAÚJO, 2004, p.77). Portanto, quando os imigrantes indianos chegaram à ilha, “não encontraram somente a autoridade inglesa e a opressão nas fazendas, encontraram também uma comunidade de trabalhadores com uma complexa história de vida e uma visão de mundo com a qual eles podiam demonstrar o sentido de estarem nele” (ARAÚJO, 2004, p.78).

Por volta de 1868, Trinidad diversificou sua produção econômica, e sua população aumentou de forma significativa:

Os East Indians (trabalhadores indianos do leste) continuavam sendo o principal grupo de imigrantes. Isso era devido ao suposto sucesso que os fazendeiros obtiveram com a utilização da mão-de-obra indiana. Pelos anos de 1871, existiam 27.425 East Indians, aproximadamente 22% de toda a população residente. Já por volta de 1911, aquela quantia cresceu para 110.911 ou, aproximadamente, 33% de todos os habitantes. Contudo, os afro-descendentes continuavam a formar a maior parte da população. Também, por esse período, pequenos grupos de chineses e portugueses imigraram para Trinidad. (ARAÚJO, 2004, p.65)

Segundo Araújo (2004, p.68), “a presença dos indianos em Trinidad teria acelerado e motivado diversos processos sociais e culturais no interior das várias categorias de grupos subalternos já estabelecidos na ilha.” Em 1962, a república de Trinidad e Tobago tornou-se independente. Atualmente, cerca de 72% da população situa-se na zona rural, e 28%, na urbana. Desse total, 40,3% são constituídos de indianos; 39%, de negros; 18,45%, de mestiços; 0,6%, de brancos; 0,4%, de chineses, e 0,7%, de outras raças/etnias.

Em relação à sociedade brasileira, é importante ressaltar que suas origens resultaram de sua tradição milenar e da influência da cultura europeia, através de uma nação ibérica, que determinou nossas formas de convívio e nossas ideias e contribuiu para que nos tornássemos o que Sérgio Buarque de Holanda designou de “uns desterrados em nossa terra” (1997, p.31). Essa condição pode ser percebida tanto em Mr. Biswas quanto na narradora-protagonista de *RCO*, visto que ambos manifestam um sentimento de falta de pertencimento ao lugar onde nasceram e que se manifesta em sua condição de sujeitos fragmentados, alienados e desenraizados, em busca de autoconhecimento e de autonomia. Entre as características dos povos da Península Ibérica, que foram destacadas por Holanda e que os diferenciam dos povos do restante da Europa, destaca-se o alto grau de desenvolvimento da cultura de sua personalidade, em que se atribui grande importância ao valor próprio do ser humano e à autonomia em relação aos seus semelhantes, tanto no tempo quanto no espaço. Portanto, quanto mais independente o indivíduo for, ou seja, quanto menos ele depender dos demais, quanto mais capacidade de superação ele tiver, mais valor terá nessa sociedade. Holanda acrescenta que tal característica dos povos ibéricos contribuiu para enfraquecer as formas de organizar sua sociedade e, conseqüentemente, da sociedade brasileira.

Segundo Holanda (1997), alguns dos episódios mais singulares da história do Brasil se devem a essa falta de coesão da estrutura social e à falta de hierarquia organizada, que são

características herdadas das nações ibéricas que influenciaram a nação brasileira. No Brasil, a convivência ou a indiferença das instituições e dos costumes contribuíram para disseminar os elementos de desordem e para promover a incapacidade de organização sólida no Brasil. Isso perdura até o período atual. Podemos perceber que essa falta de coesão da estrutura social e a disseminação de elementos de desordem observada por Holanda são exploradas por Hatoum em *RCO*, através da representação de uma Manaus que cresceu de forma desordenada, sem infraestrutura nos bairros de periferia e sem a adoção de políticas eficientes de inclusão social pelos governantes, o que contribuiu para agravar as disparidades socioeconômicas em sua população:

Ao voltar da Matriz e do porto, lá pelo meio-dia, uma fila indiana, que ia da porta do sobrado e terminava quase dentro do coreto da praça, esperava-a sob o sol escaldante. A cada ano que passava, os curumins e mendigos engrossavam essa fila, e os doentes que lhe mostravam as chagas e os membros carcomidos ela encaminhava a Hector Dorado. (RCO, 2010, p.89)

[...]

Na manhã das oferendas ele ficava ao lado de Emilie enquanto lhe beijavam a mão esquerda e recebiam comida à base de farinha de trigo integral. [...] Para ficar em paz com as Irmandades religiosas, Emilie doava as frutas que recebia aos montes. (RCO, 2010, p.90)

[...] De olhos abertos, só então me dei conta dos quase vinte anos passados fora daqui. [...], e a distância vencida pelo mero caminhar revelava a imagem do horror de uma cidade que hoje desconheço: uma praia de imundícies, de restos de miséria humana, além do odor fétido de purulência viva exalando da terra, do lodo, das entranhas das pedras vermelhas e do interior das embarcações. (RCO, 2010, p.111)

Ainda em relação às nações ibéricas, Holanda (1997) comenta que elas foram consideradas pioneiras da mentalidade moderna, no que concerne à valorização do prestígio pessoal independente do nome herdado. Holanda assevera que, durante o período de apogeu da história das nações ibéricas, que foi marcado pelos grandes descobrimentos marítimos, a separação das classes sociais era pouco prevalente na sociedade portuguesa, o que diferia dos demais países da Europa. Desse modo, o mérito e a responsabilidade individuais encontraram pleno reconhecimento dos portugueses e dos espanhóis, que consideravam o sentimento de dignidade de cada indivíduo e seus grandes feitos e suas virtudes mais importantes do que a linhagem herdada. Nessa mentalidade, como observou Holanda (1997), o livre-arbítrio era visto com simpatia e aceito por esses povos. Por outro lado, um aspecto que parece contraditório, à primeira vista, e que foi observado na psicologia desses povos ibéricos, é a repulsa que eles sempre tiveram ao culto ao trabalho. Para o autor, só recentemente a ética do trabalho conseguiu conquistar algum espaço entre eles. No entanto,

seu completo êxito se tornou duvidoso, devido às resistências que o trabalho físico encontrou e ainda encontra (HOLANDA, 1997). Tais afirmações de base culturalista nos parecem problemáticas, se considerarmos os motivos da colonização portuguesa, que visava mais à exploração do que ao trabalho metódico e persistente, em busca de estabilidade e de segurança. Esse último caracteriza a colonização de povoamento:

A colonização portuguesa teve uma feição marcadamente prática, concreta e pouco espiritual. Ela foi obra do tipo aventureiro – [...] A ausência de projeto, de dedicação permanente e a busca da riqueza fácil, expressivas no tipo aventureiro, deram à colonização portuguesa um nítido aspecto de exploração comercial; de "feitorização muito mais do que de colonização", que se exprime não apenas na ocupação restrita ao litoral, de fácil comunicação com a metrópole, como também no predomínio incontestado do rural sobre o urbano. (AVELINO FILHO, 1989, p. 1-2)

Portanto, o processo de colonização portuguesa ocorreu sem muito planejamento e foi estruturado em latifúndios e na monocultura de base escravista. Foi devido a isso que a autoridade patriarcal ganhou força, e a classe subalterna se viu oprimida e submissa e teve que prestar obediência ao senhor e proprietário das terras.

Ainda em relação à colonização portuguesa no Brasil, Holanda lembra que começou com a exploração do litoral e que o fato de toda a costa brasileira ser habitada principalmente pelas tribos tupis só facilitou essa exploração, porquanto os jesuítas precisaram aprender um único idioma e, quando necessário, em alguns lugares, adaptá-los para facilitar a comunicação/relacionamento com os demais povos do país, fossem eles da mesma tribo ou de tribos diferentes.³⁶ Portanto, segundo a hipótese de Holanda (1997), dessa interação com esses povos tupis, ao ocupar suas terras ou expulsá-los para o sertão, os portugueses herdaram várias características comportamentais desses povos indígenas e a influência da língua indígena na língua portuguesa, que passou a incorporar vasto vocabulário dos idiomas dos povos nativos. No entanto, não devemos esquecer que o negro também exerceu influência e desempenhou um papel muito importante no processo de transculturação no Brasil. Em entrevista concedida à IHU on line, em 2006, Sílvia Helena Zanirato e Edilaine C. Ferreira disseram: “As nossas raízes teriam sido formadas pela diversidade das culturas inseridas nesse

³⁶ Holanda (1997, p.105) sugere que, devido às extensas migrações dos povos tupis, os portugueses, em sua expansão pelo litoral, sempre se instalaram durante todo o período colonial, em áreas que já haviam sido marcadas por essas migrações. Segundo ele, é possível que, quando os primeiros portugueses aportaram às costas brasileiras, os tupis-guaranis já houvessem se estabelecido pelo litoral em data relativamente recente, para ser mais exato, a partir do Século XV. Tal fato se confirma pela perfeita identidade na cultura de todos os habitantes da orla litorânea, pois havia semelhança na condição, nos costumes e nos ritos gentílicos.

processo. Nossa realidade é assim refletida a partir da pluralidade dessas culturas, nas quais portugueses, africanos, espanhóis e índios assumem uma relação dialética.” (p.3)

É sabido que, entre os moradores da capitania de São Paulo, na época das bandeiras no Século XVII, era comum o uso do idioma tupi tanto nas relações dos cidadãos entre si quanto no trato doméstico, mais do que o uso do próprio português.³⁷ Holanda (1997) comenta que tal fato se deve ao bandeirismo que, periodicamente, atraía para o sertão grande parte da população masculina da capitania, que deixava as mulheres com a responsabilidade de educar as crianças na idade pré-escolar e escolar e de cuidar delas, que ficavam, na maioria das vezes, sujeitas a um sistema quase matriarcal. Nesse contexto doméstico, sobretudo nas camadas mais humildes e que também eram as mais numerosas do povo, as mulheres – na maioria das vezes indígenas, que se misturaram com os primeiros conquistadores e colonos – e suas serviçais indígenas, ambas ignorantes em relação ao idioma português, utilizavam o idioma nativo/da terra para se comunicar. Holanda acrescenta que tal prática se tornara comum nessa camada da população, em que havia grande mistura e a convivência de índios, o que impunha o uso constante do idioma indígena. Em decorrência desse gênero de vida, na capitania de São Paulo, existia uma forma de bilinguismo que não ocorria nas demais, porque os paulistas das classes mais educadas e abastadas eram muito mais fluentes na língua indígena do que os filhos de outras capitanias.

No romance *RCO*, a relação entre o índio e o imigrante libanês apresenta outra configuração: a índia não é representada como a esposa do imigrante, que exerce seu papel de mãe, com filhos reconhecidos como legítimos. Ao contrário, a índia Anastácia, por exemplo, exerce o papel social de empregada doméstica (lavadeira) de Emilie, com quem tem uma relação de extrema subalternidade, e sua voz só é ouvida nas histórias que costuma contar sobre a vida na floresta, suas plantas e animais:

Anastácia falava horas a fio, [...] Hoje, ao pensar naquele turbilhão de palavras que povoavam tardes inteiras, constato que Anastácia, através da voz que evocava vivência e imaginação, procurava um repouso, uma trégua ao árduo trabalho a que se dedicava. Ao contar histórias, sua vida parava para respirar; e aquela voz trazia para dentro do sobrado, para dentro de mim e de Emilie, visões de um mundo misterioso: [...] Emilie deixava-a falar, mas por vezes seu rosto interrogava o significado de um termo qualquer de origem indígena, [...], e que pertencia à vida da lavadeira, a um tempo remotíssimo, a um lugar esquecido à margem de um rio, e que desconhecíamos. (RCO, 2010, p.81-82)

³⁷ Tal afirmação, citada e comentada por Holanda (1997, p.122), baseia-se em testemunhos do padre Antônio Vieira e dos governadores Antônio Pais de Sande e Artur de Sá e Meneses.

Portanto, no espaço urbano – a cidade de Manaus – diferentemente de São Paulo da época das bandeiras, a língua indígena só é falada por uma minoria subalterna e, como tal, não conseguiu extrapolar suas fronteiras para esse espaço, onde coexistem o idioma português e o libanês – esse último com menos frequência, especialmente entre o casal de imigrantes e entre Emilie e seu primogênito, Hakim, ou entre seus compatriotas imigrantes.

Entre as várias citações destacadas por Holanda, há uma que foi extraída de um relatório escrito pelo governador Antônio Pais de Sande, em 1692, que dizia o seguinte sobre as mulheres paulistas “[...] formosas e varonis, e he costume alli deixarem seus maridos à sua disposição o governo das casas e das fazendas [...] os filhos primeiro sabem a língua do gentio do que a materna”. (HOLANDA, 1997, p.124)

Como podemos observar, na condição de colonizador, Pais de Sande vê o índio como o Outro, de beleza exótica, no entanto de raça e cultura inferiores, por conseguinte, não considera suas línguas como as línguas nativas do Brasil. Por outro lado, a mulher indígena, ao exercer o papel de matriarca da família, devido às circunstâncias que impossibilitam o patriarca de exercer o seu poder, fica incumbida de educar os filhos e, consequentemente, ensina sua língua nativa, provavelmente por não dominar a língua do colonizador. Nesse caso, tais circunstâncias proporcionaram à mulher certo poder e autonomia, não só no espaço doméstico, como também na educação dos filhos.

Ainda sobre a antiga São Paulo do Século XVII, por exemplo, podiam ser encontrados, com certa frequência, casos em que os nomes de origem portuguesa recebiam o sufixo aumentativo do tupi.³⁸ Podemos concluir que tal ocorrência resultou do processo de transculturação, em que a língua do colonizador sofre mudanças dessa interação entre colonizador e colonizado, através dos processos de apropriação e ab-rogação. No entanto, Holanda comenta que, quando o uso corrente da língua tupi começou a desaparecer entre os paulistas, e o uso da língua portuguesa começou a predominar entre eles, em meados do Século XVIII, as alcunhas de origem tupi começaram a diminuir, enquanto as de origem portuguesa passaram a ser mais frequentes. Isso se justifica porque, nos lugares onde a presença dos índios administrados escasseava, a língua portuguesa passava a dominar. Segundo Holanda (1997), tal fato passou a se intensificar com a generalização da importação de escravos, que contribuiu para que o número de índios administrados, durante grande parte dos anos de 1700 no trabalho doméstico e na lavoura, fosse diminuindo e sendo substituído

³⁸ Holanda (1997, p.128) cita um caso, que foi registrado em um manuscrito da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, em que os paulistas deram ao governador Antônio da Silva Caldeira Pimentel o cognome de Casacuçu, porque ele costumava usar uma casaca comprida.

pela mão de obra de escravos africanos. Acreditamos que tal mudança se deve, basicamente, a dois fatores: os índios não se adaptaram ao trabalho pesado nas lavouras, razão por que muitos morreram de doenças transmitidas pelos colonizadores portugueses, e o genocídio resultante de conflitos pela posse de terras, cujos confrontos armados resultaram em violência generalizada contra a população indígena. Tanto os índios quanto os negros, além de terem sido excluídos socialmente, sofreram discriminação racial e foram submetidos a muita humilhação e sofrimento quando escravizados pelos senhores proprietários de terras. Os índios foram violentados, explorados, escravizados, e seu território foi tomado, e os negros, além de terem sido explorados, excluídos e escravizados, foram tirados de sua pátria e submetidos a uma migração forçada, o que contribuiu para acentuar sua condição de deslocados.

Outro fato observado por Holanda (1997), que refletiu nas fases posteriores do desenvolvimento social dos brasileiros, diz respeito à natureza mercantil da colonização portuguesa, cujo foco estava no proveito e no benefício próprio e da metrópole. Nesse aspecto, o sistema de povoação litorânea facilitava o embarque de mercadorias para a metrópole. As obras dos portugueses no Brasil, mesmo em seus melhores momentos da colonização, eram mais voltadas para a feitorização do que para a colonização, pois a realização de grandes obras dependia dos benefícios imediatos que tais obras produzissem (HOLANDA, 1997).

Outro aspecto importante que devemos considerar, ao analisar o sujeito pós-colonial, está relacionado ao movimento cultural do Século XIX, que se caracterizou pelo processo simultâneo de unificação e diferenciação e foi resultado do desenvolvimento capitalista ocorrido nesse período. Como observado por Robert J. C. Young (1995, p.4), em decorrência desse desenvolvimento capitalista, as potências capitalistas imperiais que integraram o sistema colonial e econômico foram globalizadas. Isso ocorreu à custa do deslocamento de seus povos e culturas, tanto das colônias para as metrópoles quanto das metrópoles para as colônias. Esse deslocamento provocou a ruptura da cultura europeia e aumentou a tensão entre imigrantes e não imigrantes sobre a diferença racial e a mistura racial, que resultaram do colonialismo e da migração forçada (YOUNG, 1995). Portanto, ao analisar a representação do sujeito pós-colonial, devemos considerar a complexidade dos processos de contato cultural, intrusão, mistura e separação, além da língua, que também é um importante objeto de análise, um aspecto para o qual, segundo Young (1995), tem sido dada pouca atenção. Para Robert

Young (1995, p.5), “Pidgin”³⁹ e línguas “creolized” são modelos eficientes porque essas línguas preservam as formas históricas reais do contato cultural. Isso se justifica porque a estrutura do “pidgin” nos leva a deixar aquele modelo de análise com foco na relação de poder direta de domínio do colonizador sobre o colonizado. Em suma, quando os vários modelos de interação cultural se misturam, tem-se o hibridismo, um termo que, no Século XX, passou a ser usado para descrever um fenômeno cultural.

Young (1995) enuncia que os modelos de análise predominantes atualmente dão ênfase à separação e exploram o processo de aculturação, por meio do qual os grupos sofrem modificações através da troca intercultural e da socialização com outros grupos. Portanto, a identidade da pós-modernidade é marcada pela heterogeneidade, pela troca cultural e pela diversidade.

Ainda segundo Young (1995, p.4), no início, a crítica pós-colonial considerava dois grupos antitéticos: colonizador X colonizado, eu X o Outro. O segundo era representado falsamente e dava ênfase a uma divisão maniqueísta que reproduzia as categorias estática e essencialista que ela procurava desfazer. Young acrescenta que, de modo semelhante, a doutrina do multiculturalismo destaca as identidades individuais e diferentes dos diversos grupos e coloca os que apresentam mais diferenças como representativos daquele grupo. Dessa forma, reproduz uma análise com representações de grupos extremistas. Só recentemente, comenta Young, foi que a crítica cultural começou a desenvolver uma análise atenta e aprofundada do intercâmbio entre culturas, a observar de perto e a delinear as complexidades e os processos produtivos e destrutivos desse intercâmbio cultural.

No próximo capítulo, apresentaremos uma amostragem da fortuna crítica dos romances, destacando estudos sobre o sujeito nas duas obras, numa perspectiva pós-colonial. Esses estudos foram realizados por estudiosos de várias nacionalidades.

³⁹ Em linhas gerais, a estrutura do “pidgin” é constituída do vocabulário de uma língua que se sobrepõe à gramática de outra língua.

4 A *HOUSE FOR MR. BISWAS* E RELATO DE UM CERTO ORIENTE: UMA REVISÃO CRÍTICA

4.1 O SUJEITO EM A *HOUSE FOR MR. BISWAS* (1961)

A obra de V. S. Naipaul tem despertado o interesse de estudiosos das Academias de várias partes do mundo, entre eles, críticos experientes e reconhecidos, como Edward Said, Homi Bhabha, John Thieme, Dolly Zulakha Hassan, Alison Donnell, George Lamming, Derek Walcott, Selwyn R. Cudjoe e Glyne Griffith⁴⁰. Naipaul completou seus estudos na Queen's Royal College, em Trinidad, e, em 1950, foi estudar na Universidade de Oxford, depois de receber uma bolsa de estudo. Ao se formar, foi viver em Londres, onde iniciou sua carreira literária. Naipaul recebeu vários prêmios: o prêmio Booker Prize em 1971; o David Cohen de literatura, em 1993; e o Nobel de Literatura em 2002. Apesar de se ver como um escritor inglês, ele está inserido no contexto literário do Caribe, que corresponde ao período em que houve o *boom* da literatura caribenha – de 1950 a 1965 – em decorrência da emigração de muitos escritores para Londres, que passou a ser considerada a capital literária do Caribe. Esse período de emigração da colônia para a metrópole foi marcado por questões econômicas e políticas motivadas pelo final da Segunda Guerra Mundial, pois a Grã-Bretanha precisava de mão de obra para suas indústrias. (DONNEL, A.; WELSH, S., 1996)

Como existe uma vasta produção acadêmica sobre o romance *A House for Mrs. Biswas*, principalmente no âmbito internacional, pretendemos, nesse capítulo, destacar apenas alguns desses trabalhos acadêmicos, não só do Brasil como também de outros países, e apresentar leituras pertinentes relacionadas ao romance e aos personagens. Na obra de V. S. Naipaul, estão presentes elementos autobiográficos, o que é uma característica importante da literatura pós-colonial. Isso se deve ao fato de que esses escritores pós-coloniais são sujeitos que vivenciaram a experiência da colonização. A questão do hibridismo cultural é outro elemento que é abordado com frequência na literatura pós-colonial e é um tema importante no romance *A house for Mr. Biswas*. O fato de Naipaul ser descendente de imigrantes indianos, de ter nascido e vivido numa colônia inglesa – a ilha de Trinidad, no Caribe – e ter tido uma educação colonial nos moldes da cultura inglesa justifica a presença de elementos das três culturas em sua obra: da cultura indiana, da inglesa e da caribenha. Entretanto o tratamento de

⁴⁰ A obra de Naipaul também recebeu críticas negativas, em particular, dos críticos e escritores da Índia Ocidental, George Lamming, Derek Walcott, Selwyn Cudjoe e Glyne Griffith. Nos anos 60 e 70, seus ensaios e livros sobre culturas pós-coloniais do Caribe, da África e da Índia geraram controvérsias.

outro tema de destaque em sua obra está relacionado aos efeitos da educação colonial na formação do indivíduo. Fragmentação, alienação e exílio são, também, termos comuns relativos à literatura pós-colonial. Além dos temas acima citados, que são explorados com frequência na literatura pós-colonial, o ponto de vista ou foco narrativo com narrador onisciente na terceira pessoa do singular, que é utilizado no romance *A house for Mr. Biswas*, também é uma característica dos romances pós-coloniais.

Glória Mônica T. Emezue (2006), em seu artigo “Failed Heroes and Failed Memories: between the alternatives of (V.S. Naipaul) Biswas and (Mongo Beti) Medza”, destaca como os romancistas V. S. Naipaul (indiano ocidental) e Mongo Beti (africano) retratam, em seus romances, as consequências do encontro colonial, através das memórias de seus personagens, e o desenvolvimento do diálogo pós-colonial nas mentes e nos pensamentos dos indivíduos que representam determinados estágios históricos e culturais de crescimento e transformação. Ela observa que, em toda a obra de Naipaul, devido à sua inclinação pelo autodesprezo, o processo histórico do indiano ocidental é interpretado como definido, irreversível e, provavelmente, irremediável.

Em *A house for Mr. Biswas*, segundo Emezue, um labirinto de relações humanas é projetado na consciência do indo-caribenho, sob a forma de constante escárnio, e o protagonista é retratado como um herói profundamente satírico, que se apresenta de maneira cômica para o indiano ocidental, que procura triunfar em seu ambiente. Nesse contexto, a Índia ocidental é retratada como um deserto espiritual, onde qualquer tentativa de criatividade e de progresso se torna sem sentido, e a socialização nesse meio implica tornar as pessoas insignificantes e destituídas de iniciativa própria ou de livre arbítrio. Ela diz que o romance poderia ser visto não apenas como uma metáfora da jornada existencialista da vida, mas também como símbolo da filosofia fatalista indiana e que a luta incessante do protagonista Biswas para possuir uma casa e se livrar da moradia dos Tulsis é vista como reflexo da necessidade do indivíduo de desenvolver o próprio modo de vida.

Ainda em relação ao protagonista, Emezue afirma que, apesar de querer ser um indivíduo diferente, ele não consegue consumir sua individualidade ou identidade própria e é ciente de que não é fisicamente atraente. E para evitar que os outros o ridicularizem, ele se antecipa e zomba de si mesmo. Emezue argumenta que Mohun Biswas não é tão seguro psicologicamente para sobreviver sem o apoio e a identidade oferecidos por um grupo familiar, embora esteja constantemente se rebelando contra os membros da família Tulsi.

Freedom comes only from momentary glimpses from the Tulsis at the deserted shop in the chase, and in the Barracks of Green Vale. But this glimpse is short-lived and based on the illusion of physical freedom which is gained at the confines of the Tulsi property.

As a hero Mr. Biswas is never truly free of the Tulsis and whenever he seeks his freedom has to be bailed by members of the Tulsi clan, thus intensifying his subservience and sense of gratitude to them. (EMEZUE, 2006, p.140)⁴¹

Ela ressalta que essa condição do protagonista, de dependência econômica e psicológica estabelece um paralelo com a condição dos estados pós-coloniais, que permanecem ligados aos seus ex-colonizadores por uma economia que é ditada por essas nações imperiais, consideradas mais fortes por suas ex-colônias. Outro aspecto também observado por Emezue, que consideramos tão relevante quanto as colocações que ela pontua, diz respeito à forma como a Índia Ocidental é retratada no romance *AHMB*. As imagens de destruição e desintegração – ‘empty houses’, ‘chaotic dining rooms’, ‘sinking floors’ ‘offending brick walls’ – são recorrentes no romance e servem para enfatizar a futilidade e a falta de esperança. Ela também observa que a ocorrência da língua crioula nesse romance reflete a memória que Naipaul mantém do Caribe e sua crença de que a Índia Ocidental é constituída de raças que foram desenraizadas/arrancadas de suas sociedades originais e que não produziram uma nova cultura para substituir o que foi perdido. Tal observação de Emezue nos remete à polêmica afirmação de Naipaul de que ‘o Caribe não tem história’. Ainda sobre essa afirmação de Naipaul, Dennis Walder (2003) comenta que Naipaul poderia ter sido mais claro e toma como base para seu comentário uma afirmação feita por Naipaul em seu livro *A way in the World*:

[...] that feeling of the void had to do with my temperament, the temperament of a child of a recent Asian-Indian immigrant community in a mixed population: the child looked back and found no family past, found a blank.⁴² (NAIPAUL, 1995, p.73)

Walder (2003) refere que a perda ou o apagamento das muitas histórias foi provocado pela escravidão e pelo trabalho contratual vivenciados no Caribe e que ele (Naipaul) se sentia

⁴¹ Sua autonomia em relação aos Tulsis surge apenas em breves momentos na loja abandonada em *chase* e nas barracas de *Green Vale*. Mas esses momentos de liberdade têm pouca duração e são baseados na ilusão da liberdade física que é obtida nos limites da propriedade dos Tulsis.

Como um herói, o Sr. Biswas nunca está verdadeiramente livre dos Tulsis e, todas as vezes em que ele busca sua autonomia, ela é concedida pelos membros da família Tulsi e intensifica sua subserviência e senso de gratidão a eles. [Tradução nossa]

⁴² Aquele sentimento de vazio estava relacionado ao meu temperamento, o temperamento de uma criança pertencente a uma comunidade recente de imigrantes indiano-asiáticos na população multicultural do Caribe, que, ao olhar para trás, não encontrou nenhum passado da família, apenas um vazio. [Tradução nossa]

incapaz de representar essas perdas, que se materializavam num sentimento de ‘void’ (vazio). Emezue conclui ressaltando que o tom satírico e irônico é o ponto forte do romance e que Naipaul tem uma inclinação para utilizar personagens que, através da zombaria, do escárnio e do desdém, são bem sucedidos em seus esforços de simular uma reconstrução histórica e psicológica de raça e memória. Conclusão que consideramos bastante perceptiva e pertinente.

O tema crise de identidade é analisado por Kumar Parag (2008) em seu artigo “Identity crisis in V. S. Naipaul’s *A house for Mr. Biswas*”. Ao introduzir sua leitura do protagonista do romance, ele observa que Naipaul costuma abordar, em seus romances, a crise de identidade de um indivíduo e que, entre os temas abordados em *AHMB*, destacam-se os problemas de isolamento, de frustração e de negação de um indivíduo que apresenta traumas de um passado conturbado e tenta encontrar um propósito na vida, marcada pelo senso de alienação, de exílio e de deslocamento.

Parag (2008) assevera que a imagem da casa funciona como uma metáfora central, unificante e integrada, em torno da qual a vida de Mr. Biswas gira, e que representa a busca desse personagem pela emancipação de sua dependência, ou seja, sua busca por individualidade e autonomia, porque possuir uma casa é mais do que ter um lugar para se abrigar do calor, do frio ou da chuva. Significa também construir uma identidade autêntica. Em sua longa, cansativa e incessante luta contra as forças de opressão para preservar sua identidade em um ambiente estranho, Mr. Biswas tenta forjar/moldar um ‘eu’ autêntico e é apresentado como um indivíduo marginalizado, que está sempre se mudando, na esperança de identificar seu lugar no mundo limitado de Trinidad e tentar encontrar suas próprias raízes no ambiente sociocultural ao seu redor (PARAG, 2008).

Continuando sua leitura do protagonista Mr. Biswas, Parag (2008) constata que esse personagem é um estranho até mesmo na própria família, que o vê como um indivíduo de má sorte por causa da hora do seu nascimento e por ele ter seis dedos em uma das mãos. Desse relacionamento complexo de Mohun Biswas com suas origens e de sua incapacidade de escapar disso, Parag (2008) encontra evidências no romance de que Mr. Biswas é crente de sua solidão e do seu dilema e de que ele também deseja ter a própria identidade entre os indianos orientais, representados pela família Tulsi. Parag (2008) conclui a leitura que fez do personagem dizendo que o romance retrata Mr. Biswas como um indivíduo que permanece firme, lutando contra o ambiente hostil que o cerca, sem fugir dessa luta pela construção de uma identidade autêntica nessa sociedade heterogênea e fragmentada de Trinidad. Tais aspectos observados por Parag (2008) serão retomados e aprofundados na análise do romance.

Em seu artigo, “V. S. Naipaul: a diasporic vision”, Kavita Nandan (2008) propõe-se a fazer uma leitura alternativa do romance *A house for Mr. Biswas*, utilizando a perspectiva diaspórica e visando refutar algumas das críticas negativas feitas, principalmente, por escritores indo-ocidentais, entre os quais, George Lamming, Selwyn Cudjoe e Glyne Griffith. Nandan destaca que o romance retrata as experiências de migração e deslocamento em Trinidad, no período histórico do colonialismo, e evoca a memória dos trabalhadores contratuais e pós-contratuais destituídos com bastante perspicácia e veracidade. Ela faz uma leitura da subjetividade pós-colonial, tomando como base a perspectiva da diáspora, e afirma que a condição da diáspora no romance é narrada como sendo ambivalente. Para Kavita Nandan (2008), a experiência da chegada, que é essencial à diáspora, porque é um aspecto do ato da migração, é explorada no romance em dois contextos: no da chegada dos indianos para trabalhar nas plantações como trabalhadores contratuais, após a abolição dos escravos em 1834, que se estendeu de 1845 até 1971 – quando terminou o *Indentureship* – e em relação ao nascimento do personagem principal do romance, Biswas, que é considerado um símbolo da geração pós-contratual, que tem de enfrentar o mundo diverso e desestabilizado de Trinidad e a entrada na fase de independência da sua história.

Segundo Nandan (2008), o tema da chegada é visto, principalmente, na perspectiva do personagem principal do romance, que se esforça para conquistar uma identidade autêntica e inteira. No entanto, sabemos que a conquista de uma identidade inteira é uma ilusão, pois, como observa Hall (2000), as identidades diaspóricas são fragmentadas, descentradas ou deslocadas, em decorrência de uma mudança histórica. Desse modo, a identidade do sujeito pós-colonial está em constante movimento e mudança, ou seja, formando-se e se transformando; é uma identidade fluida, que se constrói nas experiências de deslocamento. Nandan (2008) refere que o romance retrata as subjetividades pós-coloniais híbridas ou fragmentadas do protagonista, que não consegue atingir um “eu” uno e estável, e cuja incapacidade para encontrar o equilíbrio se deve às suas histórias – pessoal e política – que são irreconciliáveis, e que a narrativa do romance foca a luta do protagonista, Mr. Biswas, por autoconhecimento (self-awareness), num contexto em que ele herdou as fragilidades e as forças de uma história e tradição colonial, e cuja região se encontra, no momento, em crescente prosperidade econômica e em vias de conquistar a independência. Ainda segundo Nandan, Biswas herdou do seu pai, Raghu Biswas, o trauma congênito⁴³ da experiência do

⁴³ Por trauma congênito, entendemos que seja uma espécie de insegurança, de deslocamento e neurose do passado, que Nandan (2008) observa que é transferido de pai para filho – do pai de Mr. Biswas para ele, e depois, de Mr. Biswas para o seu primogênito Anand. Além do efeito do indentureship na vida dos descendentes:

deslocamento da Índia, sua terra natal, o que contribui para seu senso de deslocamento, de inquietação e de não pertencimento à sua terra natal, a ilha de Trinidad.

Outro aspecto importante observado por Nandan (2008) foi o nascimento de Mr. Biswas e o efeito na formação de sua identidade deformada, porquanto esse contexto – ele sofreu vários tipos de preconceito e foi envolto em superstições tradicionais na cultura indiana – também contribuiu para torná-lo um sujeito ainda mais alienado. No entanto, na idade adulta, Biswas lutou por uma nova vida livre dos preconceitos e da mentalidade de castas da comunidade indiana, que tenta reproduzir os costumes e as tradições da terra natal em um novo espaço. Nandan (2008) comenta que as casas que Mr. Biswas constrói e que são destruídas nos remetem ao aspecto de transitoriedade da situação diaspórica, ou seja, de uma chegada que não é permanente, e que a aquisição de uma casa própria é muito significativa para Mr. Biswas, porque representa um ato criativo e um passo para conquistar sua independência, além de sugerir a ruptura do modelo colonial de dominação. Ele complementa que a natureza precária tanto da individualidade pós-colonial de Mr. Biswas quanto das condições de adquirir a casa própria são sugeridas quando ele morre sem conseguir quitar o débito contraído para isso. Nandan (2008) conclui seus comentários ressaltando que o romance mostra a luta de uma subjetividade pós-colonial emergente e vulnerável, personificada no personagem Biswas, como resultado da história diaspórica do trabalho contratual e da migração. As abordagens apresentadas por Nandan são importantes e serão retomadas e destacadas para dar suporte à nossa análise do sujeito pós-colonial no romance de Naipaul.

Em sua descrição do protagonista do romance *A house for Mr. Biswas*, de nome Mohun Biswas, no artigo “História e ficção em Uma casa para o Sr. Biswas” (2010), Mariana Bolfarine destaca aspectos relacionados ao sujeito diaspórico que, apesar de tentar reproduzir os costumes de seus ascendentes indianos, absorve novos costumes no contato com outras culturas com as quais interage em sua comunidade e em seu entorno.

Uma Casa para o Sr. Biswas retrata a condição do indiano expatriado em Trinidad frente a um cenário de mudanças políticas, econômicas e sociais. Na primeira parte da obra, que enfoca o espaço rural, há uma forte tentativa de preservar o microcosmo indiano do qual o Sr. Biswas fazia parte e tentava fugir. Porém, essa tentativa se esvanece a partir do contato com as culturas européia e africana, em face ao capitalismo nascente, presente sob a forma de indícios na segunda parte do romance, que enfoca o espaço urbano da

“the colonial indenture experience of the grandparents has a significant effect on the son’s and grandson’s lives.” (NANDAN, 2008, p.81) (a experiência do trabalho contratual dos avós tem um efeito significativo na vida dos filhos e dos netos.) [Tradução nossa.]

capital, Porto Espanha. De um cenário para o outro há uma mudança gestual, de costumes e mesmo de trajes dos descendentes de indianos e africanos do interior, para os da capital, revelada pela percepção de Biswas, descrita pelo narrador. (BOLFARINE, 2010, p.115)

A tentativa de preservar a cultura de origem e o fracasso dessa tentativa é um dos temas centrais discutidos nesse romance. A identidade híbrida do sujeito indotrinidadiano é resultante do contexto sócio-histórico-cultural do Caribe, ou seja, da diversidade étnica e cultural decorrente do seu processo de colonização pelo império britânico. No Caribe, formou-se uma sociedade multicultural em decorrência da interação de grupos de diversas etnias, e essa mistura de culturas e de etnias contribuiu para formar um sujeito de comportamento multifacetado e complexo. Como observado por Mariana Bolfarine, em sua dissertação de Mestrado, intitulada “Espaço e metaficção em *A house for Mr. Biswas*, de V. S. Naipaul” (2011, p.4), essa obra de Naipaul retrata, de maneira peculiar, o efeito do deslocamento geográfico na psique dos imigrantes indianos, na ilha de Trinidad e Tobago, do então Caribe britânico, e apresenta suas angústias, dilemas e dificuldades de lidar com sua religião e suas tradições. Segundo Bolfarine (2011, p.41),

AHFMB aborda as principais temáticas da subjetividade moderna, à medida que seu enredo retrata a insegurança e o desassossego dos personagens em face de um cenário histórico cambiante, marcado pela transição de um sistema de produção agrária para o capitalismo, o que se reflete nas relações sociais e nas transformações culturais.

A antiga visão de identidade estabilizada e unificada deixa de fazer sentido e dá lugar a novas identidades que, segundo Hall (2000), são fragmentadas, descentradas ou deslocadas, em decorrência de uma mudança histórica. Portanto, a identidade do sujeito pós-colonial está em constante formação e transformação. Bolfarine acrescenta que o protagonista do romance, Mohun Biswas, vive uma crise de identidade motivada pelo processo de descolonização, que provocou mudanças que desestruturaram referências tradicionais, retratadas na insegurança e no desassossego dos personagens.

Naipaul cria um personagem, que como um processo metonímico, passa a simbolizar a ‘crise de identidade’ vivida pelo sujeito colonial, representada pelas inúmeras tentativas do Sr. Biswas obter uma casa e buscar sua identidade e independência. Tal busca é o indício de um novo sistema de referências, já que o individualismo, característica do capitalismo, começa a substituir o coletivismo da cultura indiana. Entretanto, como o Século XX é caracterizado por um momento de crise, as buscas do Sr. Biswas por uma imagem de fixidez não passam de frustrações. A solitária jornada de Mohun

pode ser representada pela busca do talismã localizado no centro de um labirinto, que metaforiza a sua árdua e inacabada jornada, marcada pela construção de uma identidade em conflito, pois a casa que ele consegue comprar, além de apresentar inúmeros defeitos, lhe rende uma dívida que o acompanhará mesmo após a sua morte. (BOLFARINE, 2010, p.122)

Mehmet Recep Tas (2011), em seu artigo “Alienation, Naipaul and Mr. Biswas,” toma como base para a leitura de *A house for Mr. Biswas* os seguintes aspectos: a noção de ‘unhomeliness’ – sentimento de estranhamento, despertencimento, desenraizamento, deslocamento – de Homi Bhabha; a classificação do tema de alienação de Melvin Seeman (1959, p.783-791); a noção de alienação da teoria de Hegel (*apud* WILLIAMSON, 1997, p.263-275) e a noção de alienação da teoria existencialista (TYSON, 2006). Nesse estudo, Tas (2011) observa que o protagonista, Mohun Biswas, apresenta/vivencia um senso de alienação na forma de ‘normlessness’⁴⁴ e de anomia (ausência de regra, desorganização), em que ele procura contar com sua criatividade para reagir às situações enfrentadas na vida. Mehmet (2011) refere que, nesse aspecto, Mohun Biswas, contando com sua habilidade, nunca desiste de lutar por sua existência e identidade, que se materializa na obtenção da casa própria tão desejada e que ele considera essencial para sua liberdade e autenticidade. Na análise do protagonista Mr. Biswas, Mehmet conclui que sua incessante busca por criatividade e originalidade é um dos meios que ele utiliza para encontrar sua identidade perdida e alienada, ou seja, sua identidade original autêntica. No entanto, sabemos que não existe essa identidade original e autêntica de que fala esse estudioso. Para o estudo dos romances de Naipaul e Hatoum, não consideramos oportuno/pertinente recorrer a Hegel, visto que, nessas suas obras, temos um negro – Mr. Biswas, protagonista indotrinidadiano – e uma mulher mestiça – protagonista inominada de pai desconhecido.

Jonas Akung e Leonard Onwugbueche (2011), no artigo “Alienation and quest for identity, in V. S. Naipaul’s *A House for Mr. Biswas, the Mimic Men and Miguel Street*”, argumentam que Mr. Biswas apresenta um forte senso de insegurança e uma excessiva preocupação com o futuro, e que isso se deve à sua história de vida, pois teve que sobreviver com a mãe em uma cabana, com poucos recursos, depois que o pai morreu. No entanto, esses estudiosos revelam que Mr. Biswas não se deixa intimidar por suas fragilidades e escolhe lutar com persistência em busca de sua identidade como ser humano. Outro aspecto comentado por Akung e Onwugbueche diz respeito ao fato de que a educação formal exerceu um papel muito importante na formação da personalidade de Biswas. Os autores destacam

⁴⁴ Palavra que se refere a uma situação de falta de normas ou na qual indivíduos assumem que comportamentos inaceitáveis são necessários para o sucesso.

que, na casa dos Tulsis, Biswas costuma ir de encontro às expectativas da família, porque tem dificuldade de se ajustar aos seus moldes. Eles asseveram que, entre as estratégias utilizadas por Mr. Biswas, que se sente preso e frágil na casa dos Tulsis, fazer críticas carregadas de humor, ou sem humor, para ridicularizar o modo de vida na ‘Hanuman House’, que representa o oposto do que Biswas entende como existência, e falar, em determinados momentos, o inglês crioulo, quando todos na casa falam hindi (uma das línguas nacionais da Índia), são formas que Biswas encontra para contestar e exaltar sua individualidade. Jonas Akung e Leonard Onwugbueche (2011) concluem suas observações sobre o protagonista do romance, afirmando que a casa passa a representar tudo o que a vida negou para Mr. Biswas, além de tornar um símbolo da ordem que ele deseja criar.

For Mr. Biswas the message the house represents is that it is the symbol of the hero's refusal to fall under the weight of his society, [...] Therefore Mr. Biswas' search for security and quest for his identity is seen in concrete specific terms of definite social struggle. (AKUNG, 2011, p.167)⁴⁵

As colocações apresentadas por Jonas Akung e Leonard Onwugbueche (2011) são importantes e serão observadas e consideradas na nossa leitura do romance.

Segundo Jon Mohd Bhat (2012), em seu artigo, “Caught in the mire of colonial neurosis – An analysis of V. S. Naipaul’s House for Mr. Biswas”, Naipaul retrata a comunidade deslocada de indianos em Trinidad como uma entidade homogênea, que ficou presa no passado e que, apesar disso, o protagonista Mr. Biswas tem potencial para se libertar e para seguir adiante, embora apresente limitações para desenvolver sua identidade devido ao ‘vazio’ do seu passado. Bhat entende que a neurose colonial que se manifesta nas punições e nos espancamentos que ocorrem na residência dos Tulsis – de esposas, por seus maridos, e de crianças, por seus pais – é um reflexo da experiência do trabalho contratual, caracterizado pelo espancamento dos trabalhadores por seus supervisores. No entanto, como observado por Bhat (2012, p.4), a luta de Mr. Biswas por independência, que se materializa em sua postura contrária a tais espancamentos e na sua recusa a trabalhar nas plantações como trabalhador contratado, sugere que ele quer se livrar desse ambiente destrutivo dominado pelo poder. Isso também pode ser entendido como uma forma de rejeição ao sistema colonial. Ele também ressalta que o romance trata, principalmente, do homem ‘*unaccommodated*’ (insatisfeito, não adaptado, desconfortado) e que essa é a condição de ‘*unhomely*’, ou seja, daquele que nem é

⁴⁵ Para o Sr. Biswas, a mensagem que a casa representa é a de que ela é o símbolo da recusa do herói de se deixar dominar por sua sociedade, [...] Portanto, a busca do Sr. Biswas por segurança e por sua identidade é vista, em termos concretos, como sua luta social. [Tradução nossa]

sem teto, mas que também não se sente em casa. Para Bhat (2012, p.5), o sucesso de Biswas, ao comprar uma casa, sugere a quebra do padrão colonial de dominação e que, embora ele não tenha terminado de pagar sua casa, até o momento de sua morte, essa condição precária da sua aquisição e de sua individualidade pós-colonial é sugerida no romance. O vazio que Mr. Biswas sente e que está presente em todo o romance é, de fato, o senso de ‘*out-of-placeness*’ (deslocamento). Essas questões relacionadas ao sentimento de vazio e de deslocamento de Biswas pontuadas acima também serão observados em nossa leitura do protagonista do romance.

No artigo, “Homeland through diasporic judgment in V. S. Naipaul’s *A House for Mr. Biswas*” (LEELA, 2012), mostra que a individualidade do sujeito e a casa são inseparáveis, ou seja, a conquista da individualidade implica a aquisição de uma casa. Portanto a incessante luta de Biswas para adquirir uma casa representa a necessidade do indivíduo de desenvolver uma identidade autêntica. Ele ressalta que, para Mr. Biswas, a aquisição de uma casa está associada à masculinidade do indivíduo e menciona outros aspectos de sua personalidade que já foram observados nos artigos acima apresentados, como por exemplo, sua comovente luta – contra as forças que tentam reprimir sua individualidade – para preservar a própria identidade, em um ambiente estranho, e forjar uma individualidade autêntica.

Bijender Singh (2013), em seu artigo “Representation of postcolonial identity in Naipaul’s works”, ressalta vários aspectos relevantes do romance *AHMB* e do seu protagonista, a saber: que o romance é a história de Mr. Mohun Biswas, que sofre várias formas de opressão e de infortúnio; que a casa simboliza status e propriedade e pode ser vista tanto como um símbolo central de libertação da opressão ou humilhação quanto como uma representação do desejo por autorrealização e autossatisfação; que Mr. Biswas frequentemente enfrenta obstáculos e desafios e que costuma fracassar em seus esforços; que ele luta para manter sua independência e confia que, no final, a vida vai lhe proporcionar bons momentos de doçura e de romantismo; que sua vida é difícil e traumática desde o início – sua família se separa, depois da morte do seu pai, e ele passa a viver com a mãe em condições de pobreza, sua vida profissional é tumultuosa, ele se sente sufocado pelo domínio dos Tulsis, e a família de sua esposa não permite que ele expresse sua individualidade – que ele nunca tem uma oportunidade de desenvolver o autoconhecimento; que, embora Biswas seja um homem comum, desprovido de qualquer característica marcante ou notável, Naipaul consegue lhe dar um status heroico; que é uma figura arquetípica, que incorpora o tema universal da busca por uma identidade e por um sentido na vida; que a vulnerabilidade e a falta de certeza contribuem para tornar Mr. Biswas uma pessoa mais humana, solidária e um tipo de pessoa

comum, cuja crise de identidade é uma história que não tem fim; e que Mr. Biswas não é um palhaço/bufão cômico, apesar de ser afetado/fustigado por forças econômicas, sociais e culturais. Bijender Singh (2013) conclui o artigo afirmando que a obra de Naipaul se constitui em luta por individualidade, por justiça e por voz contra a exploração e a repressão, questões relevantes a serem consideradas na análise que fazemos do protagonista Mr. Biswas.

Segundo Vinodkumar P. Chaudhari (2013), em seu artigo “Naipaul’s a house for Mr. Biswas: an existential fight of a battling belittle”, Biswas é retratado no romance como uma figura existencial, que se sente um estranho no cenário estagnado de Trinidad e luta contra o mundo dos Tulsis, ao mesmo tempo em que visa, com entusiasmo e obsessão, construir sua casa. O romance conta a história de um homem marginalizado, que luta contra a sociedade hostil para adquirir uma casa. Sua difícil luta contra a complexa estrutura sociocultural da sociedade desenraizada e transplantada de Trinidad ressalta a necessidade de existência na situação colonial (CHAUDHARI, 2013). O autor conclui comentando que o romance é uma balada do *genuine self* – eu autêntico – e dos sentimentos das pessoas indefesas, exiladas socioculturalmente, mas com forte desejo de conquistar o sucesso. Tais aspectos pontuados são relevantes e reiteram as análises anteriores do protagonista do romance de Naipaul.

Em “Towards the path of exploring: unhoused and unnecessary in ‘A house for Mr. Biswas’”, Deepak Kumar e Shagufta Naj (2013) afirmam que o romance conta a história tragicômica de um trinidadiano brâmane, descendente de indianos, em busca de identidade, independência e autonomia na Trinidad pós-colonial. Segundo os autores, esse romance, que trata de vários temas, como problemas de isolamento, frustração, angústia, negação de um indivíduo e busca por uma identidade, enfoca o período histórico do colonialismo e as experiências de migração e deslocamento em Trinidad.

Eles acrescentam que o protagonista do romance, Mohun Biswas, é retratado como um indivíduo marginalizado e solitário, no mundo limitado de Trinidad, que tenta encontrar um novo papel social, mas falha; é um órfão cultural e um homem sem história, que consegue conquistar o sucesso que seu talento limitado e o ambiente estéril permitem. No entanto, discordamos das duas últimas representações que foram atribuídas a Mr. Biswas por Kumar e Naj – que ele era um órfão cultural e um homem sem história – porque, com base na concepção de sujeito pós-colonial em que nos fundamentamos, não consideramos ser possível haver um sujeito sem cultura e sem história, em qualquer que seja esse contexto sócio-histórico-cultural e econômico. Tal leitura vai de encontro às concepções de sujeito pós-colonial que tomamos como fundamentação teórica. Todavia eles apontam citações relevantes de outros estudiosos sobre o romance e o protagonista do romance, a saber: Gourevitch (1994,

p.27) – a história que mistura comédia social e compaixão evoca a busca do indivíduo por autonomia; Ramchand (1996, p.20) – narrativa que desperta a memória dos trabalhadores contratuais e pós-contratuais desacomodados e sem casa, com agudeza psicológica e verdade emocional; Parag (2008, p.135) – descreve os traumas de um passado manchado e atribulado e as tentativas de encontrar um propósito na vida, analisando o senso de alienação e de angústia do exílio vivenciado pelos personagens; Deodat (1979) – a busca de Mr. Biswas por integridade e sua árdua luta para conseguir acomodação e o indispensável são os movimentos centrais do romance; Clemens (1982, p.71) – seus personagens herdaram um tipo de ‘neurose’ devido à insegurança do passado, à loucura, à angústia, ao deslocamento, à derrota e ao desenraizamento; Cooke (1980, p.73) – a luta persistente de Mr. Biswas para adquirir a casa própria e se livrar do domínio dos Tulsis se assemelha à necessidade que o indivíduo tem de desenvolver um modo de vida que seja exclusivamente seu. Kumar e Naj (2013) concluem o artigo afirmando que o amor de Mr. Biswas pela individualidade e pela liberdade natural do ser humano o inspira a lutar contra os rituais sem vida, os mitos e os costumes do sistema cultural brâmane degenerado que, no romance, é representado pela família Tulsi.

4.2 O SUJEITO EM *RELATO DE UM CERTO ORIENTE* (1989)

Grande parte da produção acadêmica sobre o romance *Relato de um certo Oriente*, de Milton Hatoum, concentra-se no Brasil. Nesse capítulo, pretendemos destacar apenas alguns desses trabalhos acadêmicos e apresentar uma breve amostragem da fortuna crítica, ou seja, do que esses estudiosos escreveram sobre a protagonista do romance numa perspectiva pós-colonial. Na obra de Milton Hatoum, assim como na de V.S. Naipaul, estão presentes elementos autobiográficos. A questão do hibridismo cultural é outro elemento abordado com frequência nos romances de Milton Hatoum.

Relato de um certo Oriente é o primeiro romance de Milton Hatoum e foi publicado em 1989. Os principais temas explorados nessa obra são: a família e seus dramas; a memória, a identidade e a reconstituição de lembranças; a memória em confronto com o esquecimento; a busca da origem e o trânsito entre territórios e culturas. Maria Zilda F. Cury (2000, p.175) chama a atenção para a variedade de conceitos explorados nesse romance, como identidade, tradução cultural, entre-lugar, memória, metalinguagem, entre outros, e assevera que “esse conjunto projeta a ficção num espaço interessante de leitura intersemiótica de nossa contemporaneidade” (CURY, 2000, p.176).

Ainda de acordo com Cury (2003, p.12), a prosa de Milton Hatoum reflete uma tendência que tem sido relevante na produção literária brasileira contemporânea: a de explorar a temática da imigração e fazer referência ao aspecto plural da sociedade brasileira, cuja principal característica é sua mistura étnica. Esses textos, cujas vozes são constituídas desse entre-lugar, ou seja, de uma posição liminar ou fronteira, produzem uma narrativa alternativa, que articula espaços e culturas diversas, abre espaço para as vozes nativas e, conseqüentemente, coloca abaixo a ideia de identidade fixa que nos foi imposta e que assimilamos (IDEM, 2003). Cury (2003) afirma que essas narrativas nacionais híbridas transformam o tempo e o espaço estruturados e fixos em um presente histórico móvel e aberto a novas enunciações, com diferentes espaços e relatos que produzem imagens híbridas e mestiças e refletem o mundo contemporâneo. Em seu artigo, “Fronteiras da memória na ficção de Milton Hatoum” (2003), essa autora, ao falar do imigrante e de sua representação na literatura contemporânea, menciona que o espaço ficcional de *Relato de um certo Oriente* é habitado por imigrantes, principalmente libaneses, e por nativos do espaço amazônico que negociam suas representações identitárias. Ela concebe que a memória e sua recuperação, tema comum em narrativas que enfocam a figura do imigrante, desempenham função narrativa central nesse romance, pois, como podemos perceber na leitura desse romance de Hatoum, toda a trama narrativa é tecida a partir do resgate da memória pela narradora principal. Ao relembrar fatos de sua infância, na tentativa de encontrar respostas para várias questões que, para ela, permaneceram ocultas e tentar construir sua identidade e encontrar um sentido para a sua vida, ela busca a ajuda de outras vozes que, assim como a sua, são imprecisas e fragmentadas. Desse modo, o espaço narrativo vai sendo construído, através de suas memórias e da mediação das memórias de vários narradores, numa tentativa de recuperar o tempo vivido e de buscar a si mesma e ao outro. É assim que a memória exerce o papel de fio condutor da narrativa.

Segundo Stefania Chiarelli Techima (2005), a narradora de *Relato de um certo Oriente* apresenta uma identidade fluida e em permanente construção e processo de redefinição, devido ao seu desenraizamento provocado por diversos fatores: a incerteza sobre sua origem familiar, pois fora adotada por uma família libanesa, ainda criança, sua instabilidade emocional e por pertencer a dois universos culturais diferentes. Chiarelli destaca que, nessa situação de constante indefinição que se instaura na narrativa, o relato exerceria o papel de contorno ou moldura, e a escrita da memória possibilitaria o encontro da narradora consigo mesma, ao tentar buscar as identificações culturais, familiares e psicológicas que se perderam. Portanto, é com um olhar marginal e fronteiro – de quem está situado num entre-lugar –

marcado por um ponto de vista ao mesmo tempo externo e interno – pois nem pertence à família nem está totalmente fora dela – que a narradora do romance consegue reunir os restos da vida familiar e resgatar a própria identidade por meio da narrativa. Tais considerações a respeito da protagonista inominada de *RCO* são muito importantes e serão exploradas em nossa análise.

Maria da Luz Pinheiro de Cristo (2007), em seu ensaio “Relatos de uma cicatriz”, apresenta uma discussão sobre a construção dos narradores dos romances *Relato de um certo Oriente e Dois Irmãos*. Primeiro, ela enfatiza o que todos nós já conhecemos sobre a configuração da narrativa de *RCO*:

Desenvolve-se através de vários narradores, que são mediados por uma voz: a narradora sem nome, que fala de fora. Ela passa por um problema psíquico e, durante o período em que fica internada numa clínica de repouso, resolve voltar pra sua cidade, Manaus, e refazer a sua história e a história da família que a criou. [...] Mas, no momento em que ela volta, a pessoa que poderia responder às suas perguntas, a matriarca da família libanesa que a criou, Emilie, morre. Diante desse fato, a narradora resolve fazer entrevistas, gravações, buscas de testemunhos de membros da família e de pessoas próximas. O resultado é um romance polifônico mediado por essa narradora, que, no final do processo, se transforma num relato epistolar que é endereçado a um irmão dela, também adotado por essa família, que mora na Europa. Ele é o seu leitor. (CRISTO, 2007, p.327)

Ela prossegue e apresenta outros aspectos relevantes a respeito da postura narrativa de *RCO*: que “a construção é experimental, articulando vários narradores e subvertendo o tempo e a linearidade das palavras” (CRISTO, 2007, p.328); que a narradora opta por ouvir, diferentemente da narradora de *As mil e uma noites*, que conta várias histórias; que o silêncio de Soraya, devido a sua condição de surda e muda, é bastante eloquente, apesar de sua figura indicar opacidade absoluta – “as caretas de Soraya imitando o bicho preguiça...; com gestos espalhafatosos, Soraya trazia para dentro de casa uma diversidade de episódios” (*RCO*, p.18); e que, através da fala dos outros, a narradora do *RCO* tenta reconstruir a própria história (CRISTO, 2007, p.329-230).

No artigo, “Linguagem, memória, ruínas: Relato de um certo Oriente, de Milton Hatoum”, Denis Leandro Francisco (2008), ao analisar alguns mecanismos e processos de construção do romance, refere-se ao emprego estrutural e temático da linguagem, da memória e do silêncio como instâncias instáveis, e o narrador, como entidade múltipla e instável. Nessa análise, Denis identificou algumas relações possíveis entre linguagem/escrita, memória e esvaziamento da subjetividade, visando mostrar como o romance apresenta enredo e estrutura

insuficientes e instáveis nessas três instâncias elencadas, quais sejam: linguagem, memória e silêncio: “A linguagem, no romance hatoumiano, está a serviço da memória e, portanto, já de saída fracassa duplamente: tanto maior será o vazio irrecuperável dessa linguagem, tanto maior o silêncio que a erige e preenche” (FRANCISCO, 2008, p.1). Na análise que faz do romance, a narradora anônima homodiegética e participante periférica, apesar de ser protagonista do romance, é vista apenas como mais uma peça dessa engrenagem, ou seja, como um elemento constituinte desse processo de construção do romance, cuja função se restringe a elaborar a carta-relato a partir das histórias ouvidas e rememoradas, apesar da constatação do duplo fracasso da iniciativa. Essa carta, segundo Denis, será a materialização da memória. O duplo fracasso se relaciona tanto com a memória, que é parcial, lacunar e imprecisa, quanto com a linguagem que, por mais que tente dar conta da história de toda uma vivência, nunca conseguirá, por si só, preencher todas as lacunas, ou seja, revelar todas as questões que ficaram ocultas ou não foram esclarecidas. Por isso, na busca identitária da narradora-protagonista, com o suporte de sua memória, da memória do outro e da linguagem, muitas questões permaneceram sem respostas.

Em seu artigo, “Narrativas da identidade: memória e esquecimento em textos de Miltom Hatoum”, Noemi Campos Freitas Vieira (2008) analisa como as buscas identitárias dos narradores dos romances *Relato de um certo Oriente* e *Dois Irmãos* são construídas pela memória, com o suporte da lembrança e do esquecimento simultaneamente, ao percorrer dois mundos – o mundo manauara e o do imigrante – que se interpenetram; ela complementa que esses narradores vivem o drama de, ao mesmo tempo, pertencer e não pertencer aos mundos amazônico e libanês, e que o desejo dos narradores de se autoconhecer é que os move/impele e os envolve numa busca que se depara com vários aspectos da condição humana, quais sejam: a alteridade, o estranhamento e o desenraizamento. Essa reconstituição identitária dos narradores se dá através dos fragmentos das memórias que se materializam nos vários relatos que se convergem.

Para Vieira (2008), a condição de exílio interior dos narradores e dos personagens do romance *RCO* é decorrente de uma desterritorialização vivida pelos imigrantes libaneses e pelos nativos manauaras aculturados e no âmbito das experiências da memória dos narradores, onde as instabilidades dos indivíduos em busca da própria identidade são evidenciadas. Em *Relato de um certo Oriente*, Vieira aponta evidências de como a ideia da diferença e da alteridade é mostrada, ou seja, a valorização da voz do outro no romance:

A narradora recorre, assim, aos relatos de outras pessoas envolvidas com sua vida na casa onde cresceu, perseguindo em meio aos fragmentos das histórias ouvidas e registradas, o fio que puxasse o novelo de sua identidade. (VIEIRA, 2008, p.135)

Vieira refere que, à medida que os narradores dos dois romances vão contando suas histórias de um passado que esclarece o presente, suas identidades vão se delineando. Considerando a relevância desses aspectos evidenciados por Vieira, eles serão observados em nossa análise do romance de Hatoum.

Em seu artigo, “Narrar o passado, recriar o presente: a escrita em si de Milton Hatoum”, Birman (2008) examina as experiências de subjetivação atravessadas pelos narradores dos romances *Relato de um certo Oriente* e *Dois irmãos*, de Milton Hatoum. No primeiro, a autora visa mostrar, dando destaque à dimensão negativa do processo de erosão/ruptura de si, que a narradora-anônima e personagem homodiegética passa por um processo de erosão e constituição de si, ao se debruçar no resgate da memória e, simultaneamente, lidar com as lacunas provocadas pelo esquecimento, para, a partir daí, elaborar o passado e criar o eu que narra o romance. Esse processo de erosão do personagem, de que fala Birman, assemelha-se ao duplo fracasso da iniciativa da narradora que foi evidenciado por Francisco (2008), no estudo do romance de Hatoum, porquanto ambos são resultantes do aspecto lacunar e impreciso da memória. Birman (2008) complementa que esse processo de criação de si ocorrerá por meio da escrita e da elaboração dos sofrimentos da infância, em que a narradora contará com suas lembranças revividas juntamente com os relatos de diversos personagens, que representam seus parentes e amigos, para transformar os choques, as dores e os fatos inacabados da infância em experiência. Ela também ressalta várias características da narradora, além do fato de seu nome não ser mencionado: que ela é a principal fonte e quem organiza o relato; que esconde, ou melhor, que não revela, além do seu nome, dados importantes sobre sua história, como por exemplo, o que faz, de onde veio, bem como sua descrição física e seu perfil moral:

Ao longo do *Relato de um certo Oriente*, escutaremos, portanto, uma voz impessoal e anônima, destituída de características individuais, como o caráter, a personalidade, a profissão. Despojada, em suma, de sua “identidade mundana”. (BIRMAN, 2008, p.160)

Para Birman, a ocultação do nome da narradora no interior da trama que, por vezes, torna a personagem enigmática, evanescente e espectral, parece apontar para o desconhecimento de sua origem, com o qual ela se defronta em sua exploração identitária e

que, na condição de filha, é daquela que não tem origem. E como a personagem não pode ser vista numa relação de continuidade com sua mãe biológica nem com a família de Emilie, esse vínculo de continuidade, de completo pertencimento não existe. Consequentemente, essas famílias não podem ser consideradas uma origem. Na realidade, diríamos que a narradora-protagonista desconhece sua origem, porque teve pouco contato com sua mãe biológica e não tem ideia de quem seja seu pai biológico. Apesar da fragilidade dos argumentos de Birman a respeito da questão da origem da narradora-protagonista, tais aspectos serão retomados e retrabalhados em nossa análise para torná-los mais consistente.

Em seu ensaio, “Quando a ficção se recorda, quando o sentido passa a resistir”, Michel Riaudel (2009) comenta que o pano de fundo da história de Milton Hatoum se alimenta dos entrecosques culturais orientais e ameríndios ao se aculturarem e se aclimatarem no contexto amazônico. Todavia, discordamos da existência desse contexto amazônico de ‘aculturação e aclimação harmônica’ entre culturas distintas como pano de fundo do romance de Hatoum. O que o romance retrata, de fato, é uma sociedade problemática, marcada por diferenças socioeconômicas, discriminação social, falta de políticas de inclusão e, consequentemente, de oportunidades, como demonstrado nesse trecho do romance:

Decidi, então, perambular pela cidade [...] Atravessei a ponte metálica sobre o igarapé e penetrei nas ruelas de um bairro desconhecido. Um cheiro acre e muito forte surgiu com as cores espalhafatosas das fachadas de madeira, com a voz cantada dos curumins, com os rostos recortados no vão das janelas, [...] Havia momentos, no entanto, em que me olhavam com insistência: sentia um pouco de temor e de estranhamento, e embora um abismo me separasse daquele mundo, a estranheza era mútua, assim como a ameaça e o medo. E eu não queria ser uma estranha, tendo nascido e vivido aqui. [...] Passei toda a manhã naquele mundo desconhecido, a cidade proibida na nossa infância, porque ali havia duelo entre homens embriagados, ali as mulheres eram ladras ou prostitutas, ali a lâmina afiada do terçado servia para esquartejar homens e animais. Crescemos ouvindo histórias macabras e sórdidas daquele bairro infanticida, povoado de seres do outro mundo, o triste hospício que abriga monstros. (RCO, 2010, p.109-110)

Esse cenário de pobreza e de abandono reflete uma cidade sem estrutura, que cresceu de forma desordenada e não conseguiu se adequar ao aumento acentuado de uma população nativa e migrante. Consequentemente, parte dessa população ficou excluída por não conseguir ter acesso à educação, à saúde e ao trabalho. E quando conseguem trabalho, quase sempre, são explorados pelos patrões. O trecho abaixo evidencia a condição de subalternidade e de tratamento discriminatório a que estão sujeitas as empregadas domésticas no romance RCO.

No meu íntimo, creio que deixei a família e a cidade também por não suportar a convivência estúpida com os serviçais. Lembro Dorner dizer que o privilégio aqui no norte não decorre apenas da posse de riquezas.

– Aqui reina uma forma estranha de escravidão – opinava Dorner. – A humilhação e a ameaça são o açoitado; a comida e a integração ilusória à família do senhor são as correntes e golilhas. [...]

As frutas e guloseimas eram proibidas às empregadas, e, cada vez que na minha presença Emilie flagrava Anastácia engolindo às pressas uma tâmara com caroço, [...], eu me interpunha entre ambas e mentia à minha mãe, dizendo-lhe: fui eu que lhe ofereci o que sobrou da caixa de tâmaras que comi; assim, evitava um escândalo, uma punição, ou uma advertência, [...] (RCO, 2010, p.78-79)

Riaudel (2009) comenta que o interesse de Hatoum pela dimensão cultural do homem e de uma região ou nação, concebida como aberta e movediça, é uma das forças desse romance de Milton Hatoum. Em seu ensaio, “Um certo Oriente”, Hatoum (2002) comenta que o seu romance, *Relato de um certo Oriente*, aponta para uma encruzilhada de dois mundos, que constituem uma dupla periferia formada por dois elementos: a imigração – busca de outra pátria – e a região norte – excêntrica e distante do centro. Hatoum também afirma que, ao começar a escrever esse romance, pretendeu transcender o regional ao mudar o foco do seu olhar do macrocosmo da região amazônica para o microcosmo de um drama familiar:

De modo que pus de lado o projeto de um romance espacial, de grandes panorâmicas sobre a região, e fechei a angular, usando uma lente de aumento para ver de perto um drama familiar. Às vezes essa lente focaliza cenas de viagens (o movimento da imigração, por exemplo), mas são cenas de uma avareza tão grande que a floresta e o espaço amazônicos aparecem sobretudo como cenários de reflexão das personagens.[...] Se fui avaro na descrição do espaço amazônico, talvez tenha sido mais arrojado na construção do tempo da narrativa. Se não recorri ao labirinto amazônico, recorri, sim, ao labirinto do tempo. (HATOUM, 2002, p.12)

Em seu artigo, “Identidade feminina no Relato de um certo Oriente”, Maria N. B. Trindade (2012) visa mostrar como as categorias identidade e cultura, segundo Stuart Hall, constituem um instrumento teórico importante na análise dessa obra, marcada pelo multiculturalismo e pelo trânsito entre territórios. A partir daí, Trindade propõe uma leitura do romance, visando compreender a composição das personagens e a forma como o autor constrói um enredo em que as culturas libanesa e amazônica se encontram. Na leitura que fez do romance, Emilie é vista como a protagonista⁴⁶, cuja identidade começa a ser desvendada através do seu nome, que, por ser de origem francesa, remete-nos ao domínio da França sobre o Líbano, depois da primeira guerra mundial, e constata a caracterização de uma personagem

⁴⁶ Segundo Cury (2000), Emilie é a personagem privilegiadamente centralizada no romance.

forte, decidida, guardiã dos costumes e das tradições, que toma as principais decisões da família, mas, ao mesmo tempo, apresenta uma identidade híbrida, devido às influências sofridas através da interação com outras culturas: “a narradora esclarece como a matriarca se move entre os nativos, como dialoga com as pessoas, como se transforma nesse processo, ensinando e aprendendo” (TRINDADE, 2012, p.108).

Ao falar sobre a narradora-personagem, Trindade afirma que sua existência nos é informada aos poucos e que a sua incursão é interior, porque, para relembrar o passado, ela não só busca a si mesma, como também procura preencher os esquecimentos ou as lacunas na memória por meio das vozes de outros personagens. Trindade diz que tudo o que sabemos dessa narradora-personagem e o que ela diz de si própria estão diluídos nas vozes dos demais personagens do romance, cujas memórias vão tentar preencher as lacunas provocadas pelo esquecimento e procurar esclarecer detalhes dos fatos, das pessoas, dos objetos e dos lugares da infância da narradora-personagem, cuja vida, segundo a autora do artigo, começa a existir a partir da reconstrução das lembranças das pessoas, da família e da casa onde viveu, que se dá por meio desses fragmentos de memória. Trindade sugere que o fato de o nome da narradora-personagem não ser revelado pode estar associado à sua necessidade de negar a si mesma e de poder se reconhecer como verdadeiro membro da família libanesa, e que a lembrança dos fatos seria uma forma que ela encontrou para sublimar uma rejeição ou sentimento vivenciado na infância e poder se encontrar. Trindade também destaca alguns trechos do romance que mostram aspectos da identidade da narradora, quais sejam: um olhar observador e crítico de alguém preocupado com a existência e a sociedade, mas, ao mesmo tempo, um “eu” totalmente diluído e fragmentado; uma “psique” inquietante e complexa. Ela define a narradora como uma personificação do “eu” do sujeito pós-moderno, que apresenta uma identidade em crise e tenta se reconstituir no contexto caótico do cotidiano. Tais considerações sobre a narradora-protagonista são importantes para nosso estudo e serão retomadas na leitura que fazemos da narrativa de Hatoum.

Em sua dissertação de Mestrado, intitulada “Relações de gênero no romance de Milton Hatoum”, Joana da Silva (2011) investiga como as relações de poder na família são construídas no que concerne à representação de gênero e verifica de que forma as questões de classe e de etnia se entrecruzam com as relações de gênero. Ela estuda a construção e a representação das personagens femininas na obra de Milton Hatoum e como elas interagem com os homens e com outras mulheres, considerando as relações sociais e familiares. Em sua análise, a construção e a representação da mulher são vistas como uma categoria

multifacetada, assim como as relações estabelecidas entre homens e mulheres e entre as mulheres entre si. Na visão de Silva (2011, p.36),

os lares se tornam palcos de conflitos e revoltas familiares gerados pelos mais diversos motivos, tais como a incompatibilidade religiosa, a indisciplina, o ódio, a frustração, a vingança, a disputa amorosa e, principalmente, a disputa por poder e espaço, entre outros.

Conforme observa Silva, a casa tem um grande destaque nas descrições narrativas dos romances de Hatoum e é um elemento primordial nessa busca pela história familiar, porque, “enquanto *locus* de atuação historicamente designado para o gênero feminino, é o espaço da produção, marcado pela manutenção de valores e tradições” (p.41). As mulheres da narrativa hatouniana, em geral, estão inseridas numa sociedade marcada por um patriarcalismo em decadência que, gradualmente, cede lugar a um novo regime: o pós-patriarcal, no qual a figura do pai e de “protetor” é substituída pela do irmão ou filho (SILVA, 2011). A autora também apresenta os perfis das personagens femininas do RCO, no entanto, não inclui, em sua apresentação, o perfil da narradora-protagonista inominada nem o da grande amiga de Emilie, Hindié Conceição. Sobre a representação das personagens femininas, ela diz que Emilie é a personagem central da narrativa, é filha de comerciante libanês bem sucedido e, portanto, pertencente à classe alta da sociedade manauara; é bela, sensual, esposa apaixonada, mãe extremamente protetora e a matriarca, que decide os rumos da família e exerce o papel de guardiã de sua memória. Samara Délia é a filha dessa família libanesa, sobre a qual recai um teor maior de discriminação, repressão e subordinação. Com a morte do pai, é ela quem vai ter que administrar os negócios da família e manter o sustento da casa. Assim, ocupa um lugar antes reservado ao sexo masculino. A empregada Anastácia Socorro, proveniente de alguma tribo indígena, foi adotada pela matriarca ainda muito jovem, e não se anula culturalmente, ao se integrar à família dos patrões libaneses, em cujo ambiente sua cultura indígena continua sobrevivendo através de sua voz. Como referido por Silva (2011, p.41), dentre os diversos conflitos familiares abordados pelo autor em suas obras, a figura materna (Emilie, no caso de RCO) é merecedora de destaque e idealizada como símbolo de acolhimento e de ternura ou como objeto do desejo e de disputa dos homens da casa – o marido e o filho.

Para Silva (2011, p.41), “o espaço e os diferentes papéis desempenhados pelas personagens mulheres e homens hatounianos contribuem para a (re)afirmação do poder masculino”, com o que discordamos, pois, se observarmos mais atentamente as trajetórias de Samara Délia, da narradora-protagonista e de sua mãe biológica, poderemos constatar que tais

personagens rompem, até certo ponto, com a ideia de predomínio do poder masculino. Se, de um lado, como argumenta Silva, “é através de subordinação, perseguição e marginalização da irmã, no caso, as personagens Samara Délia (*RO*, 1989) e Rânia (*DI*, 2000), que seus irmãos buscam construir a própria identidade” (2011, p.112), de outro, no caso de Samara Délia, em relação a sua gravidez fora do matrimônio, ela resiste às agressões e às humilhações dos irmãos inominados, através do seu isolamento, do desprezo a eles e, através do silêncio, não revela o nome do pai de sua filha a ninguém; sofre com a morte da filha, mas não se entrega à sua dor; com a morte do pai, ela assume a loja e dá novo impulso aos negócios da família e, no final, deixa tudo para trás (Emilie e a loja que representava o sustento da família) sem comunicar sua partida nem seu destino, o que pode ser entendido como uma forma de resistir aos valores patriarcais. Quanto à mãe biológica da narradora-protagonista, podemos deduzir, por sua casa em Manaus e suas viagens - visitou seu outro filho, também adotado por Emilie, que se encontrava em Barcelona; esteve em São Paulo, pois foi ela quem teve a iniciativa de levar sua filha, a narradora inominada, para uma clínica psiquiátrica, depois de ter sofrido uma crise psicológica; que ela parece ter uma vida autônoma, a não ser que dependa financeiramente do pai biológico dos seus filhos, caso ele seja o marido de Emilie. Quanto à narradora-protagonista, ainda jovem, decidiu sair de casa para estudar em São Paulo e buscar sua independência econômica e psicológica. Ela regressou ao seu antigo lar depois de muitos anos e resgatou as memórias da sua infância, com a ajuda de outras vozes para construir sua história.

Segundo Silva, no romance de Hatoum, o fato de a figura feminina ser enfatizada enfrentando dificuldades de relacionamento e de adequação aos padrões pré-estabelecidos para as mulheres na sociedade em que se encontram, é uma evidência de que a mulher está inserida numa sociedade masculinista, “que não lhe oferece oportunidades de escapar a um padrão de comportamento social e cultural previamente delimitado para o gênero” (2011, p.108). Silva comenta alguns aspectos em *RCO* que consideramos importantes para compreender as relações de poder e de gênero na família de imigrantes libaneses:

A estratégia de Hatoum em colocar sempre uma figura feminina no eixo central da narrativa, em geral as mães, das quais emanam as relações com os demais personagens, propicia uma análise da representação de gênero e poder centrada nas personagens femininas. Assim, uma vez que essas mulheres representam a figura materna moldada pela ideologia patriarcal ou pós-patriarcal, elas, valendo-se do poder e da centralidade que lhes é conferida pelo papel de mãe, (re)produzem sobre outras mulheres a opressão de gênero também sofrida por elas próprias [...]

Assim, pode-se perceber que, dentro da esfera familiar e social dos imigrantes libaneses, as mulheres, enquanto mães, desempenham papéis múltiplos e contraditórios, reproduzindo sobre outras mulheres as estruturas de poder e dominação a que estão sujeitas. [...]

Em *Relato de um certo Oriente* (1989), o marido de Emilie ainda pode ser considerado um pai de família conservador. No entanto, representa-se o surgimento de um novo arranjo familiar-social em que o pai tenta impor sua autoridade patriarcal, mas essa se encontra totalmente desacreditada, sem vigor. [...] (SILVA, 2011, p.109-111).

Silva acrescenta que, quando o pai fracassa ao exercer sua autoridade, os filhos passam a exercer o poder patriarcal, cujos interesses convergem para a realização de seus desejos individuais. No entanto, eles não assumem a responsabilidade com a família ou com os filhos nem com o trabalho. Assim, a irmã vê-se forçada a assumir tais responsabilidades. Todavia, Silva observa que essa emancipação conquistada pela irmã é apenas relativa, uma vez que sua condição de subordinação e de opressão se mantém, e afirma:

Em se tratando da construção e representação do ser feminino por Hatoum, é válido também apontar como se dão as duas vertentes da oposição na qual as mulheres são situadas no decorrer dos romances: ora como dominadoras e opressoras, ora como discriminadas e oprimidas. Porém, vale ressaltar que tais polaridades, um tanto dicotômicas, encerram inúmeras nuances, pois, em nenhuma delas, a plenitude ou totalidade se faz presente (SILVA, 2011, p.114)

Há que se ressaltar que a autora não considerou o caráter contraditório que é determinante na construção da identidade de gênero e de sujeito diaspórico. No caso de Emilie, mulher imigrante libanesa, portanto de outra etnia e proveniente de contexto cultural e social diferente, a construção identitária determina seu “caráter plural, processual, provisório e contraditório” (ALMEIDA, 2015, p.65). Como representada no romance *RCO*, Emilie vivencia experiências ambivalentes, plurais e multifacetadas, ao renegociar seus conceitos identitários. Isso se justifica porque, além do deslocamento espacial, aspectos políticos, sociais e culturais “fazem com que experiências análogas sejam vivenciadas de formas diferenciadas. A noção de desterritorialização e de pertencimento, por exemplo, adquirem sentidos outros em contextos variados para as mulheres dessa nova diáspora” (ALMEIDA, 2015, p. 65).

No final de sua conclusão, Silva faz uma observação que, apesar de previsível, merece ser citada porque consideramos pertinente, acerca das relações de gênero no romance: “a leitura das relações entre homens e mulheres e também de mulheres entre si, nos permitiu

visualizar um complexo universo ficcional no qual homens e mulheres ora se confrontam, ora se harmonizam, dentro da narrativa de Milton Hatoum” (2011, p115).

Estudaremos, no capítulo seguinte, as representações do sujeito pós-colonial nos romances *A house for Mr. Biswas*, de V.S. Naipaul, através do protagonista Mr. Biswas, e *Relato de um certo Oriente* de Milton Hatoum, através da narradora/protagonista anônima. Analisaremos as representações desses sujeitos, estudando o imigrante em *AHMB* – personagem principal: indotrinidadiano – e uma manauara adotada por um casal de imigrantes libaneses em *RCO* – a narradora protagonista inominada.

5 O SUJEITO PÓS-COLONIAL EM A *HOUSE FOR MR. BISWAS* E RELATO DE UM CERTO ORIENTE

5.1 O SUJEITO PÓS-COLONIAL EM A *HOUSE FOR MR. BISWAS*

Já é fato constatado que, da colonização do império britânico, os povos dos países colonizados sofreram mudanças no modo de viver, e que os colonizadores britânicos também passaram por mudanças nesse encontro colonial. É que, nessas relações complexas do colonialismo, ao enquadrar o sujeito colonizado em sua estrutura de representação, os colonizadores veem na alteridade uma falta ou falha e introjetam no colonizado, de modo autoritário, suas representações, seja através da educação formal, seja através das relações culturais em geral. No entanto, nessa interação, o colonizador também sofre influência da cultura do colonizado, porque, como argumenta Bhabha (2007), uma identidade híbrida emerge das relações de poder e de submissão entre sociedades que se formaram a partir da visão de colonizadores e colonizados. E desse processo de hibridização cultural, que se constrói em um espaço fronteiro ou “terceiro espaço”, caracterizado como um espaço de articulação e de negociação de novos paradigmas, é gerado algo novo, que não é uma reprodução dessa ou daquela cultura nem é determinado por dois polos diferentes/opostos, mas uma nova identidade transcendente. Nessas zonas intervalares, são produzidos novos significantes, com possibilidades criadoras que rompem com as concepções binárias e monolíticas de cultura.

Também sabemos que as populações da maioria das nações ocidentais são constituídas, há vários séculos, de diferentes raças e culturas. Essas comunidades de pessoas que passaram a viver em outro país reconhecem que seus países de origem continuam ligados a eles de alguma forma, tanto através da língua, quanto da religião ou dos costumes. Isso pode ser percebido em suas emoções e na lealdade que manifestam por sua terra natal. Esse sentimento de viver em um país e, ao mesmo tempo, ter um laço com o “velho” país de origem contribui para que esse indivíduo passe a valorizar o coletivo e a comunidade. Cohen (1997, *apud* McLeod, 2000, p.207) lembra que o indivíduo que vive em uma comunidade diaspórica apresenta uma forte ligação com sua história passada de migração e um sentimento de companheirismo com os demais indivíduos de sua etnia: “a sense of co-ethnicity with others of similar background”. Até mesmo os filhos desses migrantes que nasceram no “novo” país e que, automaticamente, adquiriram uma nova nacionalidade, apresentam uma

identidade que será influenciada pela história passada de migração de seus ascendentes, sejam eles pais ou avós.

No romance, *A house for Mr. Biswas*, o protagonista Mr. Biswas faz parte desse grupo de indivíduos que, apesar de não ter vivido a experiência da migração, vive em uma diáspora e partilha de uma ligação emocional com o país de origem de seus pais.

De acordo com McLeod (2000, p.207), todas as diásporas são espaços diferenciados, heterogêneos e de disputa, apesar de estarem envolvidos na construção de um “nós” comum. São as diferenças de gênero, de raça, de classe, de religião, de língua e de geração que tornam os espaços diaspóricos dinâmicos, de mudanças, abertos a uma constante construção e reconstrução. Ainda em relação aos migrantes e aos seus descendentes, McLeod (2000, p.213) assevera que, entre eles, tanto existem semelhanças quanto diferenças, e que a relação entre essas gerações pode ser complexa e uma se sobrepõe à outra, ao invés de se contrastarem. A título de ilustração, podemos acrescentar que os descendentes de migrantes estão sujeitos a vivenciar experiências semelhantes às dos seus ascendentes, quando, por exemplo, esse descendente, nascido no “novo” país, é visto por seus compatriotas como um estrangeiro. Além disso, quando visitam a terra natal dos seus pais ou avós, eles não conseguem ver esse lugar como o “seu lar”, o que os leva a vivenciar um pouco de crise de identidade. Eles também estão suscetíveis a experimentar um sentimento de patriotismo com sua terra natal ao se deparar com parentes seus criticando seu país de nascimento. Tal comentário também serve para mostrar a posição intermediária que os migrantes e seus filhos passam a ocupar: “living ‘in-between’ different nations, feeling neither here nor there, unable to indulge in sentiments of belonging to either place”⁴⁷ (McLeod, 2000, p.214).

Essa posição liminar, vivenciada pela experiência da migração, está mudando a maneira de o indivíduo pensar sua relação com o lugar, porque, dessa posição de entre-lugar, cheia de contradições e de ambivalência, surgem novos modelos de identidade, e essa posição fronteiriça passa a ser vista como um lugar de criatividade, de novas possibilidades e, até, de privilégios. McLeod (2000, p.214) chama a atenção para a importância e o valor da posição de deslocado do migrante, que, ao aprender a refletir sobre a realidade em ‘espelhos quebrados’ (broken mirrors), passa a valorizar uma visão de mundo ao mesmo tempo parcial e plural, uma vez que todas as representações do mundo são incompletas.

A partir dessa nova realidade, a velha concepção de identidade, até então relacionada aos velhos modelos estáticos das culturas, como o modelo de identidade nacional e a noção de

⁴⁷ Vivendo entre duas nações diferentes, não se sentindo nem aqui nem lá, incapaz de ter sentimentos de pertencimento a nenhum dos dois lugares. [Tradução nossa]

enraizamento (rootedness), dá lugar a novas e dinâmicas maneiras de refletir sobre identidade, cujas formas de representação recusam o modelo binário. Assim, os opostos binários se misturam e entram em conflito. Bhabha (2007) destaca que precisamos ir além da ideia de originário e de subjetividades iniciais e passar a focar os momentos que são produzidos na articulação das diferenças culturais. Por meio do processo de hibridização, são produzidos sujeitos cujas subjetividades podem ser compostas de fontes variáveis, de diferentes materiais e de muitos lugares, o que acaba de vez com a ideia de subjetividade estável, única, ou pura, ou seja, associada a ideias de enraizamento e de pureza nacional, racial e cultural. Como lembra McLeod (2000, p.219), as identidades híbridas nunca são totais e completas por elas mesmas, elas estão constantemente em movimento, percorrendo rotas imprevisíveis, abertas a mudanças e a reinscrições.

Portanto, como sugere John McLeod (2000, p.224), não devemos fazer generalizações sobre uma experiência de diáspora ou sobre determinada perspectiva de migrante, porque existe uma variedade de diferentes posições de sujeito no interior das comunidades diaspóricas. Ele acrescenta que também não devemos nos esquecer de observar as relações de poder nessas comunidades diaspóricas, que podem favorecer determinados grupos em detrimento de outros. Essa experiência foi vivida entre Mr. Biswas e a família Tulsi. Ao refletir sobre identidade, considerando aspectos como fluidez e hibridismo e priorizando rotas (routes) ao invés de raízes (roots), estaremos ampliando as possibilidades de perceber como as identidades são construídas/formadas, tanto em determinada localidade, quanto em comunidades diaspóricas. (McLEOD, 2000, p.225)

Não é fácil definir o Caribe em termos culturais porque, além das raízes culturais dos indígenas nativos, que foram quase completamente exterminados, o Caribe tem fortes laços culturais com a Europa, a África e a Ásia, portanto, é uma sociedade de imigrantes, transplantada e heterogênea. Outro agravante foi o surgimento de um novo colonialismo gerado pela globalização que, segundo Sadowski Smith (2002 *apud* MARSHA PEARCE, s.d., p.6), adota novas formas de dominação transnacional pelo capital privado. Outra questão é a disposição geográfica do Caribe, um lugar fragmentado, constituído de muitas ilhas. Marsha Pearce (p.10) chama à atenção para outro aspecto existente no Caribe, que são as idiossincrasias socioculturais das regiões anglófona, francófona, hispânica e holandesa. Portanto, acrescenta Marsha, a língua é um fator significativo para o indivíduo caribenho, uma vez que molda o pensamento, a expressão, a interpretação e, conseqüentemente, o sentido e o significado das coisas. Apesar dessa mistura cultural na região do Caribe, Glissant (*apud* MARSHA PEARCE, op. cit., p.12) sugere que é possível construir uma identidade

cultural caribenha a partir das possibilidades criativas que resultam da fusão de práticas culturais, sem que seja preciso que o povo caribenho saia em busca de suas origens. Na realidade, a mistura de culturas é central para a noção de identidade nacional do Caribe, porque, da combinação de diferentes elementos culturais, é criado um sujeito de identidade aberta e instável, que não é africano, europeu, indiano nem asiático, mas que, segundo Bhabha (2007, p.66-69), existe em um “terceiro espaço”.

Champa Rao Mohan (2004, p.47) afirma que é a partir da cultura de um povo que sua identidade social é construída, enquanto no nível individual, são suas realizações que determinam sua identidade. Portanto, a identidade pessoal engloba questões de valores morais e atitudes, além das características físicas, e para que o indivíduo possa vivenciar uma totalidade (wholeness), é preciso que haja uma fusão de sua percepção individual com sua percepção social. Para esse estudioso, o paradoxo das dificuldades enfrentadas na modernidade reside no fato de que, devido à fragmentação das sociedades, foi rompida a afinidade que antes era sentida entre as duas, e essa divisão se acentuou ainda mais nas sociedades coloniais artificialmente criadas, como em Trinidad.⁴⁸

Mudando o foco da geografia e da cultura do Caribe para o romance de Naipaul, podemos observar que, em relação à sua estrutura, *A house for Mr. Biswas* apresenta várias características do romance realista inglês, quais sejam: narrador onisciente; narrativa com tempo linear e cronológico, apesar de, em alguns momentos, transitar entre o passado e o futuro, através de *flashbacks* e *flashforwards*; linguagem simples, clara e direta; o texto apresenta riqueza de detalhes nas descrições dos espaços e dos personagens e, como enredo, a história de um herói comum, que narra o desenvolvimento físico, psicológico, social e moral do protagonista, Mohun Biswas, do seu nascimento até a sua morte. Como observado por Amar Nath Prasad (2003, p.vii-viii), na narrativa ficcional de Naipaul, os indivíduos, as sociedades e as culturas são retratados com realismo; os protagonistas estão sempre em busca da própria identidade, em um contexto frio e indiferente, e os temas recorrentes são a psicose colonial, o conflito cultural e a busca por identidade. Isso se justifica porque o legado do imperialismo foi devastador. Além dos danos causados à economia das ex-colônias, a psique desses povos também foi afetada pelo processo de colonização cultural em que esses indivíduos tiveram suas histórias e culturas reinscritas, além de serem considerados inferiores. Em *A house for Mr. Biswas*, não é diferente, como lembra Prakash C. Pradhan (2005, p.27),

⁴⁸ “However, the paradox of the modern predicament lies in the fact that owing to the fragmentation of societies, the affinity that was once felt between the two has now been broken. In the case of artificially created colonial societies like Trinidad, this split becomes even more pronounced.” (MOHAN, 2004, p.47)

Mr. Biswas luta arduamente em busca de uma identidade própria, em uma sociedade maléfica, arbitrária, de ideias e ideologias conservadoras. Concordamos com a observação de Bolfarine (2011, p.32) de que Mr. Biswas tem as características do herói romanesco, pois, além de ser movido pela busca e de ter ideais, ele é um indivíduo problemático, que pode ser visto como representante dos conflitos de seu tempo. O romance abrange um período de, aproximadamente, 46 anos, entre 1905 e 1951, que corresponde aos anos de vida de Mr. Biswas; a situação colonial é retratada em Trinidad, no período da segunda guerra mundial, e no romance são exploradas as dimensões histórica, social e psicológica.

No decorrer da narrativa, são retratadas várias mudanças, entre as quais, o declínio da cultura hindu e dos rituais, como resultado do processo de hibridização provocado pela interação dos imigrantes indianos com a sociedade multicultural de Trinidad. Tal mudança social foi muito bem sintetizada por L. White (1975, p.88):

[Naipaul] chronicles the stages in the loss of India, the shift from country to town, from Hindi to English, from a preoccupation with Fate to a preoccupation with ambition, so that as we move from the world of Raghu to the world of Anand, we are dealing not only with the life of a man but also with the history of a culture. (*apud* PITT, R., 2001, p.10)⁴⁹

Mr. Biswas, portanto, sofre influências tanto da cultura hindu quanto da sociedade multicultural de Trinidad, que Naipaul descreve como uma sociedade materialista de imigrantes (materialist immigrant society) sem uma cultura e história própria. Naipaul (*apud* SINGH, 2013, p.2) considera Trinidad uma região que não se modernizou nem se desenvolveu por causa de problemas socioculturais como preconceito racial, corrupção política, diferentes modos de vida e hábitos alimentares. Sobre os imigrantes indianos em Trinidad e os indotrinidadianos, ele escreveu o seguinte:

A peasant-minded, money-minded community, spiritually static because cut off from its roots, its religion reduced to rites without philosophy, set in a materialist colonial society: a combination of historical accidents and national temperament has turned the Trinidad Indian into a complete colonial, even more philistine than the white. (NAIPAUL, *The Middle Passage*, 82)⁵⁰

⁴⁹ Naipaul relata os estágios da perda da Índia, a mudança do campo para a cidade, do hinduísmo para o inglês, da preocupação com o destino para a preocupação com a ambição, de modo que, conforme saímos do mundo de Raghu para o mundo de Anand, não estamos apenas lidando com a vida de um homem, mas também com a história de uma cultura. [Tradução nossa]

⁵⁰ Uma comunidade que vive para o campo e para o dinheiro, espiritualmente estática, por ter sido separada de suas raízes, sua religião ter sido reduzida a ritos sem filosofia, estabelecida em uma sociedade colonial

Segundo Jibodth (1973), os primeiros indianos que migraram para o Caribe a fim de trabalhar nas fazendas de cana-de-açúcar, como trabalhadores contratados, vieram com a intenção de passar apenas o período de cinco anos de vigência do contrato e, depois, voltar para sua terra natal, pois, no final do contrato, eles tinham como garantia uma passagem de volta para a Índia. Apesar de serem considerados trabalhadores cuja mão de obra era dócil e de terem forte vínculo com a terra, no início, a aculturação dos indianos em Trinidad foi limitada, e eles resistiram à aculturação, preservando sua cultura nativa, ao se fecharem para contato com outras culturas/etnias, o que resultou na criação de um microcosmo indiano na ilha. Acredita-se que, além do caráter transitório de sua estada, devido à possibilidade de retornar à Índia, tal dificuldade de adaptação a um novo contexto sociocultural se deva ao fato de a cultura indiana ser antiga e conservadora e de ser uma sociedade muito organizada e estratificada, cujas relações sociais são regidas pelo sistema de castas. Além disso, a religião era muito determinante em suas vidas. Com a oferta de terras pela Coroa para aqueles que desejassem permanecer na região, por volta dos anos de 1860, eles começaram a se estabelecer nas áreas próximas às plantações. Mesmo assim, viviam como se estivessem na Índia: as casas eram construídas nos moldes indianos, vestiam roupas indianas, falavam sua língua nativa e mantinham sua religião e suas práticas religiosas. Tal realidade é retratada em *A house for Mr. Biswas*. Os avós e os pais de Mr. Biswas, apesar de serem de alta casta⁵¹ - o que não tinha muita importância para a sociedade multicultural de Trinidad - eram pobres e moravam no campo, perto das plantações de cana-de-açúcar, onde trabalhavam como trabalhadores contratados. E como viviam em uma comunidade de indianos, só falavam a língua hindu e mantiveram as tradições culturais e as crenças religiosas indianas. Já Mr. Biswas, assim como os descendentes indotrinidadianos dos Tulsis, esses últimos representantes de uma classe mais abastada de imigrantes indianos que conseguiram adquirir terras, apesar de procurar manter a língua nativa no espaço íntimo, além dos costumes e das crenças tradicionais hindus, não conseguiram preservá-los como seus ascendentes migrantes.

Com o decorrer do tempo, tais valores, crenças e tradições foram se degradando, devido ao contato com a cultura e a religião ocidental. Dessa mudança de atitude, em

materialista: uma combinação de acidentes históricos e de temperamento nacional transformou o indotrinidadiano em um completo colono, até mesmo mais filisteu do que o branco. [Tradução nossa].

⁵¹ Por várias razões, o sistema de castas perdeu sua força social no novo território. Como imigrantes, desde sua viagem com destino à nova terra, eram todos colocados num mesmo espaço, portanto o contato físico entre os indivíduos de diferentes castas era inevitável. Em segundo lugar, depois que se instalavam no novo território, era simples ascender a uma casta mais elevada. Eles eram vistos sem distinção pelo restante da população caribenha, que não era receptiva aos princípios do sistema de castas. Por outro lado, as religiões hindus e as muçulmanas, assim como a língua e a unidade familiar estendida, foram mantidas. (JIBODH, 1973, p.16-17)

decorrência dessa interação, eles aprenderam a falar a língua inglesa e começaram a adotar vários costumes ocidentais. Além disso, o fato de terem também uma casa na cidade, de interagirem com outros grupos étnicos e de terem recebido uma educação formal cristã, contribuiu para que eles sofressem muita influência da cultura inglesa e americana, assim como da religião cristã. Podemos observar na família Tulsi, que é considerada conservadora, indícios claros de conflito cultural. O crucifixo que Shekhar usa, por exemplo, é uma evidência da influência do colégio católico que ele frequentava, no entanto, o restante da família considera o crucifixo um amuleto/talismã exótico e desejável. Acreditamos que, para a família Tulsi, o crucifixo não tem o mesmo significado e a simbologia atribuídos pelos cristãos católicos. Para eles, a peça representaria apenas um amuleto que traria sorte e prosperidade para quem o usasse.

A organização econômica e social da maior parte do território caribenho, que é constituído predominantemente de ilhas, foi construída com base nas plantações de cana-de-açúcar e na escravidão, e sua existência dependia da força e do crédito do comércio externo. Além disso, a dependência política dessas colônias de suas metrópoles era reforçada pelo interesse dos colonizadores em proteger o mercado para terem acesso aos recursos financeiros, pois era visando ao próprio benefício que eles estimulavam a rivalidade e a desunião entre as colônias. Tal sistema contribuiu para intensificar o isolamento entre as ilhas e a falta de organização.⁵² É por isso, entre outras razões, que a falta de estabilidade política, social e econômica é uma realidade para o caribenho.

Segundo Jibodh (1973), com a emancipação dos escravos em 1834, que contribuiu para acelerar o declínio da região, teve início o fenômeno da mobilidade de sua população. Esse fenômeno, que se caracterizava tanto pela migração no interior do território caribenho como pela migração da colônia para a metrópole, era indicativo da instabilidade na vida do caribenho, que gerou um sentimento de ‘falta de lugar’ (placelessness) e de ‘desabrigo/falta de lar’ (homelessness). Essa dispersão da população só acabou com as restrições dos Estados Unidos à imigração de grande parte da população mundial entre 1917 e 1924⁵³, e com a depressão econômica mundial no final dos anos 20. Só nos anos 30 foi que o fluxo de imigrantes recomeçou, dessa vez, para a metrópole. Jibodh (1973, p.14) comenta que, com a independência da maioria das ilhas do Caribe, teve início o processo de descolonização e,

⁵² Ver: JIBODH, Cheryl Indra. **The theme of rootlessness in West Indian fiction**. Cap.1: A historical background. p.01-19. Dissertação (Mestrado em Letras) – The University of British Columbia, Virginia, 1973.

⁵³ Ver: CUNHA, Filipe Brum. *Imigração aos Estados Unidos da América: Análise histórica e tendências no início do séc. XXI*. Dissertação. Porto Alegre, 2012. P.35-52

com ele, o sentimento de que viviam em uma cultura emprestada e de que precisavam encontrar seu ‘eu’ autêntico/verdadeiro através dos fragmentos de sua história, para poder afirmar sua herança e seu passado de heterogeneidade racial e cultural. No entanto, considerando que esses indivíduos viveram uma realidade híbrida, resultante da interconexão de várias histórias e culturas, e que carregam traços de diferentes culturas, podemos concluir que eles não conseguiriam redescobrir a pureza cultural que supunham ter perdido.

Como observado por Champa Rao Mohan (2004, p.56), em *A house for Mr. Biswas*, a mente/psique do indivíduo é analisada de forma mais aprofundada para revelar a principal problemática do indivíduo despossuído (dispossessed), que é a luta por uma individualidade autêntica. Ainda segundo esse estudioso, o romance defende uma abordagem positiva para o problema do deslocamento (displacement), já que Mr. Biswas tenta superar os limites que lhe são impostos ao lutar persistentemente contra as forças que tentam reprimir sua individualidade. Nessa luta longa e traumática, ele é bem sucedido em sua negociação por um espaço e, finalmente, realiza seu sonho de possuir uma casa, como veremos na análise a seguir.

Iyer (2005, p.17) afirma que, na literatura moderna, há uma tendência a se explorar o tema das dificuldades enfrentadas pelo indivíduo na forma de desenraizamento e crise de identidade. Sob o ponto de vista desse estudioso (2005, p.19), o romance retrata a tarefa mais impossível para o imigrante indiano no Caribe, que é a de tentar se integrar a uma sociedade ao mesmo tempo em que se mantém preso às suas raízes indianas. Desse modo, ocorre a lenta erosão da cultura hindu, no entanto ele consegue sobreviver ‘precariamente’, mesmo se sentindo deslocado nesse contexto:

It (the novel) is a study of the confusion in Hindu society in Trinidad, both the ossification of a culture into rituals and the loss of traditional culture within a multiracial society. In Mr. Biswas Naipaul explores the tension of an individual caught in such a situation through a series of powerful and evocative metaphors. (IYER, 2005, p.19-20)⁵⁴

O que nos parece é que, nesse romance, apesar do sentimento de deslocamento desses sujeitos diaspóricos, eles conseguem criar uma cultura hindu ‘imaginada’, ou seja, com uma nova configuração, uma vez que não seria possível reproduzir aquela cultura hindu de sua terra natal em um novo momento, espaço e contexto, porque, na condição de sujeitos

⁵⁴ O romance é um estudo da confusão existente na sociedade hindu em Trindade, tanto em relação ao engessamento de uma cultura em rituais quanto à perda da cultura tradicional em uma sociedade multirracial. Em Mr. Biswas, Naipaul explora a tensão do indivíduo preso a tal situação através de uma série de metáforas poderosas e sugestivas/evocativas. [Tradução nossa]

diaspóricos, que vivenciam o processo de transculturação, surgem novas e inesperadas formações identitárias, e são essas mudanças que possibilitam sua sobrevivência, mesmo que seja de forma precária.

O espaço da ilha de Trinidad é retratado no romance, que conta a história social da comunidade de imigrantes indianos, nesse período de transição que é resultante do processo de descolonização e do final da Segunda Guerra Mundial. Trata-se de uma história marcada pelo embate cultural que eles vivenciam, pelo processo progressivo de desintegração das normas que regem sua sociedade e pela constante luta dessa comunidade para se estabelecer nesse mundo. Considerado um romance de dimensão épica, ele conta a história de Mr. Biswas, do nascimento à morte. A história vai se desenvolvendo progressivamente, numa sequência de vários capítulos agrupados em duas partes, iniciada por um prólogo e concluída com um epílogo. Cada capítulo trata de determinada fase da vida do protagonista.

Segundo Homi Bhabha (*apud* CUDJOE, 1988, p.63), a narrativa apresenta uma série de referências à perda, que são observadas nos constantes fracassos de Biswas, além de apresentar uma circularidade pessimista – o prólogo do romance reescreve o epílogo, dando a ideia de que nunca começa nem termina – que reflete o constante desassossego do protagonista em busca de sua individualidade através da obtenção da casa própria. O primeiro capítulo do romance, nomeado *Pastoral* (Bucólico), descreve o nascimento e a infância de Mr. Biswas.

Mr. Biswas nasceu em um povoado na área rural, situado no sul da ilha de Trinidad; era neto de indianos pobres, de religião hindu, brâmanes – a casta no alto da pirâmide social indiana – que, em busca de melhores condições de vida, migraram para Trinidad, como trabalhadores contratados, para substituir a mão de obra escrava nas plantações de cana-de-açúcar, com a abolição da escravidão. Seus avós e pais mantiveram fortes laços com suas raízes indianas que, na condição de sujeitos diaspóricos, que viviam em uma comunidade relativamente fechada de imigrantes indianos, preservaram seus valores culturais, suas crenças e as tradições de seu país de origem: “‘Fate. There is nothing we can do about it.’” (AHMB, 15)⁵⁵. Essa é a visão do avô de Mr. Biswas, devido ao casamento mal sucedido de sua filha, que se manifestou em mais uma briga conjugal entre o casal, Haghu e Bipti, por causa da avareza do esposo Haghu, pouco antes do nascimento do filho Mohun Biswas, e que culminou com a saída de sua mãe, juntamente com seus três filhos, de sua casa para procurar conforto na casa dos pais dela. Foi na casa dos avós, e não, na casa dos seus pais, que nasceu

⁵⁵ ‘Destino. Não há nada que possamos fazer contra o destino.’ [Tradução nossa]

Biswas, que Biswas já veio ao mundo num lugar que não era seu. Na concepção do avô de Mr. Biswas, o destino é que determinava a condição humana, e não, a agência/iniciativa do indivíduo. Foi nesse contexto, onde os valores culturais e as tradições hindus, com suas crenças, superstições e simpatias estavam presentes no cotidiano de seus pais e avós, que nasceu Mr. Biswas, representante da geração de ‘pós-trabalhadores contratuais’, que teria de conviver com o mundo desestabilizado de Trindade, caracterizado por sua diversidade cultural e por estar passando pelo processo de independência em sua história.

‘Boy, boy,’ the midwife cried. ‘But what sort of boy? Six-fingered, and born in the wrong way.’ [...]
 She brought back leaves of cactus...and hung a strip over every door... every aperture through which an evil spirit might enter the hut. [...]
 The next morning, the pundit came, [...]
 ‘Hm. Born in the wrong way. At midnight, you said.’ [...]
 ‘There are always ways and means of getting over these unhappy things.’ ... and took out his astrological almanac, [...]
 ‘What about the six fingers, pundit?’
 ‘That’s a shocking sign, of course. The only thing I can advise is to keep him away from trees and water.’ [...]
 ‘One has to interpret what the book says.’ (AHMB, p.15-17)⁵⁶

Como evidenciado acima, o cotidiano dessa comunidade era marcado por crenças ancestrais, pela fé na figura do ‘*pundit*’ (sacerdote Hindu) e nas previsões do almanaque astrológico por ele interpretadas, pela preservação dos costumes tradicionais e dos rituais e, sobretudo, por acreditarem em predestinação. O nascimento de Mr. Biswas, envolto em previsões pessimistas e mau agouro, com base na hora do parto (à meia-noite), no modo como nasceu (maneira errada) e em uma de suas características físicas (um sexto dedo na mão), manifestou-se como prenúncio das dificuldades que ele teria que enfrentar no decorrer de sua vida, o que reforça o caráter determinista que permearia a vida do protagonista: a parteira previu que ele consumiria/devoraria seus pais: “‘Whatever you do, this boy will eat up his own mother and father.’” (AHMB, p.16) e que não havia nada que pudesse ser feito para evitar tal situação. Depois de consultar seu almanaque astrológico, o pundit afirmou que, devido às características de sua futura arcada dentária (teria bons dentes, mas seriam largos e com espaços entre eles), o menino seria devasso, esbanjador e, possivelmente, um mentiroso:

⁵⁶ ‘Menino, menino,’ a parteira gritou. ‘Mas que tipo de menino? Com seis dedos e nascido da maneira errada’ [...] Ela trouxe folhas de cacto e pendurou uma tira sobre cada porta, cada fenda, através da qual um mau espírito pudesse entrar na choupana. [...] Na manhã seguinte, o *pundit* (sábio/religioso hindu) veio [...] ‘Hm. Nascido do modo errado. À meia-noite, você disse.’ [...] ‘Há sempre maneiras e meios de superar/vencer tais infortúnios’ e tirou seu almanaque astrológico [...] ‘Qual é a sua opinião sobre os seis dedos, *pundit*?’ ‘Isso é um péssimo sinal. A única coisa que posso aconselhar é mantê-lo afastado de árvores e água.’ [...] ‘Alguém tem que interpretar o que o livro diz.’ [Tradução nossa].

“The boy will be a lecher and a spendthrift. Possibly a liar as well.” (AHMB, p.16). O *pundit* acrescentou que a criança teria um espirro que traria má sorte àqueles que o ouvissem espirrar - “He will have an unlucky sneeze” (AHMB, p.17) - mas que essa má sorte trazida por seu espirro poderia ser minimizada se o seu pai evitasse vê-lo durante seus primeiros 21 dias de vida. Nesse meio, havia uma forte crença de que a vida do indivíduo é determinada por forças que fogem ao seu controle. Diante de tanto mau agouro, não podemos deixar de perceber o caráter satírico e cômico evidenciado por tais circunstâncias que envolveram o nascimento de Mr. Biswas. Portanto, sua ‘chegada ao mundo’ pode ser considerada uma metáfora, em tom de sátira, da condição da diáspora do povo indiano ao Caribe: desastrosa, frustrante e sem perspectiva positiva. Como observado por Kanakaraj e Kirubahar (2005, p.67), logo ao nascer, Biswas foi exposto à humilhação física e espiritual, com o suporte das previsões do horóscopo, e foi visto como um marginal a quem o status em uma sociedade lhe foi negado já no início da vida. O *pundit* sugeriu que o nome da criança deveria começar com o prefixo ‘*Mo*’, por ser seguro e adequado:

‘But it seems to me that a perfectly safe prefix would be *Mo*.’ [...] ‘Oh, *punditji*, you must help me. I can only think of *hun*.’ [...] ‘Excellent. *Mohun*. I couldn’t have chosen better myself. For *Mohun*, as you know, means the beloved’. (AHMB, p.17)⁵⁷

Portanto, entendemos que essa combinação contraditória do perfil prenunciado de Mr. Biswas com o seu nome – Mohun – ou seja, o fato de ele ser considerado uma pessoa infortunada, enquanto seu nome significava “o amado”, pode funcionar como uma metáfora de sua condição de sujeito pós-colonial e híbrido, de subjetividade fragmentada e multifacetada, de comportamento e discurso ambivalentes e que é incapaz de conquistar uma individualidade estável e unificada. O próprio narrador vai de encontro às superstições/premonições da família quando afirma que o sexto dedo de Biswas se deve ao seu estado de subnutrição: “The malnutrition that had given him the sixth finger of misfortune pursued him now with eczema and sores that swelled and burst and scabbed and burst again, until they stank” (AHMB, p.22).⁵⁸ Essa citação estabelece um paralelo com a condição frágil, vulnerável e precária do sujeito pós-colonial. Em contrapartida, curiosamente, houve uma

⁵⁷ Mas me parece que um prefixo perfeitamente seguro seria *Mo*.’ [...] ‘Oh, *punditji*, você precisa me ajudar. Eu só consigo pensar em *hun*.’ [...] ‘Excelente. Mohun. Eu mesmo não conseguiria escolher um nome melhor, pois Mohun, como você sabe, significa o amado’... [Tradução nossa].

⁵⁸ A subnutrição que havia lhe dado o sexto dedo da má sorte agora o perseguia com eczema e feridas, que inchavam, estouravam e formavam crostas que estouravam novamente, até cheirar mal. [Tradução nossa]

série de eventos que pareciam validar as previsões negativas feitas sobre Mr. Biswas. Um deles se refere ao afogamento do seu pai: depois de vários mergulhos no lago, à procura de Mr. Biswas, o pai se afoga no momento em que Biswas, que estava escondido com medo de ser repreendido por ter perdido o garrote do vizinho, e que resultou em seu afogamento, reaparece e dá um espirro. Tal contradição reflete que havia um conflito entre a visão de mundo do narrador e a da comunidade de imigrantes indianos à qual Biswas pertencia.

Biswas e sua família moraram em Parrot Trace até a morte de seu pai, Raghu, quando tiveram que se separar. Depois que o jardim de sua casa foi invadido e saqueado pelos vizinhos que procuravam o dinheiro onde eles supunham que o pai de Biswas havia enterrado, a mãe, Bipti, decidiu vender a choupana com a terra ao vizinho Dhari por um preço baixo. Em seguida, ela se mudou com Biswas e sua filha Dehuti para Pagotes, para viver da ajuda de sua irmã Tara. Os dois irmãos, Pratap e Prasap, que já eram considerados velhos para estudar, foram morar com um parente distante em Felicity, um povoado no meio das propriedades de cana-de-açúcar, onde continuaram a trabalhar nas propriedades da região.

Pouco restou da comunidade em Parrot Trace, onde Biswas viveu seus primeiros anos de vida: nada restou da casa de seus avós e de seus pais. Alguns anos depois, descobriram petróleo na terra que sua mãe Bipti vendera por um preço tão baixo. Sua casa foi demolida e substituída por uma torre de perfuração de petróleo, e toda a região, que era pantanosa, transformou-se em uma cidade jardim, com bangalôs de madeira de telhado vermelho. O lago foi drenado, e o córrego, onde ele levava o garrote do vizinho para beber água, foi desviado para um reservatório, e seu leito foi aterrado e transformado em ruas e estradas. Assim, Biswas perdeu o lugar de seus primeiros anos de vida e suas primeiras referências: “The world carried no witness to Mr. Biswas’ birth and early years” (AHMB, p.41)⁵⁹. Essa mudança se deve ao avanço da especulação imobiliária movida pelo capitalismo emergente na região. Com a descoberta de petróleo na região, aumentou a demanda de empregos temporários, que movimentou a economia, promoveu uma melhoria no poder aquisitivo da população e trouxe indícios de riqueza para a ilha.

Biswas pode ser considerado um indivíduo desenraizado e multiplamente deslocado, cujo deslocamento ocorre na esfera geográfica, cultural, racial e familiar; filho da diáspora indiana no Caribe e discriminado pela própria família, Biswas se sentiu deslocado na maior parte de sua vida, porque nasceu em uma comunidade de imigrantes indianos e na casa que não era sua. Desde que nasceu, foi considerado um desafortunado pela própria família, que o

⁵⁹ O mundo não deixou testemunha do nascimento e dos primeiros anos do Sr. Biswas. [Tradução nossa]

tratava de forma diferenciada dos demais irmãos. Depois da morte do pai, passou a viver da ajuda da tia materna, Tara, nos fundos de sua casa; em seguida, depois de se casar com Shama, passou a viver na residência dos Tulsis e conviveu com a sociedade multicultural e multirracial de Trinidad. “And so Mr. Biswas came to leave the only house to which he had some right. For the next thirty-five years he was to be a wanderer with no place he could call his own...” (AHMB, p.40)⁶⁰. Essa condição de Mr. Biswas reflete outra característica do sujeito pós-colonial – a errância. Tal citação também evidencia a importância que a casa e o lar teriam para Mr. Biswas. A partir daí, a busca por uma casa própria passou a representar uma das principais motivações de sua vida, ao mesmo tempo em que cada casa que ele iria construir/adquirir representaria um estágio no desenvolvimento e na construção de sua identidade.

Sem referências dos seus primeiros anos de vida, sem noção de sua idade e sem certidão de nascimento, Biswas começou uma nova etapa de sua vida em Pagotes, na Escola *Canadian Mission*. Seu primeiro professor era um hindu, de baixa casta, que se convertera ao presbiterianismo – religião cristã protestante. Como Biswas e sua mãe pouco falavam a língua inglesa, foi sua tia Tara, uma senhora de posses, casada e sem filhos, que ajudou a providenciar sua certidão de nascimento para que ele pudesse frequentar a escola, onde permaneceu por quase seis anos: “In this way official notice was taken of Mr. Biswas’s existence, and he entered the new world.” (AHMB, p.44)⁶¹ Foi nesse ‘novo mundo’ que Biswas teve seus primeiros contatos com a cultura dos colonizadores ingleses e com a religião cristã:

Mr. Biswas was taught other things. He learned to say the Lord’s Prayer in Hindi from the *King George V Hindi Reader*, and he learned many English poems by heart from the *Royal Reader*. At Lal’s dictation he made copious notes, which he never seriously believed, about geysers... In arithmetic he got as far as simple interest and learned to turn dollars and cents into pounds, shilling and pence. (AHMB, p.46)⁶²

⁶⁰ E assim, o Sr. Biswas teve que deixar a única casa sobre a qual ele tinha algum direito. Durante os próximos trinta e cinco anos, ele viveu perambulando pela casa dos outros, sem ter um lugar que pudesse chamar de seu. [Tradução nossa]

⁶¹ Assim, a existência do Sr. Biswas foi oficializada, e ele ingressou no novo mundo. [Tradução nossa]

⁶² Ensinaaram ao Sr. Biswas outras coisas. Ele aprendeu a rezar o Pai-Nosso em Hindu, da Cartilha em hindu do Rei George V, e decorou muitos poemas ingleses da Cartilha Real. Ele fazia muitas anotações do que era ditado por Lal, em que ele nunca acreditava muito, sobre gêiseres. Em aritmética, aprendeu sobre juros simples e a converter dólares e centavos em libras, xelins e centavos. [Tradução nossa]

O sistema educacional da colônia visava ensinar sobre a cultura ocidental, privilegiando a história, a geografia e os valores da metrópole. Como apresentado na citação acima, o destaque dado à disciplina ‘Aritmética’ ao ensino da conversão monetária do dólar em libra é uma evidência da importância das relações comerciais existentes na época entre a ilha de Trinidad e os Estados Unidos. Tal estratégia contribuía para alienar e deslocar ainda mais o sujeito colonial, que passava a vivenciar e a valorizar uma realidade que não correspondia à sua, pois, vendo-se enquadrado nesse modelo eurocêntrico de representação, ele passava a negar sua cultura e seus valores por considerá-los inferiores. Essa distorção causada na psique do sujeito faz com ele considere a cultura do outro superior e negue a sua. Devemos lembrar que essa era apenas uma de tantas outras estratégias utilizadas pelo sistema colonial para introjetar seus valores no colonizado e exercer seu poder. Além disso, eles se utilizavam da língua dos imigrantes indianos – o hindu – para transmitir os valores cristãos e introjetar a religião cristã através das orações. Como podemos perceber, o modelo de educação colonial, apesar de ser apenas um dos agentes do sistema colonial, exercia um papel determinante na atitude do personagem. Através da educação formal, Biswas começou a se deparar com os valores ocidentais e a sofrer influência dessa cultura. Como lembra Rosemary Pitt (2001, p.9), o sistema educacional, em si, é retratado no romance de modo ambivalente: ao mesmo tempo em que impulsiona/promove o progresso do indivíduo, é também responsável pelo declínio da tradição hindu. No entanto, Mr. Biswas continua, de certa forma, a ser influenciado por seu ‘*background*’ hindu, porque o hinduísmo é uma parte vital e integral do romance (PITT, 2001, p.11). Foi também na escola que ele começou a interagir com uma criança de outra raça/etnia, um português de nome Alec, de quem se tornou amigo. Foi dessa amizade que Biswas descobriu sua habilidade para desenhar letras e pintar letreiros.

Sua nova morada, nos fundos da casa de sua tia Tara – um quarto numa choupana de barro, que dividia com estranhos – era motivo de vergonha para ele, que a manteve em segredo para os colegas da escola e considerou temporária durante os mais de cinco anos em que lá viveu. Temos, aqui, evidenciada a situação sempre marginal do personagem. Portanto, ainda criança, seus valores socioeconômicos já começaram a sofrer influência dos valores capitalistas ocidentais que privilegiavam o ter em detrimento do ser. Além disso, seu relacionamento com a mãe, durante todo o tempo em que lá viveram, contribuiu, de forma negativa, para sua formação afetiva familiar. Isso se explica porque o fato de dividirem a morada com estranhos o privou dos carinhos de sua mãe, que se sentia inibida de expressar carinho e afeição ao filho diante dessas pessoas e costumava se lamentar do seu destino para o filho, Mr. Biswas. Portanto, além de perder o pai muito cedo, ele teve uma infância carente do

afeto materno e do convívio com seus irmãos. O relacionamento com a tia Tara também não foi tão satisfatório, já que ele era tratado ora com reverência ora com indiferença, conforme a ocasião e a necessidade:

As for Dehuti, he hardly saw her, though she lived close, at Tara's. He seldom went there except when Tara's husband, prompted by Tara, held a religious ceremony and needed Brahmins to feed. [...]

In Tara's house he was respected as a Brahmin and pampered; yet as soon as the ceremony was over and he had taken his gift of money and cloth and left, he became once more only a labourer's child. (AHMB, p.49)⁶³

Durante toda a sua vida, foi essa sua condição. Seja como genro na família Tulsi, seja como jornalista, ele convivia com pessoas de posses e, algumas vezes, recebia seus favores, mas, no final, sempre retornava para seu quarto miserável e lotado. Apesar das dificuldades enfrentadas desde sua infância, ele não perdia as esperanças nem desistia de lutar por sua autonomia.

O fato de sua irmã, Dehuti, ter fugido com um rapaz de baixa casta não o desapontou nem o revoltou, pois Biswas já não tinha os mesmos valores e crenças da mãe e da tia. A escola e o convívio com pessoas de culturas e religiões distintas contribuíram para que mudasse de atitude. Em sua visão de mundo, afeto e carinho significavam mais do que ser de alta ou baixa casta e pertencer à religião cristã ou à hindu.

After the meal he learned that there was another reason for Bipti's annoyance. Dehuti had run away with Tara's yard boy, not only showing ingratitude to Tara and bringing disgrace to her, for the yard boy is the lowest of the low, but also depriving her at one blow of two trained servants. [...]

But he felt no anger or shame. When he asked about Dehuti he was only remembering the girl who pressed his dirty clothes to her face and wept when she thought her brother was dead. (AHMB, p.58)⁶⁴

Depois de ter passado por uma experiência traumática na residência do Pundit Jairam, onde vivera durante oito meses como seu assistente e sob seus ensinamentos e que culminou

⁶³ Quanto a Dehuti, ele dificilmente a via, embora ela morasse bem próximo, na casa de Tara. Ele raramente ia lá, exceto quando o marido de Tara, motivado por ela, fazia cerimônias religiosas e necessitava de Brâmanes para alimentar. [...] Na casa de Tara, ele era respeitado como um Brâmane e era paparicado; no entanto, logo que a cerimônia terminava, e ele recebia seu presente de dinheiro e tecido e se retirava, tornava-se, mais uma vez, apenas um filho de trabalhador/operário. [Tradução nossa]

⁶⁴ Depois da refeição, ele soube que havia outra razão para a tristeza de Bipti: Dehuti havia fugido com o jardineiro de Tara, não só demonstrando ingratidão com ela, mas também lhe trazendo desgraça, visto que o jardineiro era da mais baixa casta e a privara, de uma só vez, de dois criados/empregados treinados. [...] Mas ele não sentiu nem raiva nem vergonha. Quando perguntou por Dehuti, só estava se lembrando da garota que pressionou suas roupas sujas contra sua face e chorou ao pensar que seu irmão havia morrido. [Tradução nossa]

com a expulsão de Biswas da casa do Pundit, Mr. Biswas voltou para Pagotes. Sua mãe o recepcionou com indiferença e revolta, atitude que o marcou e desapontou profundamente, apesar de, mais tarde, compreender os seus motivos:

He did not see at the time how absurd and touching her behaviour was: welcoming him back to a hut that didn't belong to her, giving him food that wasn't hers. But the memory remained, and nearly thirty years later, when he was a member of a small literary group in Port of Spain, he wrote and read out a simple poem in blank verse about this meeting. (AHMB, p.57)⁶⁵

Tara o recebeu com a compreensão e o carinho que ele esperava de sua mãe e decidiu colocá-lo para trabalhar em sua cachaçaria (rumshop), que era gerenciada pelo irmão do seu esposo Ajodha – um sujeito desonesto, que suspeitava que Biswas estivesse lá para espioná-lo. Nesse estabelecimento comercial, Mr. Biswas não se chocava nem se surpreendia com as coisas que lá via: brigas, gente embriagada, polícia e muito barulho e bagunça. E apesar da pouca idade, passara por várias provas e dificuldades na vida, o que lhe proporcionou certo amadurecimento. Seu convívio com a família de Bhandat, com seus desajustes e vícios, não o influenciou negativamente. Mais uma vez, ele foi expulso da residência de Bhandat, depois de ter sido surrado severamente por suspeita de furto de um dólar, fato que não se confirmou. Aqui podemos perceber as relações de poder entre grupos da mesma etnia/raça – imigrantes indianos. Uma relação assimétrica (opressor x oprimido) e marcada por violência física, emocional e social, porque Biswas, além de ser humilhado e caluniado, sofria violência física.

Mais uma vez, ele voltou para Pagotes. Depois dos dois episódios de maus-tratos e humilhação, ele manifestou revolta e descontentamento com sua condição e decidiu dar um rumo à sua vida – conquistar sua independência e adquirir uma casa. Portanto, desde muito jovem, ele já se mostrava uma pessoa determinada e batalhadora, o que reflete certo determinismo motivado por sua própria carta natal.

‘Why do you keep on sending me to stay with other people?’ [...] He became impatient. ‘You have never done a thing for me. You are a pauper.’ [...] ‘He’s the lecher, spendthrift and liar. Not me.’ ‘Mohun!’ [...]

⁶⁵ Ele não percebeu, naquele momento, quão absurdo e comovente tinha sido o comportamento de sua mãe: o acolhendo de volta à choupana que não pertencia a ela, dando-lhe comida que não era dela. Mas as lembranças permaneceram, e quase trinta anos mais tarde, quando era membro de um pequeno grupo literário em Porto Espanha, ele escreveu e leu em voz alta um poema simples em verso sem rima sobre esse encontro. [Tradução nossa]

‘You see, Ma. I have no father to look after me and people can treat me how they want.’ [...]

‘I am going to get a job on my own. And I am going to get my own house too. I am finished with this.’ (AHMB, p.65-67)⁶⁶

A passagem pela escola despertara em Biswas o interesse pela leitura. Ele se identificava e se encantava com os heróis e com os mundos excitantes e mágicos dos romances dos escritores vitorianos britânicos Hall Caine, Marie Corelli e o filósofo político Samuel Smiles, conhecido, sobretudo, por ter escrito livros que exaltam as virtudes da autoajuda e biografias que enaltecem os feitos de engenheiros heróicos. Apesar de se deixar influenciar por tais leituras, ele percebia que sua realidade diferia da realidade desses heróis, visto que não via muita perspectiva de ascensão na sociedade trinidadiana.

... and Mr. Biswas saw himself in many Samuel Smiles heroes: he was young, he was poor, and he fancied he was struggling. But there always came a point when resemblance ceased. The heroes had rigid ambitions and lived in countries where ambitions could be pursued and had a meaning. He had no ambition, and in this hot land, apart from opening a shop or buying a motorbus, what could he do? What could he invent? Dutifully, however, he tried. (AHMB, p.78-79)⁶⁷

Biswas, entretanto, não se acomoda diante das dificuldades, e apesar de não ter grandes ambições, ele decide ampliar seus conhecimentos técnicos com a leitura de manuais técnicos. Mas, à medida que se aprofundava nessas leituras, os experimentos se tornavam complexos, e ele não encontrava meios de colocá-los em prática, o que o fez desistir da iniciativa. Mohan (2004, p.60-61) observa que, em quase toda a obra de Naipaul, subjaz a ideia de que os povos coloniais estão condenados à mediocridade. No entanto, Biswas tenta superar essa mediocridade inventando coisas, porque, além de ser muito otimista e de ter uma esperança inesgotável, tem muita fé na vida.

O reencontro com Alec lhe rendeu o terceiro trabalho – de pintor de letreiros – que ele realizou com muito empenho e dedicação apesar de ser um trabalho sem regularidade:

⁶⁶ Por que você continua me mandando morar com outras pessoas?’ [...] Ele ficou impaciente. ‘Você nunca fez nada por mim. Você é uma indigente.’ [...] ‘Ele é que é devasso, esbanjador e mentiroso. Não eu.’ ‘Mohun!’ [...] ‘Olhe, mãe, eu não tenho um pai para cuidar de mim, e as pessoas me tratam do jeito que querem.’ [...] ‘Eu mesmo vou arranjar um emprego para mim. E também vou adquirir minha própria casa. Estou cheio de tudo isso.’ [Tradução nossa]

⁶⁷ O Sr. Biswas se via em muitos dos heróis de Samuel Smiles: ele era jovem, pobre e julgava estar se esforçando. Mas sempre chegava a um ponto/detalhe onde a semelhança acabava. Os heróis tinham ambições rígidas e moravam em países onde podiam ter ambições. Ele não tinha ambição, e nesse lugar quente, além de abrir uma loja ou comprar um ônibus, o que ele podia fazer? O que ele podia inventar? No entanto, tentava com empenho. [Tradução nossa]

Work, when it came, came in a rush. [...] And yet there were moments when he could persuade himself that he lived in a land where romance was possible. When, for instance, he had to do a rush job and worked late into the night by the light of a gas lamp ... (AHMB, p.77 e 79)⁶⁸

Alec também o levou para conhecer o mundo da prostituição, uma experiência que não confirmou a predição de que ele seria um devasso: “And there were times when elusive Alec, with a face that hinted of debauch, came to Pagotes, spoke of pleasures and took Mr. Biswas to certain houses which terrified, then attracted, and finally only amused him.” (AHMB, p.79)⁶⁹ Apesar das dificuldades enfrentadas na infância, Biswas era um jovem romântico, otimista e paciente: “He had begun to wait, not only for love, but for the world to yield its sweetness and romance.” (AHMB, p.80)⁷⁰

O capítulo seguinte do romance – The Tulsis – marca outra importante fase da vida de Biswas, que consiste em sua luta heroica e incessante contra o clã dos Tulsis. Foi através do trabalho de pintor de letreiros que ele viu Shama pela primeira vez. Por causa de um bilhete que ele lhe escrevera, expressando seu encantamento e o desejo de conversar com ela, e que, por acidente, caiu nas mãos de sua mãe, a senhora Tulsi, Biswas se deixou ser pressionado a se casar com ela. A inexperiência, a insegurança e a timidez contribuíram para esse desfecho, pois o fez encarar tal situação de forma inconsequente e precipitada:

The world was too small, the Tulsi family too large. He felt trapped. How often, in the years to come, at Hanuman House or in the house at Shorthills or in the house in Port of Spain, living in one room, with some of his children sleeping on the next bed, and Shama [...], sleeping downstairs with the other children, how often did Mr. Biswas regret his weakness, his inarticulateness, that evening! (AHMB, p.91)⁷¹

⁶⁸ Trabalho, quando aparecia, era para ser feito às pressas. [...] E mesmo assim, havia momentos em que ele procurava se convencer de que vivia num lugar onde era possível existir romantismo. Quando, por exemplo, tinha que executar um trabalho às pressas e ficar trabalhando até tarde da noite à luz de um lampião a gás... [Tradução nossa]

⁶⁹ E havia momentos em que Alec, com uma cara que parecia de devassidão, aparecia em Pagotes, falava de divertimentos e levava o Sr Biswas para certas casas que, a princípio, amedrontaram-no, depois o atraíram e, finalmente, apenas o entretinham e divertiam. [Tradução nossa]

⁷⁰ Ele começou a esperar não apenas por amor, mas também que o mundo concedesse sua doçura e romantismo. [Tradução nossa]

⁷¹ O mundo era muito pequeno, e a família Tulsi era muito grande. Ele se sentiu preso. Quantas vezes, nos anos seguintes, em *Hanuman House*, na casa em *Shorthills* ou na casa em *Port of Spain*, morando em um quarto, com alguns dos filhos dormindo na cama ao lado, e Shama dormindo no andar de baixo com os outros filhos, o Sr. Biswas arrependeu-se de sua fraqueza e da incapacidade de falar naquela tarde! [Tradução nossa]

A pouca idade e inabilidade, juntamente com a influência dos costumes/valores culturais indianos, entre os quais, o de que o casamento era arranjado pelos pais, quando os filhos ainda eram muito jovens, e o da oferta do dote pelos pais da noiva, associado aos valores ocidentais que lhe foram introjetados através da educação formal, das leituras de escritores ocidentais e do contato com a sociedade multicultural de Trindade, contribuiu para desenvolver em Biswas um comportamento ambivalente, fluido e multifacetado. Ao mesmo tempo em que desejava livrar-se daquela família, ele queria status e dinheiro e se animava com a ideia de que ascenderia socialmente, sairia dos fundos da casa da tia para morar com uma jovem de posses e, com o dote que achava que iria receber, começaria uma vida nova numa casa que pudesse chamar de sua.

He felt he had been involved in large events. He felt he had achieved status.
[...]
All Mr. Biswas's dread returned, but he said, 'Is all right. I got my eyes open. Good family, you know. Money. Acres and acres of land. No more sign-painting for me.' (AHMB, p.92)⁷²

A princípio, Biswas procurou se enganar mentindo para si mesmo. Era como se quisesse dizer para si mesmo que sua precipitação em aceitar se casar com Shama lhe renderia bons frutos. E mesmo quando começou a se sentir perdido, assustado e sem importância na casa dos Tulsis, antes do casamento, ele jamais pensou em recuar, pois sua palavra e o compromisso assumido não podiam ser quebrados. Ele havia se comprometido legal e moralmente com Shama. Esses fatos nos conduzem a perceber o conflito vivenciado por Biswas, que o levou a ter um comportamento ambivalente. Ao mesmo tempo em que queria ter status e dinheiro, não queria se tornar mais um Tulsi, desnecessário, deslocado, sem autonomia e sem identidade; e se havia assumido um compromisso e se sentia no dever moral de cumpri-lo por questão de princípios, também pensou em escapar de Shama depois da cerimônia do casamento. Porém, para isso, ele não se permitia concretizar a união física do casal:

Now he thought of escape. To leave the way clear for that he thought it important to avoid the final commitment. He didn't embrace or touch her. He wouldn't have known, besides, how to begin, with someone who had not spoken a word to him (AHMB, p.96).⁷³

⁷² Ele sentia que tinha se envolvido em grandes acontecimentos, que havia conquistado status. [...] Todo o receio do Sr. Biswas voltou, mas ele disse: 'Está tudo bem. Fiquei atento. Boa família, você sabe. Dinheiro. Acres e mais acres de propriedades. Chega de pintar letreiros.' [Tradução nossa]

Assim, na primeira oportunidade que surgiu, ele saiu da casa dos Tulsis: “‘Yes, take up your clothes and go,’ Shama Said. [...] He left Hanuman House and went back to Pagotes (AHMB, p.98).⁷⁴ No entanto, para sua surpresa, todos da sua família já estavam sabendo do seu casamento e muito satisfeitos e orgulhosos da escolha que ele fizera. Sem coragem de contar sobre sua separação, ele voltou para os Tulsis que, a partir de então, passaram a considerá-lo como incômodo, importuno, desleal, não confiável, fraco e desprezível.

Sua revolta contra a família Tulsi se manifestava de várias maneiras: criticando, insultando, provocando e dando apelidos aos membros da família; isolando-se em seu quarto; recusando-se a trabalhar para eles; comunicando-se com eles em inglês, ao invés de hindu e implicando com Shama. Ele não queria ser mais um Tulsi, sem identidade e autonomia. Seu lema era remar a própria canoa: “Give up sign-painting? And my independence? No, boy. My motto is: paddle your own canoe.” (AHMB, p.107)⁷⁵ e não se rebaixar nem se resignar aos Tulsis. Havia situações em que alternava momentos de submissão, de revolta e de rebeldia: “‘Yes, Uncle?’ [...] In Seth’s presence Mr. Biswas felt diminished. [...] ‘The whole Pack of you go to hell!’ He shouted” (AHMB, p.108-111).⁷⁶ Esse comportamento ambivalente reflete sua condição de sujeito fragmentado, deslocado, instável, de identidade indefinida e em construção. Quando se sentia muito provocado e humilhado, Biswas perdia o controle, mas, logo em seguida, procurava se acalmar ao refletir sobre sua situação e condição.

Outra forma de desafiar e de provocar os Tulsis foi defendendo as ideias dos *Aryans*, missionários protestantes hindus que vieram da Índia e que pregavam contra as práticas/doutrinas do hinduísmo ortodoxo, que os Tulsis defendiam. Biswas encontrou afinidades com as práticas desse hinduísmo protestante, que pregava que casta não era importante, que o hinduísmo deveria aceitar convertidos, que os ídolos deveriam ser abolidos, que as mulheres deveriam ter acesso à educação formal. Ele começou a frequentar as reuniões do grupo *Arwacas Aryan Association*, mas não foi muito além nessa iniciativa. Também usava o humor para lutar contra a opressão exercida pelos Tulsis, que impediam que ele

⁷³ Agora ele pensava em escapar. E para deixar o caminho livre, achou importante evitar o compromisso final e não a abraçou nem a tocou. Ele não teria sabido, além disso, como começar com alguém que não tinha dado uma palavra com ele... [Tradução nossa]

⁷⁴ ‘Sim, pegue suas roupas e saia,’ disse Shama. [...] Ele saiu da *Hanuman House* e voltou para Pagotes. [Tradução nossa]

⁷⁵ ‘Deixar de pintar letreiros? E a minha independência? Não, rapaz. Meu lema é: remar sua própria canoa.’ [Tradução nossa]

⁷⁶ ‘Sim, Tio?’ [...] Na presença de Seth, o Sr. Biswas se sentia diminuído. [...] ‘Vão todos vocês para o inferno!’ Ele gritou. [Tradução nossa]

exercesse sua autonomia. Segundo Pitt (2001, p.56), Biswas se utilizava da sátira como alívio e refúgio. Ele era uma pessoa espirituosa, e esse traço do seu caráter é explorado no romance com uma mistura de humor e comoção.

Em seu relacionamento com Shama, havia muito atrito e pouco afeto. “At the sight of Shama his depression had turned to anger, but he spoke jocularly.” (AHMB, p.132).⁷⁷ Kunhambu (2014, p.236) refere que o fato de Biswas detestar os Tulsis, de demonstrar uma atitude de ingratidão com essa família e de não aceitar a ligação de Shama com a família dela o impedia de amá-la verdadeiramente. Depois de uma série de atritos entre Biswas e os Tulsis, com troca de insultos e ironias, que culminaram com Biswas sendo surrado por um dos genros da Sra. Tulsi, Govind, ele foi mandado para *Chase*, um pequeno povoado isolado no meio de uma área de plantação de cana-de-açúcar para tomar conta de uma pequena mercearia (food shop) de propriedade da família Tulsi. As condições precárias da loja e da futura morada do casal deixaram Shama revoltada e fizeram com que Biswas sentisse falta do barulho e da animação de *Hanuman House*. Mas ele era otimista e considerava *Chase* uma morada temporária e não real: “He had felt that on the first afternoon; and the feeling lasted until he left The Chase. Real life was to begin for them soon, and elsewhere. The Chase was a pause, a preparation (AHMB, p.147).⁷⁸

Além das péssimas condições das instalações, o empreendimento estava fadado ao fracasso, devido à grande quantidade de lojas concorrentes. Outro fator agravante era que Biswas não tinha experiência nem aptidão para trabalhar no comércio e agia de forma ingênua com os clientes devedores, que nem assinavam seus débitos e muitos deles nem pagavam suas contas (Biswas se sentia constrangido para pedir que eles assinassem suas notas de dívida). No entanto, ele via nessa experiência uma preparação para a vida, já que estava em busca de autonomia e de uma identidade profissional que lhe fosse satisfatória. Portanto, a estada em *The Chase* representava para ele um momento de transição de sua total dependência dos Tulsis para sua emancipação plena. Aqui também podemos estabelecer um paralelo entre essa condição de transição em que Biswas se encontrava e a condição de uma colônia que acabava de conquistar sua independência: vivenciando uma independência relativa por ainda estar despreparada para seguir seu destino sem o suporte econômico e logístico da metrópole. No final de seis anos em *Chase*, com três filhos – Savi, Anand e Myna – um empreendimento falido e 75 dólares que recebera do seguro contra o incêndio forjado da loja de *Chase*, Biswas

⁷⁷ Ao ver Shama sua depressão se transformou em raiva, mas ele falou jocosamente. [Tradução nossa]

⁷⁸ Ele teve esse sentimento desde a primeira tarde, que durou até o momento de deixar *Chase*. A vida real estava para começar para eles em breve e em outro lugar. Chase era uma pausa, uma preparação. [Tradução nossa]

decidiu acompanhar Shama de volta para a casa dos Tulsis em Arwacas. Foi quando enfrentou seu primeiro fracasso, que contribuiu para afetar-lhe a autoestima e a autoconfiança. E a sucessão de fracassos que Biswas enfrentaria o levaria ao colapso nervoso (nervous breakdown).

Seu trabalho seguinte foi de supervisor assistente na propriedade dos Tulsis em *Green Vale*, próximo a Arwacas, sob a instrução de Seth, que vinha inspecionar os trabalhos aos sábados. Lá ele se instalou num dos quartos da extremidade dos barracões e recebia 25 dólares por mês, o dobro dos demais trabalhadores. Apesar das dificuldades enfrentadas nesse trabalho para o qual não tinha aptidão e de estar distante de Shama e de seus filhos, que passavam a maior parte do tempo em *Hanuman House*, ele encontrava conforto, consolo e refúgio nas leituras. E para combater o vazio que começou a dominá-lo, ele passou a escrever mensagens religiosas em faixas de papelão que pendurava nas paredes do quarto: “HE WHO BELIEVETH IN ME OF HIM I WILL NEVER LOSE HOLD AND HE SHALL NEVER LOSE HOLD OF ME” (AHMB, p.211).⁷⁹ Tais citações evidenciam a forma superficial que ele encontrou para se fortalecer espiritualmente. Ao invés de se aprofundar nas orações, nas leituras do livro sagrado hindu e nas reflexões, ele se limitava a destacar e copiar frases soltas que encontrava em revistas hindus.

O trabalho em *Green Vale* se tornou para Biswas uma armadilha que os Tulsis lhe prepararam. Ele se sentiu tão injustiçado naquele lugar que, algumas vezes, começava a falar sozinho para desabafar e extravasar sua revolta: “‘Trap,’ she heard him say over and over. ‘That’s what you and your family do to me. Trap me in this hole.’ She saw his mouth twist with anger” (AHMB, p.223).⁸⁰

E foi assim que começou a desenvolver certo pânico, proveniente dessa ira e do vazio existencial que o dominara. Biswas não se sentia bem em nenhum lugar; se ia para *Hanuman House*, quando chegava lá, queria voltar para *Green Vale*; à noite, em *Green Vale*, sentia-se como se estivesse numa prisão. De acordo com a narrativa, a neurose desenvolvida por Mr. Biswas, que é resultante da situação colonial do meio em que ele vivia – “a pluralistic, post-colonial ruthlessly competitive culture”⁸¹ (IYER, 2005, p.19) – transformou-o em um indivíduo ambivalente, irrequieto e angustiado, que estava constantemente procurando se ajustar a um contexto marcado por choques/conflitos culturais, competitividade e

⁷⁹ Aquele que acredita em mim eu jamais deixarei e ele jamais me deixará. [Tradução nossa]

⁸⁰ ‘Armadilha,’ ela escutou ele repetir essa palavra várias vezes. ‘Isto é o que você e sua família estão fazendo comigo. Prendendo-me nesse buraco.’ Ela viu a boca dele se retorcer de raiva... [Tradução nossa]

⁸¹ uma cultura pós-colonial plural e implacavelmente competitiva” [Tradução nossa]

instabilidade econômica. Tal contexto sócio-histórico-cultural contribuiu não só para agravar o seu vazio existencial, como também para torná-lo um sujeito desenraizado, deslocado, exilado e alienado que, na busca por uma identidade autêntica e completa – que se traduz na procura incessante por uma casa própria – enfrentava uma série de dificuldades. Bhabha (*apud* KORTENAAR, 2011, p.111) considera que a falta/carência fundamental de Mr. Biswas é simbólica, especialmente, da perda que o indotrinidadiano sentia da Índia e consequente da condição colonial em geral. O medo de fracassar era causado por sua insatisfação com as circunstâncias do meio em que vivia.

A primeira casa que Biswas comprou e que lhe custou mais do que o seu salário do mês, foi uma casa de boneca, com que ele presenteou Savi, logo depois do natal, e que causou revolta nos Tulsis, que defendiam que todas as crianças da família deveriam ser presenteadas sem distinção e com equidade. Motivada por tal insatisfação de sua família com a atitude individualista e egoísta de Biswas, Shama decidiu destruí-la para reconquistar a atenção e a simpatia dos seus familiares. Essa casa representava para Biswas uma fantasia e a materialização da casa dos seus sonhos, pois, naquele momento, a aquisição de uma casa era algo inatingível. A casa que ele idealizou era diferente das casas de barro, com piso de terra batida e teto de palha de sua infância e que fazia parte de sua realidade socioeconômica; era para aqueles que tinham um nível socioeconômico mais elevado e que ele encontrava nos romances que costumava ler:

He wanted wooden walls ... a galvanized iron roof and a wooden ceiling. He would walk up concrete steps into a small verandah; through doors with coloured panes into a small drawingroom; a small bedroom, then another small bedroom. The house would stand on tall concrete pillars so that he would get two floors instead of one, and the way would be left open for future development. The kitchen would be a shed in the yard; a neat shed, connected to the house by a covered way. And his house would be painted. The roof would be red, the outside walls ochre... and the windows white. (AHMB, p.210-211)⁸²

E foi em *Green Vale* que Biswas decidiu sair da inércia e procurar os serviços de um carpinteiro negro, George Maclean, que também era ferreiro e pintor, para construir sua casa por etapas, juntando parte do salário do mês com os poucos recursos que havia guardado – a quantia de 75 dólares que recebera do seguro do incêndio da loja de Chase. Seria uma casa

⁸² Ele queria paredes de madeira, um telhado de ferro galvanizado e teto de madeira. Uma pequena varanda com degraus de concreto e com portas com vidraças coloridas que dariam acesso à sala de estar; dois pequenos quartos... A casa teria colunas de concreto altas e dois andares e espaço para futuras melhorias. A cozinha seria um galpão limpo no quintal, ligada a casa por uma passagem coberta. E a casa dele seria pintada. O teto seria pintado de vermelho, as paredes externas seriam de cor ocre... e as janelas brancas. [Tradução nossa]

pequena, com dois quartos, uma sala de estar, alpendre, colunas de concreto e telhado galvanizado, cujo projeto, estimado em, aproximadamente, 300 dólares, fora improvisado pelo carpinteiro no chão do pátio, com a aprovação de Biswas que, mais uma vez, demonstra inexperiência no trato com os negócios. No entanto, a falta de recursos financeiros para tocar a obra levou-o a utilizar alguns materiais mais baratos e de qualidade inferior e a interromper a obra, que começou a se degradar com o sol, a chuva e o tempo, e estabelece um paralelo com o estado de espírito de Biswas, que também começou a se deteriorar no decorrer do tempo: “One Saturday Seth said, while they were by the unfinished house, ‘What’s the matter, Mohun? You are the colour of this.’ He placed his large hand on one of the grey uprights.” (AHMB, p.271)⁸³

A casa inacabada e em processo de degradação pode ser vista como uma metáfora da condição psicológica de Biswas: frágil, precária, instável, estagnada, em degradação e conflito. Para driblar a crescente ansiedade causada pela falta de recursos financeiros para dar continuidade ao projeto de construção de sua casa, ele decidiu buscar forças e proteção nas mensagens de conforto que costumava escrever nas paredes, nos mantras hindus: “Say *Rama Rama Sita Rama*, and nothing will happen to you,” Mr. Biswas Said (AHMB, p.283) – “diga *Rama Rama Sita Rama*, e nada de mal acontecerá com você,” disse o Sr. Biswas – e nas leituras de escritores românticos, entre eles, *O Corcunda de Notre Dame*, de Victor Hugo⁸⁴, um romance que tem um significado para aquele momento de sua vida e que trabalhava sua mente para que deixasse de ver as situações como temporárias e passasse a buscar sentido e a valorizar as pequenas coisas da vida, ou seja, parar de projetar sua vida no futuro e começar a viver o presente mais intensamente: “The house was unimportant. The evening, in this room, was all that mattered. [...] He had made a clearing in the bush: that was the picture he gave himself of his mind:...(AHMB, p.266)⁸⁵ E nesse processo de faxina da mente, ele desenvolveu uma repentina e transitória fobia social.

Was he afraid of real people? He must experiment. But why? He had spent all his life among people without even thinking that he might be afraid of

⁸³ Em um sábado, Seth disse, enquanto eles estavam próximo à casa inacabada: ‘O que há com você, Mohun? Você está com essa cor.’ Ele colocou suas mãos grandes em um dos pilares de cor cinza da casa. [Tradução nossa]

⁸⁴ O romance, além de descrever a catedral e destacar a importância de conservá-la, apresenta, através dos personagens das diversas camadas sociais, os contrastes da sociedade de Paris e as funções exercidas pela catedral além das religiosas: dar abrigo a refugiados, aceitar órfãos entre outros excluídos.

⁸⁵ A casa não tinha importância. A tarde, nesse quarto, era tudo que importava. [...] Ele tinha feito uma faxina na mente (clearing in the bush): esse foi o quadro que ele apresentou de sua mente:... [Tradução nossa]

them. [...] Why now? Why so suddenly? He would have to wait until morning to find out whether he was really afraid. (AHMB, p.267)⁸⁶

O medo de não conseguir concluir a construção de sua casa – o que se transmutou em fobia social – é um reflexo do seu medo de não conseguir construir uma identidade plena e de não se tornar um sujeito completo e realizado. Sua obsessão por uma casa própria e, conseqüentemente, pela conquista de sua autonomia lhe causou ansiedade e melancolia “for all his lost happiness” (AHMB, p.269) – por toda sua felicidade perdida – e pela dor de viver. O passado passou a ser visto por Biswas como pleno e feliz, e o presente, como incompleto e sofrido. Isso reflete também a condição do migrante na nova pátria: o presente, marcado por uma vida difícil e sofrida, o passado, lembrado com saudade, e o futuro, projetado com a esperança de ter uma vida melhor. No entanto, ele não se entregou à angústia e à depressão e esforçou-se para exorcizá-las através da execução das tarefas diárias e de sua exposição às coisas que o incomodavam e lhe causavam dor, porque só através do enfrentamento das situações é que ele poderia se libertar dessa dor existencial. Além disso, Biswas tentava preencher o seu vazio existencial, que também era provocado pela alienação resultante da perda de sua identidade, assim como por seu deslocamento e impotência, entre outras coisas, buscando consolo/alívio no isolamento e nas visões de paisagens áridas e desabitadas. É como se ele procurasse ver que, assim como essas regiões inóspitas tinham uma função naquele espaço, ele também poderia sobreviver e encontrar um sentido para sua vida solitária e incompleta. Paradoxalmente, era nos momentos reais de domingo, quando tudo estava parado, e as ruas e os campos vazios, que sua angústia aumentava. Entretanto, incapaz de superar tal sofrimento, Biswas foi acometido por uma crise nervosa:

‘Something in my mind all right. Clouds. Lots of little black clouds.’
 [...] He began screaming and crying. He pressed his palms on the window-sill and tried to hoist himself up...
 [...] ‘O God!’ he cried, winding his head up and down. ‘Go away.’
 He saw, too late, that he had kicked her on the belly.
 [...] Mr. Biswas stared and shouted, ‘Take your children and go away. Go away!’
 (AHMB, p.275-277)⁸⁷

⁸⁶ Ele estava com medo das pessoas? Ele precisava testar. Mas por quê? Tinha passado toda a sua vida entre as pessoas e nunca pensou que pudesse temê-las. Teria que esperar até o dia amanhecer para descobrir se realmente tinha medo das pessoas. [Tradução nossa]

⁸⁷ ‘Algo na minha mente, tudo bem. Nuvens. Uma porção de pequenas nuvens negras.’ [...] Ele começou a gritar e a chorar. Ele pressionou suas mãos no peitoril da janela e tentou subir na janela, [...] ‘Ó Deus!’ ele gritou,

Motivado pela presença do filho Anand, Biswas se mudou para o quarto da sua nova casa em construção – o único cômodo que havia sido concluído até então – na esperança de que tal iniciativa traria alívio e benefícios para sua mente. Essas mudanças frequentes refletem as condições de instabilidade em que Biswas vivia. Sua crise nervosa e a destruição de sua casa inacabada fizeram com que ele voltasse, mais uma vez, para *Hanuman House*, onde foi acolhido. Depois de um breve período de repouso e recuperação, reconquistou seu otimismo e capacidade de lutar e, mais uma vez, saiu em busca de autonomia: “Real life, and its especial sweetness, awaited; he was still beginning. [...] The spasms of terror didn’t come. The knots of fear were still in his stomach, but they were so subdued he knew he could ignore them. The world had been restored to him.” (AHMB, p.305)⁸⁸

Outra vez Biswas partiu, só que, dessa vez, sem destino definido, e deixou Shama e seus quatro filhos em *Hanuman House*, sem ao menos se despedir de Shama e sem ver seu filho que acabara de nascer. Tal atitude de partir em segredo é uma amostra de sua insegurança e do medo que tinha de fracassar e que são causados por sua insatisfação com as circunstâncias do meio em que vive. Finalmente, já na rua, decidiu ir para *Port of Spain*, onde resolveu procurar sua irmã Dehuti. Dessa vez, ele saiu à procura de sua independência fora dos domínios dos Tulsis, porque, desde que casou e na luta por autonomia, sempre tivera o suporte dos Tulsis. Isso significava que, até então, ele conquistara uma independência relativa: deixava de depender dos Tulsis financeiramente, no entanto permanecia nas propriedades deles e trabalhando para eles em troca de um salário. Mohan (2004, p.63) assevera que Biswas, ao romper com a família Tulsi, introduz no mundo feudal dessa família o conceito capitalista de liberdade de escolha.

A partir de então, por iniciativa própria, ele iria à procura de realização profissional e de autonomia. Assim, ficou fascinado pelo estilo de vida e de organização da cidade e se sentiu estimulado, apesar de, em alguns momentos, ter sentido acessos de medo. É que o fato de ter se libertado dos Tulsis não o faz se livrar do seu passado nem dos seus medos. Ele também percebeu os contrastes socioeconômicos existentes na cidade.

Quando conseguiu um emprego de repórter (shipping repórter) no Jornal *Trinidad Sentinel*, com um salário de 15 dólares por quinzena, Biswas se sentiu autoconfiante e decidiu

girando sua cabeça para cima e para baixo. ‘Vá embora.’ Percebeu tarde demais que havia chutado a barriga de Shama. [...] O Sr. Biswas a fitou/encarou e gritou: ‘Leve seus filhos e vá embora. Vá embora!’ [Tradução nossa]

⁸⁸ A vida real e sua doçura especial o aguardavam; ele estava apenas começando. [...] Os ataques de medo não ocorreram. Os nós/apertos de medo ainda estavam no seu estômago, mas estavam tão dominados/fracos que ele sabia que podia ignorá-los. O mundo tinha sido recuperado para ele. [Tradução nossa]

visitar sua família em Arwacas, onde foi recebido com atenção por Shama, com animação pelas crianças, e com indiferença pelos demais membros da família:

He was still climbing up the steps from the courtyard when he was greeted by shouts, scampering and laughter.
 ‘You are the Scarlet Pimpernel and I claim the *Sentinel* prize!’ [...] Savi and Anand at once took possession of him. [...] Shama dusted a bench at the table and asked whether he had eaten. [...] ‘Nothing? But what about the photo? Coming out every day. What they say when they see *that*?’ ‘Nothing.’ ‘Nothing at all?’ ‘Only Auntie Chinta say you look like a crook.’ (AHMB, p.329-331)⁸⁹

Ainda assim, tratou Shama com frieza e distância:

He relented. He took a step towards Shama and immediately she held up the baby to him. ‘Her name is Kamla,’ Shama said in Hindi, her eyes still on the baby. ‘Nice name,’ he said in English. ‘Who give it?’ ‘The pundit.’ (AHMB, p.331)⁹⁰

Shama empregou a língua hindu (utilizada na intimidade) para falar com Biswas, mas ele não correspondeu e se comunicou com ela em inglês. E desse modo eles se reconciliam. Depois, a convite da Sra. Tulsi, Biswas e sua família decidiram morar com a Sra. Tulsi e seu filho Awad na casa de *Port of Spain*. Em troca da morada, eles pagariam oito dólares por mês, e Shama cozinharía e faria os trabalhos domésticos, além de se encarregar de pegar o aluguel das outras duas casas dos Tulsis e administrar as finanças da casa. Mais uma vez, ele voltou a morar em uma residência dos Tulsis. Nesse novo contexto, mais autoconfiante e ciente de sua nova condição, começou a se relacionar melhor com seu cunhado Awad, sua relação com a sogra se tornou menos formal, e ele passou a exercer sua autoridade na educação dos filhos: “To Shama, who began to complain of his “strictness” – a word which gave him a curious satisfaction – he said, ‘It is not strictness. It is training.’” (AHMB, p.338)⁹¹

Uma das contradições em sua identidade diz respeito às críticas que fazia aos livros didáticos dos seus filhos sobre certos conteúdos que eram explorados, entre os quais, certos

⁸⁹ Ele ainda estava subindo os degraus do pátio, quando foi saudado com gritos, correria e risos. ‘Você é o *Scarlet Pimpernel*, e eu reivindico o prêmio do *Sentinel*!’ [...] Savi e Anand imediatamente tomaram posse dele. Shama espanou um banco da mesa e perguntou se ele tinha comido. [...] ‘Nada? Mas e quanto à foto que aparecia/era publicada no jornal todos os dias? O que eles disseram quando a viram?’ ‘Nada.’ ‘Absolutamente nada?’ Só tia Chinta disse que você parecia um criminoso.’ [Tradução nossa]

⁹⁰ Ele abrandou, aproximou-se de Shama que, imediatamente, mostrou o bebê para ele. ‘O nome dela é Kamla,’ disse Shama em hindu, com os olhos voltados para o bebê. ‘Bonito nome,’ ele disse em inglês. ‘Quem deu esse nome?’ ‘O *pundit*.’ [Tradução nossa]

⁹¹ Para Shama, que começou a reclamar do seu rigor – uma palavra que lhe deu uma curiosa satisfação – ele disse: ‘Isso não é rigor. Isso é educação/instrução.’ [Tradução nossa]

valores ocidentais, como, por exemplo, a visão antropocêntrica em relação ao tratamento dos animais:

Readers by Captain Cutteridge! Listen to this. Page sixty-five, lesson nineteen. Some of Our Animal Friends. He read in a mincing voice: 'What should we do without our animal friends? The cow and the goat give us milk and we eat their flesh when they are killed.' You hear the savage? (AHMB, p.339-340)⁹²

Nessa fase de sua vida, com certa bagagem de conhecimentos adquirida através de suas leituras e de suas experiências vividas, que contribuíram para ampliar seus horizontes e despertar certa criticidade, passou por humilhação, enfrentou dificuldades desde a infância e sofreu várias derrotas e fracassos que culminaram em uma crise nervosa. Depois de ter superado essas dificuldades e de ter conseguido o tão sonhado emprego de repórter do *Jornal Sentinel*, o que, para ele, foi uma grande vitória, sentiu-se fortalecido e com ânimo para lutar por sua autonomia, através da conquista de um emprego, e pela construção de uma identidade pessoal e social, através da aquisição de uma casa própria. Segundo Kortenaar (2011, p.111), o desejo de Biswas por uma casa caminhava junto com o seu sentimento de não ter herdado status, nem um lugar, nem uma identidade.

Com a partida do cunhado Owad para estudar Medicina em Cambridge, ele manifestou um sentimento ambivalente de inveja, de um lado, e de saudade e tristeza, de outro, porque, desde que passaram a conviver em *Port of Spain*, desenvolveram uma amizade motivada pela afinidade que existia entre eles: ambos gostavam de leitura, de cinema e de praia e costumavam ir ao cinema e à praia juntos. Havia uma admiração mútua entre eles. Biswas costumava submeter seus artigos à apreciação de Owad e trocar ideias com ele: "Owad appreciated Mr. Biswas's work and Mr. Biswas [...] developed a respect for the young man who read such big books in foreign languages. They became companions". (AHMB, p.336)⁹³ Por causa das mudanças que ocorreram no jornal, que procurava se adequar à nova conjuntura para enfrentar a concorrência e se adaptar ao período de instabilidade econômica agravado pela II Guerra Mundial, o diretor do jornal, Mr. Burnett, foi demitido, e Biswas foi encaminhado para o setor de pequenas notícias referentes a casos de tribunal,

⁹² 'Livros de leitura do Captain Cutteridge! Escutem isto. Página sessenta e cinco, lição dezenove. Alguns dos nossos animais amigos.' Ele leu com uma voz elegante/afetada: 'O que poderíamos fazer sem os nossos amigos animais? A vaca e a cabra nos fornecem o leite e nós comemos suas carnes quando eles são abatidos.' Você percebe a crueldade? [Tradução nossa]

⁹³ Awad apreciava o trabalho do Sr. Biswas, que desenvolveu um respeito pelo jovem rapaz que costumava ler livros tão extensos em línguas estrangeiras. Eles se tornaram companheiros. [Tradução nossa]

funerais e jogos de cricket. Tal mudança o deixou muito insatisfeito com a nova direção do jornal e com sua nova atribuição, que o limitava como jornalista e não lhe dava liberdade para criar. “‘Write?’ he said to Shama. ‘I don’t call that writing. Is more like filling up a form. X, aged so much, was yesterday fined so much by Mr. Y at this court for doing that. (AHMB, p.370)⁹⁴. No entanto, Biswas não teve coragem de questionar as novas regras que tanto o incomodavam por temer ser demitido, visto que, nessa relação de poder entre ele e a direção do jornal, ele se encontrava na condição de subalterno.

Então, começou a extravasar sua insatisfação de várias maneiras: reclamando de tais mudanças para sua esposa Shama; algumas vezes, mentindo, ao dizer que estava doente para faltar ao trabalho, e nas cartas de pedido de demissão que escrevia e que nunca foram enviadas. Sua insatisfação era também somatizada no estômago – as dores de estômago e a azia se tornaram mais frequentes: “In Shama’s accounts Maclean’s Brand Stomach Powder appeared more often, always written out in full” (AHMB, p.371)⁹⁵. Movido pelo otimismo e pelas frases de encorajamento, do tipo autoajuda, que tinham o poder de influenciá-lo, Biswas não se deixou abater pelo medo de ser demitido.

He began to echo phrases from the prospectus of the Ideal School of Journalism. ‘I can make a living by my pen,’ he said. ‘Let them go ahead. Just let them push me too far.’ At this period one-man magazines, nearly all run by Indians, were continually springing up. ‘Start my own magazine,’ Mr. Biswas said. ‘Go around like Bissessar, selling them myself. He tell me he does sell his paper like hot cakes. (AHMB, p.373)⁹⁶

Com a nova tendência de revista independente que começava a surgir e a prosperar, Biswas se sentia estimulado a seguir por esse caminho caso as coisas complicassem para ele no jornal. Nessa etapa de sua vida, ele continuou buscando nas leituras discernimento, consolo e mais compreensão do mundo em que vivia. Algumas leituras o faziam sentir-se solitário, impotente e desamparado – “He read political books [...] They also revealed one region after another of misery and injustice and left him feeling more helpless and more

⁹⁴ ‘Redigir?’ ele disse para Shama. ‘Eu não chamo isso de artigo. Se parece mais com preenchimento de um formulário. Fulano, com certa idade, foi multado ontem em determinado valor pelo Senhor sicrano, nesse tribunal por ter feito aquilo.’ [Tradução nossa]

⁹⁵ Nas prestações de contas feitas por Shama, o remédio para indigestão, azia e dores de estômago *Maclean’s brand stomach powder* aparece com mais frequência, sempre escrito por completo. [Tradução nossa]

⁹⁶ Ele começou a repetir frases do prospecto da Escola Ideal de Jornalismo. ‘Eu posso ganhar a vida com a minha profissão de jornalista,’ disse ele. ‘Deixe-os continuar. Só deixe que eles me pressionem demais.’ Nesse período, estavam surgindo revistas/jornais independentes, quase todas dirigidas por indianos. ‘Fundar minha própria revista/jornal,’ disse o Sr. Biswas. ‘Circular como *Bissessar*, eu mesmo vendendo as revistas/jornais. Ele me disse que seu jornal tinha muita saída. [Tradução nossa]

isolated than ever” (AHMB, p.374)⁹⁷ – enquanto outras o faziam refletir sobre sua condição e perceber que suas angústias, seu sofrimento, seus medos e suas dificuldades eram muito poucos, diante do mundo “grotesco de Dickens”:

Then it was that he discovered the solace of Dickens. ... In the grotesques of Dickens everything he feared and suffered from was ridiculed and diminished, so that his own anger, his own contempt became unnecessary, and he was given strength to bear with the most difficult part of his day: dressing in the morning, that daily affirmation of faith in oneself, ... (AHMB, p.374)⁹⁸

Finalmente, a pressão no jornal diminuiu, e Biswas foi designado para escrever a reportagem de destaque da edição do domingo. Nessa nova função, o medo de ser demitido continuava presente, porquanto ele percebia que não estava fazendo um trabalho que atendesse às expectativas do jornal, já que se afinava mais com o perfil anterior do *Jornal Sentinel*, quando escrevia matérias sensacionalistas. Com a nova política de sobriedade adotada pelo jornal, ele passou a escrever reportagens que enalteciam as instituições oficiais de Trinidad, destacavam as qualidades desse lugar, mas ignoravam suas mazelas:

Now, writing words he did not feel, he was cramped, [...] Even then he did not read through what he had written, but glanced at odd paragraphs, looking for cuts and changes that would indicate editorial disapproval. (AHMB, p.375-376)⁹⁹

Biswas percebia que suas matérias não estavam agradando, através dos cortes e das modificações que elas sofriam na editoração e devido à indiferença e ao desinteresse com que suas reportagens eram tratadas pelos chefes do jornal. A situação que ele vivia no jornal era um reflexo dos efeitos da guerra, que aumentou a instabilidade econômica, provocou inflação e desabastecimento, aumentou a concorrência e o desemprego e, consequentemente, contribuiu para diminuir as oportunidades para a população.

⁹⁷ Ele lia livros políticos. ... Eles também mostravam várias situações de miséria e injustiça pelo mundo, o que o fazia se sentir ainda mais desamparado e isolado. [Tradução nossa]

⁹⁸ E foi então que ele descobriu o consolo em Dickens. ... No mundo grotesco de Dickens, tudo que ele temia e que o fazia sofrer era ridicularizado e diminuído, de modo que sua própria raiva e descontentamento, seu próprio desprezo se tornaram desnecessários, e ele adquiriu forças para suportar a parte mais difícil do seu dia: se vestir de manhã, aquela afirmação diária de fé em si mesmo. [Tradução nossa]

⁹⁹ Agora, escrevendo coisas que ele não sentia, sentia-se tolhido. Mesmo assim, não lia tudo o que havia escrito, mas dava uma olhada em alguns parágrafos, procurando por cortes e mudanças que pudessem indicar desaprovação editorial. [Tradução nossa]

Essa situação de insegurança aguçou o seu temperamento, e ele se tornou mais temperamental, explosivo e intolerante no meio doméstico, onde podia exercer sua autoridade sem maiores consequências. Já no trabalho, ele era ciente de que não podia dar vazão à sua revolta sem correr o risco de sofrer represálias e punições. Uma ocasião em que Biswas manifestou seu temperamento explosivo foi quando Seth destruiu o jardim de rosas da casa de *Port of Spain* que ele havia construído e cultivava com muito zelo. Biswas o insultou com gritos, palavrões e ameaças, mas se sentiu incapaz de enfrentá-lo fisicamente e desistiu de agredi-lo. No final, ele extravasou sua ira quebrando peças da casa ao jogá-las no chão, quebrando o mármore das mesas ao virá-las e amassando as peças de metal/latão: “The damage was slight. Mr. Biswas had ordered his destruction with economy. [...] In the kitchen no glass or china had been thrown, only noisy things like pots and pans and enamel plates.” (AHMB, p.389)¹⁰⁰ Esse temperamento forte e explosivo de Biswas evidencia sua instabilidade emocional, ou seja, sua falta de habilidade para controlar suas emoções e usar a razão, pois, ao invés de contestar o ato com bons argumentos, reagiu com insultos, palavrões e quebra-quebra. Tal ato foi a maneira que ele encontrou para chamar a atenção de todos por ter sido extremamente contrariado. Isso se justifica porque, em sua imaginação, o jardim de rosas representava a extensão de sua casa, que era, na realidade, a casa da Sra. Tulsi: “So used to thinking of the house as his own, and in his new confidence, he made a garden”. (AHMB, p.346)¹⁰¹

A mudança dos Tulsis de *Arwacas* para *Shorthills*, por motivos que não ficaram claros, ocorreu logo após o rompimento da família com Seth, que deixou *Hanuman House* com sua esposa e filhos depois de reivindicar a posse de parte das terras de *Arwacas*. Shama se entusiasmou com a ideia de também levar sua família para esse lugar paradisíaco, de natureza preservada, e com os planos que seriam executados na nova morada. Em relação ao projeto de criação de ovelhas e da doação de uma ovelha para cada criança da família, Biswas manifestou sua criticidade e questionou tal iniciativa com ironia e sarcasmo, porque entendia que tal iniciativa ia de encontro aos princípios hindus que os Tulsis tanto defendiam:

‘What are we going to do with four sheep. Breed more? To sell and kill? Hindus, eh? Feeding and fattening just in order to kill. Or you see the six of

¹⁰⁰ Os danos foram pequenos. O Sr. Biswas tinha comandado sua destruição com economia. [...] Na cozinha, nenhum vidro ou porcelana tinha sido jogado ao chão, só peças barulhentas, como vasos e panelas e pratos esmaltados. [Tradução nossa]

¹⁰¹ De tão acostumado a pensar que a casa fosse sua, nessa nova convicção, ele fez um jardim. [Tradução nossa]

us sitting down and making wool from four sheep? You know how to make wool? Any of your family know how to make wool?’ (AHMB, p.392-393)¹⁰²

Nessas palavras proferidas por Mr. Biswas fica evidente sua ironia ao citar a maneira como o animal seria tratado pelos Tulsis: para fins de lucro ou consumo, uma prática incompatível com a cultura e a religião hinduísta. Convencido por Shama e pela Sra. Tulsi de que, em *Shorthills*, ele não precisaria gastar com nada, iria economizar seu salário, poderia construir sua casa própria no local que desejasse e utilizar a madeira da fazenda, Biswas decidiu se mudar com a família para lá, depois de visitar o lugar. A possibilidade de construir sua casa foi determinante para sua decisão.

For him Shorthills was an adventure, an interlude. His job made him independent of the Tulsis; and Shorthills was an insurance against the sack. It also provided an opportunity to save, an opportunity to plunder. (AHMB, p.402)¹⁰³

O trecho acima também denota a falta de consciência ambiental de Biswas, que vê a natureza como uma entidade passiva, como o ‘outro’. Essa postura é derivada de uma concepção antropocêntrica de exploração predatória da terra para benefício próprio, sem nenhuma preocupação com uma convivência sustentável com a natureza preservada. Na primeira visita a *Shorthills*, ao se deparar com trechos de natureza intocada pelo homem, Mr. Biswas não se conteve e fez o seguinte comentário, por vislumbrar o lucro que a abundância de determinada planta poderia proporcionar caso fosse devidamente explorada: “‘A lot of bamboo,’ he said. “You could start a paper factory”” (AHMB, p.396)¹⁰⁴. Tal comentário é recebido pelo leitor como uma ironia. Assim como os Tulsis, a relação de Biswas com a terra não era sustentável, mas de exploração, visando tirar algum proveito econômico sem se preocupar com as consequências dessa prática para o meio ambiente. Portanto, ele não tinha consciência ambiental, o que é reflexo da herança colonial, que via na exploração predatória dos recursos naturais a única fonte de obtenção de lucro e conforto pessoal.

¹⁰² O que nós vamos fazer com quatro ovelhas. Criar mais? Para vender e matar? Hindus, né? Alimentando e engordando apenas para matar. Ou você vê todos nós seis sentados e produzindo lã das quatro ovelhas? Você sabe como se produz lã? Alguém da sua família sabe como se produz lã? [Tradução nossa]

¹⁰³ Para ele, *Shorthills* era uma aventura, um intervalo. Seu emprego o tornou independente dos Tulsis, e *Shorthills* era um seguro contra demissão. Lá ele teria uma oportunidade de economizar, uma oportunidade de pilhar/saquear. [Tradução nossa]

¹⁰⁴ ‘Muito bambu,’ disse ele. ‘Dava para iniciar uma fábrica de papel.’ [Tradução nossa]

A casa revisitada

Sua segunda casa, diferente da primeira, cuja construção se arrastou por vários meses e foi destruída pelo fogo antes de ser concluída, foi construída mais rápido do que o esperado, em menos de um mês. No entanto, assim como na primeira, consumiu toda a sua economia. O local da casa, no entanto, “in a place as wild and out-of-the way as he could have wished” (AHMB, p.424)¹⁰⁵, representava a sua identidade, em geral, e, mais especificamente, a sua posição em seu contexto familiar, social e profissional – não definida, em construção e deslocada. A casa tinha o modelo semelhante à anterior, situada em *Green Vale*, que era também o modelo da maioria das casas da área rural de Trindade: com varanda, sala de estar, dois quartos; apoiada por quatro pilares de madeira extraída da propriedade; telhado de ferro ondulado, janelas com vidro comum e vidro fosco, porta da frente com vidro colorido. As duas casas de Biswas estavam situadas no campo e nas propriedades dos Tulsis, o que lhe confere uma autonomia relativa. O campo, por sua vez, com suas características próprias, está associado à ideia de selvagem, de mato, de incivilizado, de primitivo, de rebelde. Essas características estão em consonância com a identidade/personalidade de Biswas nesse momento de sua vida.

Segundo Bachelard (1993, p.24), a casa é o nosso primeiro universo, que nos protege das adversidades da nossa vida, para que prossigamos sem ser afetados diretamente pelas contingências/incertezas que possam surgir e evita a nossa dispersão:

Ela mantém o homem através das tempestades do céu e das tempestades da vida. É corpo e é alma. É o primeiro mundo do ser humano. [...] Quando se sonha com a casa natal, na extrema profundidade do devaneio, participa-se desse calor inicial, dessa matéria bem temperada do paraíso material. (BACHELARD, 1993, p.26-27)

A casa, para Biswas, além de representar segurança, proteção, abrigo e aconchego, tanto físico quanto espiritual, simboliza status, autonomia, estabilidade, permanência e a conquista de uma identidade autêntica e plena. Bolfarine (2011, p.31) refere que, nesse romance, a casa se configura como uma representação metonímica da busca do desenvolvimento das potencialidades subjetivas de caráter e de personalidade. E a “aventura, em *Shorthills*”, termina com o incêndio da casa de Mr. Biswas, que fora recentemente construída com madeira local. Esse incêndio foi provocado por práticas indevidas de limpeza

¹⁰⁵ Em um local tão selvagem e fora do caminho que ele pudesse desejar. [Tradução nossa]

e queima da vegetação da área ao redor da casa. O uso da ironia é uma constante nesse capítulo:

Mr. Biswas, displaying manual skills which his children secretly distrusted, dug trenches and prepared little nests of twigs and leaves at what he called strategic points. On Saturday afternoon he summoned the children, soaked a brand in pitch-oil, set it alight, and ran from nest to nest, poking the brand in and jumping back, as though he had touched off an explosion. A leaf caught here and a twig there, blazed, shrank, smouldered, died. Mr. Biswas didn't wait to see. Ignoring the cries of the children, he ran on, leaving a trail of subsiding wisps of dark smoke.

[...]

'Our house on fire!'

[...]

Morning revealed the house, still red and raw, in a charred and smoking desolation. (AHMB, p.427, 431 e 432)¹⁰⁶

A reação de Biswas ao acidente que ele provocou e que causou o incêndio que destruiu sua casa foi, à primeira vista, de uma indiferença inesperada: "Villagers came running to see, and were confirmed in their belief that their village had been taken over by vandals. 'Charcoal, charcoal,' Mr. Biswas called to them. 'Anybody want charcoal?' (AHMB, p.432).¹⁰⁷ Sua atitude revelava que, naquele momento, ele tentava se enganar ao agir de forma prática e racional, visando minimizar o prejuízo com a venda do carvão resultante da combustão da madeira de sua casa queimada. Seu comentário final, depois de passados alguns dias do incêndio, demonstra sua falta de conhecimento sobre o trato com o solo, além de ser uma evidência de que ele não teve uma educação voltada para a conscientização da importância de se preservar o meio ambiente: "For days afterwards the valley darkened with ash whenever the Wind blew. 'Best thing for the land,' Mr. Biswas said. 'Best sort of fertilizer' (AHMB, p.432).¹⁰⁸ As queimadas - uma prática disseminada no período colonial para limpar e preparar o solo para o plantio - empobrecem o solo, porque retiram a cobertura

¹⁰⁶ O senhor Biswas, mostrando habilidades manuais, que suas crianças secretamente desconfiavam, abriu valetas e preparou pequenos ninhos de galhos e folhas em pontos que ele considerava estratégicos. No sábado à tarde, chamou as crianças, encharcou um tição em querosene, tocou fogo e saiu ateando fogo em cada ninho. Uma folha pegava fogo aqui, e um galho pegava fogo ali, queimava, diminuía as chamas, queimava sem chama, apagava. O senhor Biswas não esperou para ver. Ignorando os gritos dos filhos, ele prosseguiu, deixando um rastro de pequena nuvem de fumaça escura que diminuía. [...] 'Nossa casa está pegando fogo!' [...] A manhã mostrou a casa, ainda vermelha e inflamada, toda chamuscada e emitindo fumaça. [Tradução nossa]

¹⁰⁷ Os habitantes da aldeia vieram correndo para ver e tiveram a confirmação de que seu vilarejo tinha sido ocupado por vândalos. 'Carvão, carvão,' o Sr. Biswas gritou para eles. 'Alguém quer carvão?' [Tradução nossa]

¹⁰⁸ Durante vários dias que se seguiram, o vale escurecia com cinzas sempre que o vento soprava. 'A melhor coisa para a terra,' o Sr. Biswas disse. 'O melhor tipo de fertilizante.' [Tradução nossa]

vegetal, que tem a função de reter a água e manter o solo preso ao local, para evitar sua erosão, e empobrecem o solo ao retirar os nutrientes de que a terra precisa.

Tal capítulo se configura, portanto, como uma grande metáfora da relação predatória da sociedade de Trinidad com o meio ambiente, que culmina com a destruição de seu habitat. O meio ambiente não é visto como uma constante passiva, mas mostrado como um processo que atua como um sujeito ativo, e cuja presença está diretamente envolvida com a história humana e suas ações. Ele pode responder aos estímulos humanos das mais variadas formas, conforme o tipo de interferência e a responsabilidade humana com a natureza.¹⁰⁹

A convite da Sra. Tulsi, Biswas voltou a morar na casa de *Port of Spain*, onde passou a ocupar dois quartos e a dividir a casa com vários membros da família. Biswas se sentiu privilegiado, porque, com a escassez de moradia na cidade, que se agravava com o aumento da chegada de imigrantes ilegais das outras ilhas do Caribe para trabalhar com os americanos, ele não tinha escolha. No entanto, sua relação com a esposa, as cunhadas e os concunhados continuava conflituosa, porquanto ele não perdia a oportunidade de fazer comentários irônicos ou sarcásticos sobre diversas situações e comportamentos dela e dos demais familiares, além de reclamar da superlotação e das condições insalubres da moradia.

‘Glass cabinet come, Shama [...] The only thing you have to do now is to get something to put inside it.’
 [...] ‘Even the streets here are cleaner than that house,’ he said. ‘Let the sanitary inspector pay just one visit there [...]’
 [...] ‘Hole! That’s what your family has got me in. This hole!’ (AHMB, p.435, 436, 437)¹¹⁰

Seus refúgios passaram a ser, durante a semana, o escritório do jornal onde trabalhava e, aos domingos, a casa de sua tia Tara, em Pagotes, para onde passou a levar os filhos de novo. Outra vez, ele sentiu vergonha de sua morada e manteve seu endereço em segredo. Nessa fase de sua vida, vivendo com um salário que mal dava para as despesas básicas com a família, Biswas começou a refletir sobre sua sorte e a comparar sua vida com a dos seus irmãos e de alguns fazendeiros iletrados indianos, que fizeram fortuna por meio do trabalho na terra. Ele pensava diferente dos seus irmãos iletrados por ter tido acesso à educação formal.

¹⁰⁹ Ver: FRANCA, Ivana A. P.L. **A house for Mr. Biswas: uma leitura ecocrítica**. 2012

¹¹⁰ ‘Armário de vidro, sem essa Shama. ... A única coisa que você tem que fazer agora é arranjar alguma coisa para colocar nele.’ [...] ‘Até mesmo as ruas aqui são mais limpas do que aquela casa,’ disse ele. ‘Deixe o inspetor sanitário fazer apenas uma visita lá,...’ [...] ‘Buraco! É onde sua família me colocou. Nesse Buraco!’ [Tradução nossa]

Ele, que estudara e lera tantos livros e que via no letramento uma forma de libertação, não tivera a mesma sorte dos seus irmãos iletrados e de dois cunhados, que estavam ganhando um bom dinheiro prestando serviços aos americanos – um deles, como taxista, e o outro, com aluguel de caminhão. Outra questão relevante diz respeito à influência americana na região que, apesar de ter levado o progresso e a prosperidade para a região e para parte dos habitantes, contribuiu para desenvolver nas pessoas o espírito de competição e o individualismo.

Diferentemente das gerações de seu pai e avô, Biswas tentava determinar o curso de sua vida de modo ativo, apesar dos maus presságios e do pessimismo expressados com o seu nascimento. Depois que se casou com uma Tulsi, começou a questionar sobre a estrutura familiar da qual fazia parte. Pradhan (2005, p.35) destaca que Mr. Biswas representa a consciência da dignidade de um homem apesar de sua pobreza, diante das ideologias conflitantes e das contradições sociais de diferentes classes e comunidades, mais especificamente, dos conflitos entre a aristocracia proprietária de terras e a classe trabalhadora.

Port of Spain estava passando por um momento de *boom* econômico, por causa da chegada dos americanos na ilha. No entanto, Biswas acreditava que essa invasão de dólares na ilha seria temporária e não achava prudente se arriscar: “He lacked the taxi-driver’s personality, the labourer’s muscles; and he was frightened of throwing up his job: the Americans would not be in the island forever” (AHMB, p.440)¹¹¹. Como não tinha coragem de abandonar o jornal para se aventurar em outro trabalho de forma honesta, ele extravasava sua insatisfação culpando a tudo e a todos, irritando-se frequentemente e reclamando de tudo. Ele era visto pelos Tulsis como reclamão, mal-agradecido e parasita: “Once Savi said, ‘I wonder why Pa doesn’t buy a house.’ Govind’s eldest daughter replied, ‘If some people could put money where their mouth is they would be living in palaces.’ ‘Some people only have mouth and belly’” (AHMB, p.458).¹¹²

Biswas aceitou o convite de um juiz para fazer parte de um grupo literário. Apesar de sua condição de intelectual pobre, ele nunca desistiu de investir nas leituras e de buscar sua independência econômica e realização profissional por meio de seus conhecimentos intelectuais. Orgulhoso por causa do reconhecimento de seus talentos literários, ele

¹¹¹ Ele não tinha a personalidade do motorista de taxi, nem tinha os músculos do operário; e ele tinha receio de abandonar o emprego: os americanos não ficariam na ilha para sempre. [Tradução nossa]

¹¹² Certa vez, Savi disse: ‘Eu queria saber por que papai não compra uma casa.’ A filha mais velha de Govind respondeu: ‘Se algumas pessoas pudessem colocar dinheiro nas bocas delas, elas estariam morando em palácios.’ ‘Algumas pessoas só têm boca e barriga.’ [Tradução nossa]

incentivava o filho Anand a continuar se dedicando aos estudos e às leituras. E sempre que possível, procurava servir de exemplo e mostrar que todo esforço é válido. Biswas intensificou os cuidados com a educação do seu único filho homem. Tal atitude demonstra seu desejo de projetar em Anand suas expectativas, na esperança de que seu filho conseguisse realizar os sonhos que ele não conseguira: cursar uma universidade, ter status, realização profissional, autonomia e, conseqüentemente, uma identidade plena e, sobretudo, cumprir a tradição hindu sobre o filho que assume a responsabilidade do pai e, especialmente, de cumprir os rituais de seu sepultamento, quando ele falecer. Dessa forma, ele tenta combater sua frustração, procurando transferir suas expectativas para Anand, ou seja, projetando nele tudo aquilo que gostaria de ter se tornado. O esforço, a dedicação e o incentivo de Biswas para com o filho finalmente foram recompensados – Anand foi aprovado, em terceiro lugar, no exame geral das escolas da ilha, que oferece uma bolsa de estudos aos doze primeiros classificados. E como não via mais perspectiva de ascensão em sua carreira, procurava se realizar através das conquistas de Anand.

Com a morte da mãe de Bipti, seu sentimento de perda se intensificou e aflorou: “He was oppressed by a sense of loss: not of present loss, but of something missed in the past” (AHMB, p.480).¹¹³ Biswas passou por um momento de desânimo e até perdeu o foco na aquisição de sua casa. No entanto, a oferta de um novo emprego com um melhor salário, no Departamento de Bem-estar Social do governo, reativou seus ânimos. Como funcionário público nesse novo emprego, ele se sentiu mais protegido e entusiasmado e procurou, através da leitura de livros, preparar-se para sua nova função no departamento de promoção de desenvolvimento pós-guerra. Tais leituras despertaram tanto sua imaginação que ele desejou pôr em prática, em seu microcosmo familiar, vários dos ensinamentos e das ideias sobre o trabalho cooperativo na reconstrução de povoados, entre outras questões sociais. Porém tudo só ficou no plano de sua imaginação. Essa inércia de Biswas evidencia a sua falta de liderança e de iniciativa para promover mudanças no comportamento dos familiares. Isso denota sua condição de sujeito deslocado, alienado, fragmentado e impotente, num contexto colonial de falta de oportunidades, muita concorrência, individualismo e corrupção. No entanto, ele se empenhou e se dedicou ao novo emprego.

Estimulado pelo capitalismo emergente, deixou-se seduzir pelo consumo de bens materiais e, finalmente, rendeu-se às pressões do lucro e da competição. Com melhor poder aquisitivo proporcionado pelo novo emprego, Biswas passou a consumir mais e se descobriu

¹¹³ Ele se sentiu oprimido por um sentimento de perda: não de perda no presente, mas de alguma coisa perdida no passado. [Tradução nossa]

vaidoso com sua aparência e seu novo status. A vaidade se manifestava, principalmente, quando precisava se exibir, em público, com seu carro novo e com ternos de boa qualidade. Desse modo, satisfazia sua necessidade de se autoafirmar. Se, de um lado, o status recém-conquistado despertava sua vaidade, de outro, despertava a inveja dos cunhados e contribuía para aumentar a rivalidade entre eles.

Com os protestos e as campanhas iniciadas pelos cidadãos que contribuíam para extinguir o Departamento de Bem-estar Social do governo, alegando que o dinheiro público estava sendo desperdiçado com ações ineficientes e sem objetivos definidos, Biswas, temendo perder o emprego, apesar de sua competência para tal função, começou a aparecer no escritório do jornal para reconquistar seu vínculo com o antigo emprego, ambiente que tanto o entusiasmava. Tal iniciativa revela sua flexibilidade e adaptabilidade aos contratemplos da vida.

Com a volta de Awad da Inglaterra, depois de ter concluído o Curso de Medicina, Biswas foi obrigado a desocupar os dois quartos que estava ocupando na casa de *Port of Spain* e a se mudar para um dos quartos dos fundos. Mais uma vez, sua condição de deslocado e marginalizado na família fica evidente, e, em Biswas, reacendeu o desejo de adquirir uma casa. Com 800 dólares, que conseguira economizar, somados a 400 dólares que recebera da venda do material de sua casa destruída/incendiada de *Shorthills*, decidiu procurar o vendedor (solicitor's clerk) que havia lhe oferecido sua casa por 5 mil dólares, sem ao menos pesquisar outras casas na mesma faixa de preço e poder fazer uma escolha com melhor custo-benefício. Tal atitude impetuosa e precipitada não reflete só sua ingenuidade e inexperiência para fazer negociações, mas também sua ansiedade para adquirir uma casa, que foi potencializada com a chegada de Awad, seguida de um grande desentendimento com a Sra. Tulsi, com trocas de insultos. Com apenas uma rápida visita à casa, numa noite de chuva, e sem consultar Shama, Biswas fechou o negócio com um depósito de 100 dólares.

Depois de ter sido repreendido e alertado por Shama sobre sua atual situação, Biswas tomou consciência de sua imprudência e inconsequência: “‘Well, we still paying for the car. And you don't know how long this job with the government going to last.’ [...] ‘How you going to get the money?’ (AHMB, p.568-569)¹¹⁴. Foi na fuga que ele encontrou conforto para o temor que o dominava:

As soon as she went out of the room he was seized by panic. He left the house and went for a walk around the Savannah, along the wide, silent,

¹¹⁴ ‘Veja bem, nós ainda estamos pagando o carro. E você não sabe quanto tempo vai durar esse seu emprego com o governo. [...] Como você vai conseguir o dinheiro?’ [Tradução nossa]

grass-lined streets of St. Clair, where open doors revealed softly lit, opulent, undisturbed interiors. (AHMB, p.569)¹¹⁵

Nessa passagem, podemos perceber o contraste socioeconômico na sociedade trinidadiana: de um lado, a classe operária/trabalhadora mal remunerada, vivendo numa condição de instabilidade econômica, representada por Biswas, e do outro, a aristocracia proprietária, dona do capital, vivendo uma condição de estabilidade financeira, representada pelos casarões opulentos ao redor do Parque Savannah. Para Biswas, que já havia se comprometido com a compra da casa em *Sikkim Street*, faltou coragem para voltar atrás e desistir da compra. Assim, movido pela ansiedade, ele encontrou forças para seguir adiante e fazer um empréstimo com o marido de sua tia Tara, no valor de 4.500 dólares e com juros de 8% a ser pago em cinco anos.

Depois de visitar a casa recém-comprada e já desocupada, Biswas percebeu que fora enganado. Podemos confrontar, nesse contexto, a dualidade da sociedade da ilha: de um lado, a honestidade, a boa fé e a ingenuidade, representadas por Biswas, e do outro, a corrupção, o oportunismo, a malícia e a desonestidade, representados pelo especulador financeiro. A casa apresentava uma série de problemas estruturais e ficava de frente para o oeste, o que a tornava muito quente. Alguns dias mais tarde, ele ficou sabendo pelo vizinho que a casa, além de muito cara, tinha sido construída de forma improvisada pelo antigo proprietário, com materiais de qualidade duvidosa e procedência desconhecida, sem projeto e sem acompanhamento de um engenheiro. Por essa razão, Biswas contraiu mais dívidas para contratar pedreiro e pintores para pintarem a casa e fazerem os reparos mais urgentes e necessários. Ao constatar tais problemas na casa recém-comprada, sua primeira reação foi de surpresa e revolta:

‘Jerry-builder,’ Mr. Biswas said.

[...]

‘Tout! Crook!’

[...]

‘I will leave the rediffusion set for you.’ Mr. Biswas said, mimicking the solicitor’s clerk. ‘You old crook. If I don’t see you roasting in hell!’ (AHMB, p.573-574)¹¹⁶

¹¹⁵ Logo que ela saiu do quarto, ele foi tomado pelo pânico. Saiu de casa e foi dar uma caminhada pela Savannah, pelas ruas de St. Clair, largas, silenciosas e contornadas de grama, onde portas abertas revelavam interiores tranquilos, opulentos e suavemente iluminados. [Tradução nossa]

¹¹⁶ ‘Construtor negligente,’ disse o Sr. Biswas. [...] ‘Aproveitador! Trapaceiro!’ [...] ‘Eu deixarei o aparelho de radio para você,’ disse o Sr. Biswas, imitando o vendedor. ‘Seu trapaceiro, velhaco. Quero te ver tostado no inferno!’ [Tradução nossa]

A situação em que Biswas se deixou envolver reflete sua faceta ingênua, crédula, impetuosa, precipitada e a falta de pragmatismo. No entanto, sua condição de sujeito deslocado, tanto na família quanto no meio social, cultural e profissional, e por ter enfrentado humilhações e dificuldades numa sociedade competitiva, individualista e de poucas oportunidades, contribuiu para torná-lo um sujeito adaptável e flexível, apesar de vulnerável. Biswas extravasava o sofrimento, a insatisfação e a frustração de várias maneiras, que oscilavam entre extremos – ora com humor, ironia e sarcasmo, ora com acesso de ira e insultos, ora com resignação, e até com otimismo, perseverança e determinação. Depois da revolta inicial, ele procurou se ajustar à situação com ações, visando remediar o que não podia mudar ou retroceder. Sua primeira ação, depois de fazer os reparos da casa com o empréstimo que fizera, foi arrumá-la de modo a camuflar seus defeitos para que todos pudessem acreditar que ele fizera uma boa aquisição.

A Tuttle boy, the writer, came unexpectedly to the house one afternoon, [...] said that his parents were going to call that evening, [...] Rapidly, they made ready. The floor was polished [...] The curtains masked the staircase; [...] The door that couldn't close was left wide open and [...] The door that couldn't open was left shut; and a curtain hung over that. The windows that couldn't close were left open... (AHMB, p.579)¹¹⁷

E assim, Biswas, Shama e os filhos rapidamente se adaptaram aos defeitos da casa. Depois de fazer os reparos e a camuflagem, eles fizeram um jardim. A partir de então, suas vidas se ajustaram, e as memórias das casas anteriores, onde eles moraram, foram sendo esquecidas gradativamente e só restaram pequenos momentos de recordações, que já não causavam mais dor nem saudade. Aqui percebemos evidências, através de Biswas e de sua família, da adaptabilidade do sujeito pós-colonial aos contratempos ou circunstâncias da vida.

Para ele, a aquisição da casa representa a conquista de sua autonomia e o resgate de sua identidade. Podemos também estabelecer um paralelo entre Biswas e a casa, considerando os seguintes aspectos: o débito contraído para adquiri-la, seus reparos e as falhas/imperfeições que não puderam ser corrigidas; o débito representaria a conquista de uma autonomia parcial, e os defeitos simbolizariam sua identidade parcialmente construída e ainda em construção, em conflito, fragmentada, frágil e aberta a novas possibilidades.

¹¹⁷ Um dos filhos de Tuttle, o que gostava de escrever, chegou inesperadamente à casa, numa tarde, e disse que seus pais iriam visitá-lo naquela noite. Rapidamente, eles se prepararam. O assoalho foi polido, as cortinas disfarçaram a escadaria; a porta, que não podia fechar, foi deixada aberta, e a que não podia se abrir foi deixada fechada, e uma cortina foi pendurada sobre ela. As janelas que não podiam fechar foram deixadas abertas... [Tradução nossa]

Segundo Bolfarine (2011, p.42 e 67), Biswas foi movido pela ilusão de que, com a aquisição da casa, ele poderia fixar sua existência em um espaço geográfico específico e de que o cronótopo de fixidez representado pela casa simbolizava o pertencimento a uma terra.

Com a extinção do Departamento de Bem-estar Social, Biswas perdeu seu cargo de servidor público e voltou a trabalhar para o Jornal Sentinel, com um salário menor do que o dos funcionários que haviam permanecido no jornal. Como só havia pago 500 dólares do débito e com recursos que mal davam para pagar os juros do empréstimo, ele pensou em vender o carro, mas desistiu depois da primeira tentativa, por influência de Shama, que passou a exercer seu poder de convencimento sobre Biswas e, finalmente, conseguiu cortar o cordão umbilical com a família. Apesar de não ver perspectiva de ascensão no jornal e com suas energias e ambições abaladas, Biswas não se desesperou, porque, no fundo, acreditava que os filhos conseguiriam resolver e quitar seus débitos. O legado deixado por Biswas para os filhos – de uma boa formação educacional – lhes daria as armas suficientes para conquistarem seu espaço no mundo.

Depois de sofrer dois ataques do coração, ele foi demitido do jornal. No entanto, a volta de sua filha Savi, que acabara de concluir seus estudos na Inglaterra, trouxe, através de sua companhia e da conquista de um emprego bem remunerado, novas esperanças para Biswas. Mesmo fraco, ele encontrava forças para escrever palavras de conforto e coragem para Anand, que se encontrava estudando na Inglaterra e estava com sintomas de depressão. Seu estado de saúde se agravou, mas Anand não voltou para o último encontro com seu pai e desempenhar o papel do filho homem no funeral, que foi bem simbólico de sua condição de sujeito pós-colonial, de identidade híbrida:

All that day and evening well-dressed mourners, men, women and children, passed through the house. ... The cremation, one of the few permitted by the Health Department, was conducted on the banks of a muddy stream and attracted spectators of various races. Afterwards the sisters returned to their respective homes and Shama and the children went back in the Prefect to the empty house. (AHMB, p.589)¹¹⁸

Seguindo a tradição cristã ocidental e hindu daquele tempo, Biswas teve um velório em sua casa, com vários membros da família reunidos velando seu corpo. No entanto, ele não

¹¹⁸ Durante todo aquele dia e noite, parentes do defunto, homens, mulheres e crianças, todos bem vestidos, passaram pela casa. ... A cremação, uma das poucas permitidas pelo Departamento de Saúde, foi conduzida nas margens de um córrego barrento/turvo e atraiu espectadores de várias raças. Em seguida, as irmãs retornaram para suas casas, e Shama e seus filhos voltaram para a casa vazia no carro da família – um Prefect. [Tradução nossa]

foi sepultado, conforme a tradição ocidental daquele período. Seguindo a tradição hindu, seu corpo foi cremado, só que sob os olhares curiosos de indivíduos de várias raças representantes da sociedade de Trinidad. A cerimônia da cremação não traz a carga simbólica do ritual dos hindus orientais da época, com orações e leitura de textos sagrados diante do morto, enquanto o filho primogênito prepara o corpo e segue todo um ritual até o momento em que ele acende a pira do funeral. Diferentemente do funeral hindu tradicional daquela época, realizado às margens de um rio, cuja água trazia toda uma carga simbólica¹¹⁹, o funeral de Biswas ocorreu às margens de um córrego barrento. O fato de ser um córrego – rio pequeno com baixo fluxo de água – e não, um rio, e por ser turvo/barrento, pode ser visto como metáfora do sujeito e da sociedade pós-colonial, representando não só sua subjetividade/identidade aberta, inacabada, fragmentada, multifacetada e em conflito do sujeito pós-colonial, como também a condição de sua sociedade: contaminada, obscura, cheia de vícios e corrupta.

Como vimos, através dos pontos aqui destacados, Biswas incorpora o dilema do sujeito pós-colonial, que se materializa em sua subjetividade ambivalente e se forma ao convergir para aspectos contraditórios, resultantes do processo de transculturação a que esse sujeito foi submetido: de um lado sua condição de sujeito desenraizado, deslocado, fragmentado, errante, hibridizado, multifacetado, de identidade indefinida, aberta e em construção; e de outro, que tais aspectos característicos da sua subjetividade contribuem para o desenvolvimento de sua adaptabilidade, flexibilidade, perseverança e determinação. Portanto, seu dilema e sentimento de pertencer e não pertencer a um lugar e a uma cultura contribuem para a ambivalência e a complexidade desse sujeito.

5.2 O SUJEITO PÓS-COLONIAL EM *RELATO DE UM CERTO ORIENTE*

O romance *Relato de um certo Oriente*, através de sua personagem principal, possibilita-nos fazer uma leitura numa perspectiva pós-colonial, porque essa personagem apresenta várias características desse sujeito, entre as quais, a de sua condição de sujeito deslocado, fragmentado, alienado e de vulnerabilidade psicológica, que é decorrente, sobretudo, do fato de sua mãe biológica tê-la entregue para adoção a um casal de imigrantes

¹¹⁹ A água simboliza a purificação e a cura em muitas religiões. Na religião católica, por exemplo, temos a água benta, que representa o elemento principal de limpeza espiritual, de bênção; no ritual do batismo, a água benta é jorrada sobre a cabeça do recém-nascido para "lavar"/purificar os pecados. A simbologia da água e seu valor estão associados ao poder sagrado e sacralizante. No Novo Testamento, a água simboliza o espírito, a vida espiritual. No hinduísmo, serve para limpar e purificar as imagens rituais do divino e dos fiéis. Esse ritual acontece no dia do ano novo e simboliza a regeneração. Para os hindus, a água tem o poder de purificar o espírito, e o rio Ganges é uma de suas principais referências. (<http://www.dicionariodesimbolos.com.br/agua/>)

libaneses quando ainda era muito pequena. Temos, portanto, um sujeito duplamente deslocado, porque, além de ter sido abandonada pela mãe biológica e, por causa disso, ter sofrido um trauma do abandono, conviveu com as culturas libanesas e manauaras, cujo processo de transculturação resultou em mudanças inesperadas na construção de sua identidade, que continua aberta a novas configurações.

Assim, considerando os aspectos acima elencados, pretendemos, também, estabelecer uma relação analógica entre os dois sujeitos deslocados, ou seja, entre a alteridade do protagonista de *AHMB*¹²⁰ – Mr. Biswas – e a da protagonista de *RCO*¹²¹ – a narradora inominada.

Em *Relato de um certo Oriente*, a imagem do imigrante é representada por aspectos da sua vida privada, cujo cotidiano é focalizado em sua intimidade, e cuja vida é caracterizada pelo hibridismo cultural no sentido apregoado. Apesar de retratar o dia a dia de uma família cuja história de imigração é registrada, *RCO* vai além da temática da imigração. Stefânia Chiarelli (2007, p. 36) refere que, nas obras de Milton Hatoum, seus personagens não apresentam identidades fixas, pelo contrário, a caracterização do imigrante extrapola a cristalização na representação étnico-social específica de um grupo. Isso se justifica porque, como entende Stuart Hall (2006), não existe identidade fixa, permanente, coerente, completa, formada e plenamente unificada; a identidade não existe desde o nascimento, mas vai se construindo ao longo do tempo e de forma inconsciente. A ideia de unidade associada à identidade é algo irreal e, portanto, produto do imaginário do indivíduo: “Ela permanece sempre incompleta, está sempre ‘em processo’, sempre ‘sendo formada’” (HALL, 2006, p.38). Em entrevista à DW-WORLD, Hatoum afirma que sua literatura “é contra quaisquer fronteiras rígidas de identidades fechadas. Ao contrário, ela opera com o hibridismo, com alguma coisa que é outra, que é diferente, que surge depois da imigração” (VILELA, 2004).

A respeito do título do romance – *Relato de um certo Oriente* – Marleine Paula Marcondes e Ferreira Toledo apresentam uma explicação bem pertinente:

Por que *Relato de um certo Oriente*?

A palavra *relato* deriva do latim *relatus*, cujo primeiro significado é de relatório oficial.

O irmão biológico da narradora pede-lhe um *relatório* fiel do que acontecera em Manaus durante sua longa ausência. Ela faz o que ele lhe pedira, reunindo depoimentos de muitos narradores secundários, actantes dos acontecimentos do passado, unificando-os com sua própria voz, [...]

¹²⁰ A house for Mr. Biswas será, doravante, citado como AHMB.

¹²¹ *Relato de um certo Oriente* será, doravante, citado como RCO.

O Oriente feito por Hatoum são uma loja e uma casa em Manaus. Primeiro, a Parisiense, loja e morada da família; depois o sobrado, uma réplica da casa árabe, quadrada, com um claustro e um jardim no centro. [...]

Ali se reviviam os costumes árabes, as festas, as comilanças, a tradicional devora do fígado cru de carneiro: [...]

Ali se falava, quando possível, a língua árabe (narguilé, zatar, muezim); ali se tentava viver a tradicional união familiar, ainda que na precariedade; ali se exercitava a hospitalidade oriental; ali se praticava a religião, embora também na precariedade; ali havia uma forte sensualidade expressa e latente.

Por que um certo Oriente?

É o Oriente incipientemente inculturado à cultura brasileira, especificamente manauara: contato entre as duas línguas, duas tradições culturais, religiosas, familiares, culinárias, simbólicas, míticas, medicinais, raciais. O transcurso do tempo tem demonstrado que essa aculturação deu certo. (TOLEDO, 2006, p.133 e 138)

Nesse romance, ambientado na cidade de Manaus, o passado, marcado por referências culturais diversas, é revisitado através das memórias da infância, o que lhe confere um tom memorialístico e, como observado por Chiarelli, (2007, p. 37-38), registra as inquietações e as incertezas sobre a trajetória de uma família de imigrantes libaneses, através de personagens complexos e marcados pelo deslocamento, que vivenciam situações e dramas que não limitam a figura do imigrante ao clichê, e em que o hibridismo cultural prevalece. Assim, essa família se insere na vida da cidade através do comércio – é proprietária de uma loja: A Parisiense – do convívio com outros imigrantes árabes, alemães, franceses e portugueses, e através da interação com a população local, constituída, principalmente, de nativos índios e caboclos. Suas representações identitárias são negociadas. Portanto, essa diversidade cultural da Amazônia confere um aspecto multicultural ao romance.

Chiarelli (2007, p.45) também chama à atenção para o tema da ruína¹²² que norteia a narrativa, através da família desfeita e da casa que desmoronou, e para outra questão explorada no romance, que diz respeito à infância perdida e à impossibilidade de retornar à origem. Esse tempo só pode ser acessado através das memórias dos narradores, cujas palavras tentam reconstruir as ruínas do passado através dos fragmentos de lembranças que são organizados pela narradora. O próprio Hatoum afirma: “E a literatura que mais me interessa fala sobre a reconstrução de ruínas sobre uma época que já esquecemos ou pensamos ter esquecido [...]” (1996, p. 8). Ao agrupar os diversos relatos, que dão à narrativa o efeito de colcha de retalhos, as memórias da família vão sendo recompostas, e o passado familiar vai sendo reanimado através da força das palavras que brotam dessas memórias e que penetram nesse mundo já perdido, que é o passado. Assim, devido à impossibilidade de narrar toda uma

¹²² O termo ruína pode ser visto aplicado aqui no sentido benjaminiano, que nos remete a algo que permanece através de fragmento morto que significa o que restou da vida.

vivência, visto que a memória é parcial e lacunar, Hatoum consegue dar legitimidade ao relato através dos fragmentos de memória compartilhados e da imaginação.

De um modo geral, a narrativa é estruturada a partir de uma carta que a narradora-protagonista decide escrever ao irmão para informá-lo sobre a morte da matriarca Emilie. Por meio de depoimentos/relatos de amigos e de membros da família, que são recolhidos, selecionados e ordenados pela narradora, o relato vai sendo construído e formado por fragmentos que se completam e interpenetram. Desse modo, parte de um “certo Oriente”, instalado na capital do Amazonas, vai sendo resgatada e organizada pela narradora com esses fragmentos da história da família. Do início ao final da narrativa, o leitor é levado a conhecer os pensamentos, as percepções e as ações da personagem principal, por meio de suas palavras, e a se inteirar de vários relatos que estão relacionados à narradora-protagonista, aos seus familiares e aos amigos, não só através dos seus relatos como também da voz dos personagens diretamente envolvidos na trama narrativa.

Há trechos em que a memória da personagem dá saltos no tempo, alternando entre relatos e descrições sobre o agora da narração, ou seja, sua chegada a Manaus até a partida, que acontece em um período de cinco dias, e recordações de vários momentos de passados distintos, ora de momentos de sua infância, ora da juventude, quando esteve internada numa clínica psicológica, ora de histórias que remontam a períodos anteriores ao seu nascimento: a imigração de Emilie do Líbano para Manaus com seus pais; o suicídio de Emir, seu irmão, e seu casamento, entre outros fatos. Esses momentos se alternam sem seguir uma cronologia linear (dos acontecimentos mais antigos aos mais recentes); desde seu retorno a Manaus, os lugares que a narradora-protagonista visita ou pelos quais passa e as pessoas que reencontra ou com quem conversa fazem despertar sua memória: “Na fala da mulher que permanecera diante de mim, havia uma parte da vida passada, um inferno de lembranças, um mundo paralisado à espera de movimento” (RCO, 2010, p.9). Entre suas primeiras recordações, está um natal de 1954, quando ainda era criança e vivia com seu irmão adotivo na casa de Emilie, sua mãe/avó adotiva. Esse foi um momento marcante para Emilie e sua filha, Samara Délia, porque Soraya Ângela, filha surda de Samara Délia e sua companheira de infância, havia escrito sua primeira palavra: “– Foi o melhor presente de natal – exclamou Emilie, depois de soletrar o próprio nome, com os olhos fixos na carapaça do quelônio” (RCO, 2010, p.11). Segundo Luiz C. Lima (2002, p.309), o fluxo de lembranças da narradora ocorre através de ramificações, e não, de uma pessoa-eixo; Sorya Ângela, neta de Emilie, é a primeira ramificação que levará a narradora à recordação de Emilie. A recordação desse natal a faz saltar muitos anos para um tempo mais recente, momentos antes de a protagonista, já crescida,

partir de Manaus para estudar em São Paulo e, em seguida, alternar lembranças anteriores e posteriores à morte de Soraya Ângela:

– Sim, eram adolescentes e cínicos – continuou tia Samara. – No dia em que minha filha faleceu tiveram a audácia de encomendar flores de organdi suíço à Madame Verdade. (RCO, 2010, p.12)

[...]

Não sei se tu te lembras de Soraya Ângela, do seu sofrimento e da sua morte atroz. Ela engatinhava para brincar contigo, e vocês catavam os sapotis crivados de dentadas de morcegos. (RCO, 2010, p.12)

[...]

Mas tia Samara já desconfiava que nos meses que precederam o natal de 54, Soraya iniciara suas caminhadas pela cidade, acompanhada pelo tio Hakim. (RCO, 2010, p. 15)

[...]

– Dei graças a Deus quando vi minha filha grudada com a boneca, passeando e se divertindo com um brinquedo que atrai qualquer menina. Mas depois do acidente passei a desprezar todas as bonecas do mundo – disse tia Samara, no dia em que fui visitá-la para conversar sobre a minha viagem. (RCO, 2010, p.16)

[...]

Foi uma das imagens mais dolorosas da minha infância; talvez por isso tenha insistido em evocá-la em duas ou três cartas que te escrevi; na tua resposta me chamavas de privilegiada, porque esses eventos haviam acontecido quando eu já podia, bem ou mal, fixá-los na memória. (RCO, 2010, p. 19)

Dessa forma, a trama narrativa vai se desenvolvendo, sob o controle da narradora-protagonista, num movimento de ir e vir no tempo. Com sua voz conduzindo a narrativa, predominantemente nos capítulos 1, 6 e 8, ela dá voz à tia Samara (alguns pequenos trechos do capítulo 1), ao tio Hakim (capítulos 2 e segunda parte do 5), ao fotógrafo alemão Dorner (capítulos 3 e primeira parte do 5), ao marido de Emilie – seu pai adotivo – (capítulo 4), cuja fala é registrada por Dorner em um caderno e lida para Hakim, e a Hindié Conceição, amiga de Emilie (capítulo 7).

Com exceção do capítulo 1, os demais capítulos são apresentados entre aspas. Essa estratégia narrativa possibilita a troca de focalização do discurso narrativo sem alterar a perspectiva narrativa que continua em primeira pessoa. É como se a narradora pegasse emprestada a voz dos personagens-testemunhas, para ajudar a tecer a trama narrativa de modo a apresentar um mosaico de memórias que, juntas, ajudariam a preencher parte das lacunas e a elucidar parte dos fatos que, direta ou indiretamente, tinham relação com sua história de vida, e assim, buscar resposta para várias questões, entre as quais, algumas continuarão não respondidas ou esclarecidas, como por exemplo, sobre os motivos que levaram a mãe da

personagem principal a entregar seus dois filhos para serem criados por Emilie; a gravidez de Samara Délia e o motivo do suicídio de Emir.

Do encontro da narradora-protagonista com Hakim, filho mais velho de Emilie, na noite de domingo após a morte de Emilie, ela dá a voz a Hakim:

Disse-lhe, então, que gostaria de conversar com ele, longe do tumulto, longe de todos. Mencionei o relógio negro, e tantas outras coisas que me deixaram intrigada; ele prometeu que se encontraria comigo tão logo recobrasse a serenidade e o fôlego.

– Posso passar o resto da minha vida falando do passado – disse, com uma voz mais descansada. (RCO, 2010, p. 28) (final do 1º capítulo)

[...]

Isso foi tudo o que Hindié me contou a respeito do relógio e da permanência da minha mãe no convento de Ebrin, há mais de meio Século. (RCO, 2010, p. 30-31) (início do 2º capítulo)

[...]

Das leituras das cartas de V.B induzi que Emir estava enfezado com Emilie desde a simulação do suicídio no convento; e o esboço de uma carta que Emilie não enviou elucidada de certa forma essa desavença e talvez o destino trágico do irmão. (RCO, 2010, p. 75) (segunda parte do 5º capítulo)

Esse mecanismo romanesco, em que uma voz deslocada e marginal, depois de interagir com outras vozes, sobrepõe-se a elas, reverte simbolicamente os padrões coloniais na medida em que ele rompe com a ideia de uma voz central e hegemônica, amplamente explorada na narrativa colonial, assim como com a ideia de tempo linear e cronológico. E assim, os relatos vão sendo passados de um personagem para outro, formando uma espécie de cadeia, que se unem uns aos outros conforme o envolvimento de cada personagem com cada história que vem à tona; são as lembranças desses fatos que formam o fio condutor da trama narrativa que é conduzida pela narradora-protagonista e que vai se desenvolvendo em conjunto com suas impressões e lembranças e com o suporte dos vários personagens por ela escolhidos de acordo com o envolvimento de cada um com os fatos.

E o romance começa e termina com a voz da narradora-protagonista, no ‘tempo contado’ mais recente: do momento da chegada da personagem principal a Manaus, numa noite de quinta-feira, véspera da morte de Emilie, até a segunda-feira, depois de sua longa conversa com Hakim, seu tio adotivo, fechando, assim, um círculo de relatos, recordações e impressões. É nesse momento final da narrativa que a protagonista fala com mais detalhes sobre o processo de escritura de seus relatos em forma de carta para seu irmão:

Confesso que as tentativas foram inúmeras e todas exaustivas, mas ao final de cada passagem, de cada depoimento, tudo se embaralhava em desconexas

constelações de episódios, rumores de todos os cantos, fatos medíocres, datas e dados em abundância. Quando conseguia organizar os episódios em desordem ou encadear vozes, então surgia uma lacuna onde habitavam o esquecimento e a hesitação: um espaço morto que minava a sequência de idéias. [...]

Tantas confidências de várias pessoas em tão poucos dias ressoavam como um coral de vozes dispersas. Restava então recorrer à minha voz, que planaria como um pássaro gigantesco e frágil sobre as outras vozes. Assim, os depoimentos gravados, os incidentes, e tudo o que era audível e visível passou a ser norteado por uma única voz, que se debatia entre a hesitação e os murmúrios do passado. (RCO, 2010, p. 147-148)

Por não poder encontrar uma verdade absoluta para o seu relato, a narradora busca conciliar as várias versões dos fatos, que se apresentam com algumas lacunas e imprecisões, para produzir um relato que, apesar de marcado pelo esquecimento e por incertezas, será eternizado pelas lembranças que ela resgatou. Mas, a rigor, embora a subjetividade em sua voz não reconcilie fatos históricos, deixa-os em suspense como polos de uma identidade fragmentada e problemática como filha adotiva. Esse romance retrospectivo estabelece uma distância temporal reconhecida entre o tempo da história – tempo contado – e o tempo real do narrador – tempo do contar – que ora fica mais curta ora mais longa, conforme os relatos, as lembranças e as impressões que vêm à tona e que vão se agregando, como num quebra-cabeça, na tentativa de elucidar fatos e preencher lacunas que se formam na memória com o passar dos tempos.

Vale salientar que o ponto de vista adotado em *RCO*, que se caracteriza como narrativa de focalização interna variável, com alternância do personagem focal sob o comando da narradora-protagonista, que se encontra à margem, ou seja, ao mesmo tempo dentro e fora do círculo familiar, confere consistência e verossimilhança à obra. Com a utilização desse modo narrativo, de fazer com que a história seja contada pela protagonista e que possibilita que o leitor perceba a ação filtrada pela consciência da personagem principal, depois de recorrer à memória de outros personagens envolvidos na história, para preencher, parcialmente, lacunas que a protagonista, por si só, não seria capaz de fazer, é criada a ilusão de realidade, porquanto essa mistura de relatos parciais, incertos, algumas vezes distorcidos e indefinidos, que levam a crer que não se pode confiar totalmente nessas memórias sem antes confrontá-las entre si ou com outras versões, passa para o leitor a ideia de que a noção de ‘verdade’ é relativa. Como observado por Chiarelli (2007, p.69), é o caráter paradoxal da memória, constituída não só do recolhimento e da lembrança, como também do esquecimento e da dispersão, que gera essas imprecisões: “... contava sonhos que não tinha sonhado e passagens fictícias da minha vida” (RCO, 2010, p. 144).

Quando volta a Manaus, para rever a mãe adotiva – Emilie – a narradora principal, cujo nome não é revelado na narrativa, recorre à memória, através de lembranças que são ativadas por cheiros, sabores, sons, cores, objetos, lugares e pessoas (memória involuntária), e de depoimentos e gravações, para tentar recuperar sua história, refletir sobre sua condição e resgatar sua identidade. Essa história é marcada pela incerteza, pela instabilidade emocional e pelo desenraizamento da narradora. A personagem é duplamente deslocada – fora adotada pela família de imigrantes libaneses quando criança e, conseqüentemente, passou a conviver com dois universos culturais distintos – sua identidade fluida, dispersa, fragmentada e incompleta se encontra em constante movimento nesse entre-lugar marcado pela dupla referência étnica e pela incerteza de sua origem familiar. As circunstâncias de sua adoção nos levam a supor que ela foi fruto de uma relação extraconjugal, entre sua mãe biológica e o marido de Emilie, ou entre sua mãe biológica e um dos filhos inominados, já que a narradora tinha idade para ser neta de Emilie. Sabe-se que, no sistema patriarcal, tais relações extraconjugais ocorriam e geralmente eram administradas de dois modos: havia casos em que esse filho ‘ilegítimo’ ou de pais solteiros não era reconhecido pelo pai, portanto não assumia nenhuma responsabilidade sobre ele. Havia também casos em que o filho ou neto bastardo, ou de pais solteiros, era acolhido/adotado pelo pai ou avô, com o ‘consentimento’ da esposa ou da avó. Muitas vezes, a mãe biológica desse filho era mantida financeiramente pelo amante/pai ou, com menos frequência, pelo avô desse neto fora do casamento. No caso desse romance, a mãe biológica da narradora chega, certo dia, à casa de Emilie com sua filha e a entrega ao casal de emigrantes. Alguns anos depois, repete o ato com um segundo filho, e esse casal os acolhe e os cria como se fossem filhos/netos. A mãe biológica da narrativa de Hatoum mora em uma residência confortável, toda equipada e mobiliada com belos móveis e decoração oriental. No entanto, não nos é informada a origem de sua situação econômica.

Nesse entre-espço ocupado pela narradora – Manaus/Trípoli – suas experiências vividas são registradas com o suporte de outras vozes. Assim, cria-se, como citado por Maria Zilda Ferreira Cury (Org. CRISTO, 2007, p.88-89), “um espaço enunciativo sem hegemonia de qualquer voz” e bastante relativizado por misturas de vários sotaques e pontos de vistas constituintes desse mundo híbrido, que deslocam ou desterritorializam o espaço nacional e que põem em cheque a expressão de uma língua nacional.

Também me deparei com outro problema: como transcrever a fala engrolada de uns e o sotaque de outros? Tantas confidências de várias pessoas em tão poucos dias ressoavam como um coral de vozes dispersas. Restava então

recorrer à minha própria voz, que planaria como um pássaro gigantesco e frágil sobre as outras vozes. (RCO, 2010, p.147-148)

Aqui podemos confirmar outro aspecto relevante da narrativa pós-colonial sendo explorado por Hatoum nesse romance: a voz do sujeito marginal e deslocado sendo ouvida e predominando sobre as demais. Portanto, nesse espaço de narração das experiências vividas, a escrita da memória se constrói numa parceria entre a voz do “eu” – a narradora deslocada e marginal – e a voz do “outro” – as demais personagens de diferentes raças e etnias –, e a ideia de uma voz hegemônica e central é desconstruída. No entanto, devido a essa construção, que envolve o pessoal/individual e o comunitário/coletivo, a narradora manifesta sua dificuldade de conciliar essa diversidade de representações.

A cena inicial do romance nos remete a uma viagem de volta no tempo, através do retorno da narradora ao espaço de sua ‘origem’, e pode ser vista como uma alegoria do ‘renascimento’, isto é, o retorno ao espaço do seu nascimento faz reanimar suas memórias de um passado que morreu no tempo e que precisam ser resgatadas para que ela possa se reencontrar consigo mesma e tentar resolver seus dilemas, traumas e conflitos existenciais.

Quando abri os olhos, vi o vulto de uma mulher e o de uma criança. As duas figuras estavam inertes diante de mim, e a claridade indecisa da manhã nublada... Sem perceber, tinha me afastado do lugar escolhido para dormir e ingressado numa espécie de gruta vegetal,... Deitada na grama, com o corpo encolhido por causa do sereno, sentia na pele a roupa úmida e tinha as mãos repousadas nas páginas também úmidas de um caderno aberto, onde rabiscara, meio sonolenta, algumas impressões do vôo noturno. [...]
Eu procurava reconhecer o rosto daquela mulher. Talvez em algum lugar da infância tivesse convivido com ela, mas não encontrei nenhum traço familiar, nenhum sinal que acenasse ao passado. (RCO, 2010, p.7)

Ao entrar na casa de sua mãe biológica, ela se depara com um ambiente escuro, entulhado de mobília e objetos orientais (do Irã, da Índia, da China), bem espanados e polidos, e que parecia ser pouco frequentado; havia um espelho que refletia os objetos e os móveis e dava uma impressão caótica à sala, como um reflexo da atual condição psicológica da protagonista: tumultuada, confusa, melancólica. Dentre esses objetos, um desenho em um pedaço de papel chama sua atenção:

[...]; uma figura franzina, composta de poucos traços, remava numa canoa que bem podia estar dentro ou fora d’água. Incerto também parecia o seu rumo, porque nada no desenho dava sentido ao movimento da canoa. E o continente ou o horizonte pareciam estar fora do quadrado de papel.

Fiquei intrigada com esse desenho que tanto destoava da decoração suntuosa que o cercava; ao contemplá-lo, algo latejou na minha memória, algo que te remete a uma viagem, a um salto que atravessa anos, décadas. (RCO, 2010, p.8)

Esse desenho pode representar a própria condição da narradora: fragmentada, fluida, frágil, vulnerável, sem rumo e sem horizonte, lutando contra a corrente em busca do autoconhecimento. De acordo com Abel Barros Baptista (Org. CRISTO, 2007, p. 81), o desenho representa a figura franzina da narradora “debatendo-se com uma das mais persistentes metáforas da passagem do tempo, o rio.” Essa imagem, que aciona nela uma fagulha de sua memória, é retomada no último capítulo do romance: “Senti-me como esse remador, sempre em movimento, mas perdido no movimento, aguilhoado pela tenacidade de querer escapar: movimento que conduz a outras águas ainda mais confusas, correndo por rumos incertos” (RCO, 2010, p. 147). É como se a narradora se sentisse perdida ou sem rumo nesse mergulho nas memórias e que, quanto mais se envolvia nas recordações, mais se perdia nesse passado.

Nesse retorno, seu lugar de origem não se encontra intacto e aconchegante, mas sombrio e despovoado, exceto pela presença da empregada e de uma criança, que ela tenta recuperar e povoar através das memórias. Ela é recepcionada por essa empregada, que é filha de Anastácia – uma das afilhadas de Emilie –, pois sua mãe biológica estava viajando. Suas primeiras lembranças ocorrem antes de sua saída da casa da mãe biológica para reencontrar Emilie. É nesse espaço de sua infância, marcado por perdas irreparáveis, que a narradora começa a viajar no tempo. O seu retorno à casa da mãe biológica, com quem ela quase não tivera contato nem laços de afeto, pois, desde pequena, foi criada por Emilie, pode ser entendido como uma tentativa de buscar suas origens e encontrar respostas para que possa construir sua identidade.

Depois de recordar aquele feliz natal de 1954, as lembranças da trágica morte de Soraya Ângela, sua companheira e prima adotiva, vieram à tona. Ainda criança, a narradora enfrenta sua segunda perda, e essa rememoração funciona como um suporte que a ajudará a compreender as perdas e a lidar com elas e, conseqüentemente, proporcionará o seu fortalecimento. A partir dessas lembranças, outras vêm à tona: a vida reclusa e silenciada de Samara depois do nascimento da filha Soraya; os passeios às escondidas do tio Hakim com Soraya; o relacionamento do patriarca, esposo de Emilie, com sua filha Samara e com seus dois filhos inominados; vários momentos na companhia do irmão biológico e de Soraya; seu irmão biológico, já adulto em Barcelona, rememorando, em uma carta que escrevera para a

narradora – sua irmã biológica –, suas impressões de criança sobre a morte de Soraya; o tratamento que era dedicado à narradora e ao seu irmão biológico pelos pais/avós adotivos, entre outras lembranças. No entanto, apesar de não ser excluída da família e de ser tratada como uma filha, ela sabia de sua condição:

Foi ele que me ajudou a sair da cidade para ir estudar fora, e além disso nunca se contrariou com a nossa presença na casa, desde o dia em que Emilie nos aconchegou ao colo, até o momento da separação. Desfrutamos os mesmos prazeres e as mesmas regalias dos filhos, [...] Nada e ninguém nos excluía da família, mas no momento conveniente ele fez questão de esclarecer quem éramos e de onde vínhamos, contando tudo com poucas palavras que nada tinham de comiseração e de drama. (RCO, 2010, p.17)

Portanto, ela se vê, ao mesmo tempo, à margem da família e dentro dela, ou seja, encontra-se fora e dentro do círculo familiar. Aqui podemos estabelecer um paralelo entre a família e a nação, de um lado, e a narradora e o sujeito migrante ou colonizado e deslocado, do outro, em que o microcosmo da família representaria a nação, e a narradora do relato, a alteridade, deslocada e marginal do migrante ou colonizado, tentando negociar sua subjetividade num espaço fronteiro ou entre-lugar. Chiarelli (2007, p.71) entende que o fato de a narradora se apresentar sem nome durante toda a narrativa nos remete à sua condição de sujeito cindido e sem contorno fixo. No entanto, ao rememorar momentos de sua vida familiar, aos poucos, ela consegue dar um novo sentido às suas experiências vividas, integrando essas lembranças fragmentárias ao presente da narração. Desse modo, o passado perdido, ao ser resgatado, promoverá uma transformação em seu presente, porquanto, como observado por Walter Benjamin, existe uma grande diferença entre o momento vivido e o momento rememorado:

Pois um acontecimento vivido é finito, ou pelo menos encerrado na esfera do vivido, ao passo que o acontecimento lembrado é sem limites, porque é apenas uma chave para tudo o que veio antes e depois. (BENJAMIN, 1987, p. 37)

A morte de Emilie promove o reencontro da narradora com Hakim, filho mais velho dela. Apesar de ambos viverem no sul do país, eles não se viam há muito tempo. Quanto aos seus dois irmãos inominados, apesar de encontrá-los no velório de Emilie, eles não se falaram. Samara, que havia deixado a Parisiense e tomado rumo ignorado por Emilie, não voltou para o enterro da mãe. Hakim foi quem rememorou momentos da vida de Emilie e de seu pai, referentes a um período anterior ao seu nascimento e ao da narradora protagonista, que

procura respostas para vários acontecimentos, comportamentos e situações que, para ela, eram uma incógnita e que nunca foram revelados:

Tivera a mesma curiosidade na adolescência, ou até antes: desde sempre. Perguntei várias vezes à minha mãe por que o relógio e, depois de muitas evasivas, [...] Foi a explicação oblíqua que Emilie encontrou na minha infância para não falar de si.

Anos depois, ao arrancar algumas palavras de Hindié Conceição é que a coisa ficou mais ou menos clara. Ela me contou uma passagem obscura da vida de Emilie. [...]

Foi um golpe terrível na vida de Emilie. Ela concordou em deixar o convento naquele dia, mas suplicou que a deixassem rezar o resto da manhã e tocar ao meio-dia o sino anunciando o fim das orações. (RCO, 2010, p.29-30)

Através do que a amiga de Emilie, Hindié Conceição, contara para Hakim sobre Emilie, que Hakim repassa para a narradora, ele tenta compreender o porquê do fascínio que o relógio exercia em sua mãe. Assim, as lembranças de Hakim vão se ramificando e tomando a forma de um rizoma, que se estende do tempo contado mais remoto para o mais recente, e passa pela infância, pela adolescência e pela juventude, até voltar ao tempo do suicídio de Emir, seu tio, que ocorrera pouco antes de Emilie e o pai se conhecerem. Foi Dorner, o fotógrafo alemão e amigo da família, quem esteve com Emir poucos momentos antes desse fato. Então, termina o relato de Hakim e começa o de Dorner, que fala para Hakim sobre esse último encontro com Emir; Dorner também fala para Hakim sobre seu pai, através da leitura de várias anotações de conversas que teve com ele, e que ele transcrevera em um caderno.

Na manhã em que avistei Emir no coreto da praça, eu me encaminhava para a moradia de uma dessas famílias... Observava a flor entre os dedos de Emir, e talvez por isso tenha me escapado sua expressão estranha, o olhar de quem não reconhece mais ninguém. Lembro que o convidei para almoçar no restaurante francês; [...] (RCO, 2010, p.55)

Um desses cadernos encerra, com poucas distorções, o que foi dito por teu pai no entardecer de um dia de 1929. (RCO, 2010, p.63)

E assim, Hakim conta para a narradora tudo o que foi relatado por Dorner e por seu pai através de Dorner. Por meio desse relato, as memórias voltam para um período anterior a 1914, antes da emigração de seu futuro pai para o Brasil. É como se a narradora buscasse, nessas memórias do passado de Emilie e de seu pai adotivo, inclusive de um período anterior ao seu nascimento, reencontrar consigo mesma através de Emilie e sublimar sua dupla alteridade – de filha abandonada e de filha adotada por imigrantes – porque, através da história de vida de Emilie, que, na condição de mulher oprimida, mas que luta contra a

opressão imposta pelo sistema patriarcal, a narradora procuraria se libertar dos seus traumas e de sua condição.

[...]; naquele lugar nebuloso e desconhecido para quase todos os brasileiros, um tio meu, Hanna, combateu pelo Brasão da República Brasileira; [...] nunca soubemos o porquê de sua vinda ao Brasil, mas quando líamos suas cartas, que demoravam meses para chegar às nossas mãos, ficávamos estarecidos e maravilhados. [...]

Ao ler o bilhete, meu pai, dirigindo-se a mim, sentenciou: chegou a tua vez de enfrentar o oceano e alcançar o desconhecido, no outro lado da terra. (RCO, 2010, p.64-65)

Em seguida à leitura do relato do pai de Hakim sobre sua vinda ao Brasil, Dorner volta a um momento depois do suicídio de Emir, e Hakim retoma a palavra para falar sobre o rumo tomado por Dorner após a morte de Emir. Em seguida, ele se reporta a um passado bem mais recente, com a finalidade de contar à narradora como conheceu esse alemão, em um natal de 1935, quando ainda era criança, e sobre a convivência da família com ele. Em meio a essas lembranças, Hakim retorna ao dia da morte de Emilie:

Ontem mesmo visitei o quarto de Emilie; no armário aberto, vi o baú no mesmo canto, com a tampa aberta e vazio; tampouco sei em que época ela retirou os objetos dali e onde os guardou. Talvez, prevendo que fosse morrer, tenha se desvencilhado de tudo, cuidando para não deixar vestígios. (RCO, 2010, p.74)

Mais uma vez, eles se deparam com o não dito e ficam sem respostas para algumas questões sobre o passado de Emilie. Podemos perceber, nos segredos e no silêncio de Emilie, uma forma de resistência contra o sistema patriarcal; por outro lado, ela reproduzia o patriarcalismo ao agir como um patriarca em diversas situações, quais sejam: na educação dos filhos homens, principalmente os inominados, e no tratamento que dispensava às mulheres de classes econômicas inferiores, tanto com suas empregadas domésticas quanto com as mulheres manauaras que se envolvessem com seus filhos:

Estava lendo no quarto quando escutei um alvoroço na escada: gritos, choros, convulsões. Corri para ver o que acontecia, e vi um dos meus irmãos arrastando uma das nossas ex-empregadas com um bebê entre os braços. Emilie surgiu de não sei onde, apartando um do outro, e tentando acalmá-los. Ela acompanhou a mulher até o portão e, ao despedir-se dela, cochichou algo no seu ouvido. [...] O bate boca com Emilie foi tempestuoso e breve: que não era a primeira mulher que aparecia na Parisiense com um filho no colo, dizendo-lhe “essa criança é seu neto, filho do seu filho”; que não atravessara

oceanos para nutrir os frutos de prazeres fortuitos de seres parasitas; [...] e, o que era gravíssimo, haviam esquecido o nome de Deus.

– Deus? – contra-atacou Emilie. – Tu achas que as caboclas olham para o céu e pensam em Deus? São umas sirigaitas, umas espevitadas que se esfregam no mato com qualquer um e correm aqui para mendigar leite e uns trocados. (RCO, 2010, p.77-78)

Apesar dessas lacunas, as lembranças de Hakim continuam se ramificando. Entre essas recordações, estão o relacionamento de Emilie com seus empregados; o comportamento dos filhos inominados com as caboclas da região; o papel do índio curandeiro, Lobato Naturidade, na vida de Emilie e da comunidade local; o dia das oferendas; o desânimo que abateu Emilie após a morte de Soraya Ângela; sua separação da família para continuar seus estudos no sul do país; sua correspondência com Emilie através de fotografias; a gravidez de Samara Délia; o primeiro encontro da narradora, aos quatro anos de idade, com Soraya Ângela no pátio da casa; as primeiras dúvidas/perguntas da narradora sobre sua mãe biológica: “Tu tinhas quatro anos, [...], indagando-lhe por que ela tinha ido embora e se havia notícias daquela mulher que morava fora e só vinha te visitar uma vez na vida e outra na morte.” (RCO, 2010, p.95); entre outras.

Em seguida ao relato de Hakim, o tempo contado se aproxima do tempo do contar, ou seja, a narradora volta a falar de suas impressões sobre seu lugar da infância logo após o seu retorno, e a descrever, na carta para seu irmão biológico, o curto trajeto entre a casa de sua mãe biológica e a casa de Emilie: “[...]; os leões de pedra, o javali e a Diana de bronze permaneciam nos mesmos lugares da praça, entre as acácias e os bancos [...]” (RCO, 2010, p. 108). Nesse trajeto, a praça e seus bancos fazem com que ela se lembre dos irmãos sicilianos no tempo da sua infância. Assim, a praça, o jardim e o pátio da casa de Emilie, que se encontrava fechada, e os vários cantos da cidade por onde ela passou enquanto esperava a hora do almoço para voltar à casa de Emilie levam-na a refletir, a comparar a cidade de sua infância com a do seu retorno e “dialogar com a ausência de tanto tempo” (RCO, 2010, p.109). Ao retornar ao espaço e às pessoas de sua infância, depois de um longo período de quase vinte anos de distanciamento, a narradora procura exorcizar seus medos e dúvidas, buscar respostas para seus questionamentos e angústias e encontrar-se consigo mesma. É no rio, ao atravessar o igarapé numa canoa de volta ao centro da cidade, que ela se sente impotente diante da vida, ao perceber que é inútil lutar contra o tempo, visto que, por mais que lute, não conseguirá reconquistar o tempo perdido, tampouco recuperar a identidade perdida.

E eu não queria ser uma estranha, tendo nascido e vivido aqui. [...] Tive a impressão de que remar era um gesto inútil: era permanecer indefinidamente no meio do rio. Durante a travessia esses dois verbos no infinitivo anulavam a oposição entre movimento e imobilidade. (RCO, 2010, p.110).

Ao voltar do passeio pela cidade, a narradora se reencontra com o fotógrafo alemão, Dörner. Esse encontro lhe provocou nostalgia e despertou-lhe lembranças do irmão biológico na companhia desse alemão tão amigo da família, quando ainda viviam com Emilie. Foi Hindié, amiga de Emilie há cinquenta anos, que, aos prantos, informou-lhe que a amiga acabara de falecer. O reencontro da narradora com sua avó/mãe adotiva, tantas vezes adiado, foi interrompido pela morte da matriarca e fechou um ciclo de desencontros. Foi Hindié quem relatou para a narradora os últimos anos de Emilie. Entre suas lembranças, ela lhe conta sobre o cofre da família, cuja chave e segredo eram mantidos em sigilo por Emilie, pois ela temia que, depois que o marido morresse, os dois filhos inominados se apossassem de tudo e expulsassem Samara da Parisiense. Ela também contou sobre a partida sigilosa de Samara da loja, algum tempo depois da morte do pai, com destino não revelado. Com base nas atitudes de Emilie, entre elas, a de proteger sua filha Samara Délia dos irmãos inominados, fica evidente o tom de crítica ao patriarcalismo na narrativa, através da atitude paradoxal de Emilie: ora reproduzindo o patriarcalismo, ora resistindo a esse modelo patriarcal socialmente imposto que, nesse caso, manifesta-se por meio do exercício do poder de opressão e de violência emocional, psicológica e econômica do homem sobre a mulher.

Do relato sobre o enterro de Emilie, a narradora passa a falar sobre o período em que esteve internada na clínica, por ordem de sua mãe biológica, depois de um acesso de fúria e de descontrole, e relembra as sessões de terapia e da visita de sua mãe biológica: “Talvez fosse ela, porque escutei a mesma voz que nos abandonou há tanto tempo.” Tais palavras refletem o trauma da narradora, por não ter conseguido superar o abandono da mãe biológica, para, em seguida, concluir seu relato voltando a falar de sua chegada a Manaus, do momento em que sobrevoou a cidade até a chegada à casa da mãe biológica. Assim, fechou o ciclo de relatos.

Sua história de desencontros com a mãe biológica não se esclarece por inteiro na narrativa, atravessada por silêncios e opressão. Ao leitor, resta especular sobre seus dramas com base nas evidências proporcionadas pelo texto. Denis Leandro Francisco afirma que “não houve diálogo possível entre elas, houve, uma vez mais, o silêncio” (2007, p.13). E através das memórias, que se materializam no relato em forma de carta, a narradora tenta reconstruir a casa da infância que se desfez e que se encontrava em ruínas: sua mãe adotiva sempre estivera ausente, seus pais adotivos e Soraya Ângela estavam mortos, os irmãos inominados nunca

mantiveram qualquer tipo de laço afetivo com ela, Samara Délia tomara rumo ignorado depois de deixar a Parisiense. Portanto, só restavam Hakim, com quem ela compartilhou muitas lembranças da infância nesse breve espaço de tempo em que se reencontraram por ocasião da morte da matriarca Emilie, e seu irmão biológico, que há muito tempo estava em Barcelona e que era o único com quem ela mantinha contato através de cartas.

Desse modo, a narradora tenta se reconciliar com o todo que se desfez – a casa e a cidade da infância, juntamente com a família e os amigos.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nos dois romances estudados, deparamo-nos com sujeitos híbridos, que são o produto de novas e inesperadas combinações de indivíduos de diferentes histórias e culturas. Portanto, tanto na obra de Naipaul quanto na de Hatoum, a representação do imigrante não está limitada a generalizações que uniformizam e reduzem a sua imagem a estereótipos; pelo contrário, o processo de transculturação evidenciado nas duas obras, ao desencadear a transitividade entre culturas diferenciadas, gerando novas inter-relações, promove conflitos e transformação de valores culturais que resultam numa mescla de referenciais inusitados. No romance de Naipaul, o personagem principal, representante da geração de pós-trabalhadores contratuais, é o produto da diáspora indiana em Trinidad, no período colonial, para substituir a mão de obra escrava como trabalhadores contratados. Já no romance de Hatoum, a personagem principal, de nome e origem não revelados, foi adotada por uma família de imigrantes libaneses que são o produto das novas diásporas criadas pelas migrações pós-coloniais no Brasil.

Ambos os romances abordam temáticas da subjetividade moderna, principalmente a crise de identidade, que é vivida pelos dois protagonistas. No romance de Naipaul, a crise de identidade vivenciada por Biswas é decorrente de sua condição de descendente de imigrantes indianos em Trinidad, que tinha que conviver com valores da cultura tradicional indiana e com a sociedade materialista, competitiva e multicultural da ilha e lutar para conquistar sua autonomia, sua independência e construir sua identidade, além de ter sido alienado na própria família, devido às condições em que nasceu.

Quanto à narradora de *RCO*, além de conviver com valores culturais da família de imigrantes libaneses que a criou e com os valores da cultura manauara, foi adotada ainda muito criança e quase não teve contato com sua mãe biológica, o que intensificou sua condição de sujeito marginal, fragmentado e desenraizado. Nas duas obras, marcadas pela presença de aspectos multiculturais, o drama familiar e a busca do autoconhecimento, através da construção de uma identidade cultural, social e psicológica, são prevalentes.

Enquanto Mr. Biswas luta para conquistar sua independência econômica, através da conquista de um emprego digno, e se libertar do domínio dos Tulsis, a narradora inominada parece ter conseguido conquistar sua independência econômica depois de ter partido de Manaus para estudar em São Paulo. Ambos foram acometidos por uma crise nervosa, em um momento de grande pressão psicológica: a de Mr. Biswas decorreu da alienação e das condições socioeconômicas, que o impossibilitavam de se libertar dos Tulsis. Essa família, ao

mesmo tempo em lhe dava abrigo e comida, tolhia sua liberdade e apagava sua voz; a da narradora de *RCO* ocorrera em decorrência da crise existencial resultante de sua alienação, do desenraizamento e do desconhecimento de suas origens biológicas. Apesar de parecer ter liberdade e independência econômica, ela se sentia à margem de suas duas famílias – a biológica e a adotiva – por isso buscava o autoconhecimento para conseguir controlar suas emoções, desvencilhar-se de frustrações, da ansiedade, da melancolia, da angústia, das dúvidas e de outros sentimentos que impediam o seu amadurecimento emocional.

Mr. Biswas tenta conquistar autonomia e construir sua identidade através da aquisição de uma casa própria, que, no romance, é a metáfora dominante que representa ordem, segurança, proteção, estabilidade, enraizamento, pertencimento e liberdade. Segundo B. K. Das (apud BARBUDDHE, 2003, p. 15), o senso de pertencimento precisa existir para que a identidade possa ser assumida. Em sua busca por independência e individualidade, ele questiona certos valores tradicionais da cultura hindu que possam interferir na construção de sua autonomia e identidade, mas aceita aqueles que considera positivos por proporcionarem segurança, apoio financeiro e psicológico nos momentos de necessidade. Seu grande desejo de conquistar liberdade, individualidade e autonomia é que o faz lutar contra os valores degenerados do sistema cultural brâmane, que, no romance, é representado pela família Tulsi. Como afirma a Iyer (2005, p. 25), Biswas pode ser visto como uma figura representativa que se encontra preso entre dois mundos: a segurança dos antigos valores tradicionais hindus e as possibilidades de um novo mundo de valores ocidentais. Já a narradora do relato precisa resgatar o seu passado através das memórias e ressignificá-lo para encontrar um novo sentido para sua vida com a conquista do autoconhecimento.

No romance de Naipaul, essa conquista se materializa na aquisição de uma casa própria, e o fato de essa casa apresentar uma série de defeitos estruturais e de construção e, portanto, de necessitar de constantes reparos e melhorias, será evidência da sua condição de sujeito pós-colonial, cuja identidade está aberta, sempre em movimento e em construção. No romance de Hatoum, a metáfora da casa em ‘ruínas’ é representada pela família desfeita e esfacelada: apesar de a casa de sua mãe biológica estar cheia de móveis e de objetos, ela se encontra ausente, viajando; e a casa dos seus pais adotivos acaba de perder a matriarca Emilie, sua última moradora e seu principal elo. A partir dessa ausência das duas mães, a narradora do relato vai tentar construir sua identidade através da memória. No entanto, essas lembranças partilhadas e parciais que resgata e que compõem o seu relato não conseguem dar conta de toda uma vivência que ela tenta recuperar totalmente.

Ambos os personagens visam resgatar a essência de suas vidas e, ao mergulhar no espaço da incerteza, num mundo moderno marcado pela falta de sentido e alienação, suas vidas são corroídas, e eles se tornam vítimas das circunstâncias que limitam suas capacidades de escolher e de superar.

Nos dois romances, os protagonistas se envolvem numa busca inquieta e incessante por autoconhecimento e pela construção de suas identidades. Em *AHMB*, suas constantes mudanças de moradia se configuram como metáfora do seu estado de espírito e da condição de errante que caracteriza o sujeito pós-colonial. Já em *RCO*, sabemos pouco sobre a protagonista, que partiu, ainda jovem, para estudar em São Paulo e se exilou de sua família adotiva; sua inquietação se manifesta no resgate das memórias de sua família, no encontro do passado com o presente, para tentar conquistar o autoconhecimento e se encontrar. Nesse romance de Hatoum, os relatos fragmentários da história familiar da narradora, que são compostos por diferentes vozes, refletem a identidade fragmentada e fluida da narradora, que, no relato, tenta negociar suas representações identitárias.

Portanto, ao se exilar do espaço de sua família adotiva para estudar em São Paulo, a narradora-protagonista sofreu rupturas físicas e psíquicas, e com sua subjetividade, que se encontra em constante processo de formação, procura se estabilizar nesse entre-lugar ou terceiro espaço, onde coexistem culturas e linguagens distintas, e cujo lar se encontra desfamiliarizado e em ruínas. Assim, como não há possibilidade de se construir um relato único a partir das diferentes vozes que compõem esses relatos, a narradora também não conseguirá construir uma identidade completa e plena.

Enquanto, em *AHMB*, Naipaul se utiliza do humor na forma de sátira e ironia, em *RCO*, Hatoum confere um tom melancólico à sua narrativa. No entanto ambos os personagens vivenciam o sentimento de perda. Os dois romances exploram uma diversidade de temas que abrem espaço para outras pesquisas, levando-se em consideração a teoria pós-colonial. Quanto ao romance de Naipaul, destacaríamos o estudo da sátira, não só devido ao papel de destaque que esse tipo de humor tem ocupado na literatura pós-colonial, como também pelo fato de que o humor abre espaço para que a voz do marginalizado seja ouvida, razão por que a sátira é considerada uma forma de resistência social.¹²³ Como evidenciado por Heike Härting, em sua resenha do livro de John Clement Ball, *Satire & the Postcolonial Novel. V.S. Naipaul, Chinua Achebe, Salman Rshdie* (2003):

¹²³ Ver: HOLOCH, Adele Marian. **The serious work of humor in postcolonial literature**. PhD (Doctor of Philosophy) thesis, University of Iowa, 2012. 236p. Disponível em: <http://ir.uiowa.edu/etd/1632>.

Ball reads *A House for Mr. Biswas* as a “satiric allegory of cultural or national assertion and resistance” that also problematizes Naipaul’s “resistance not only through satire, but also to satire” (78). Thus, satiric multidirectionality thematizes what Ball calls the “ironic gap” (63) between colonially imported forms of authoritative rule and their local appropriations — [...] — and becomes an effective tool for examining the satiric politics of a text. (p.224)¹²⁴

Em relação à *RCO*, destacamos o estudo das relações de gênero, também considerando a questão dos personagens nominados e inominados, porquanto acreditamos na existência de uma motivação do autor do romance para utilizar tal estratégia narrativa.

Sabemos da limitação do nosso trabalho, porque o pós-colonialismo é um campo de estudos bastante complexo e vasto e que dá margem a análises em múltiplas perspectivas, mas esperamos que ele contribua para que novas pesquisas sejam desenvolvidas.

¹²⁴ Ball lê *A House for Mr. Biswas* como uma “alegoria satírica de afirmação cultural ou nacional e de resistência” que também problematiza “a resistência de Naipaul não só através da sátira, mas também para a sátira” (78). Portanto, a multidirecionalidade satírica tematiza o que Ball chama de “vazio irônico” (63) entre formas colonialmente importadas de regra autoritária e suas apropriações locais — [...] — e torna-se uma ferramenta eficaz para se examinar a política satírica de um texto. (p.224)

REFERÊNCIAS

AKUNG, Jonas Egbudu; ONWUGBUECHE, Leonard. **Alienation and quest for identity in V. S. Naipaul's A House for Mr. Biswas, the Mimic Men and Miguel Street**. African Research Review: an International Multi-Disciplinary Journal. Vol. 5 (1), Serial N° 18, p.162-171, January, 2011.

ALI, Shehla; GOPAL, Alka. **Themes prevalent in the novels of V.S. Naipaul**. The Criterion: an International Journal in English. Vol.4, Issue 1, p.01-04, February 2013. Disponível em: <<http://www.the-criterion.com/archive/#.Uz8AUKLGhoU>> Acesso em: 19 mar. 2014.

_____. **Social picture of Trinidad in Naipaul's novels**. Language in India. ISSN 1930-2940, p.508-512, August 2013. Disponível em: <<http://www.languageinindia.com/aug2013/shehlatrinidadpicture1.pdf>>. Acesso em: 25 mar. 2014.

ALMEIDA, Sandra Regina Goulart. Constelação da diáspora, marcas de gênero. In: _____. **Cartografias contemporâneas: espaço, corpo, escrita**. 1ª ed. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2015. 220p.

ALMEIDA, Telly W. F. de. Pós-colonialismo na literatura brasileira: Relato de um certo Oriente, de Milton Hatoum. 1º CIELLI – Colóquio Internacional de Estudos Linguísticos e Literários. Maringá-PR, UEM, 09, 10 e 11.06.2010 – **Anais** – ISSN 2177-6350. Disponível em: <<http://www.cch.unimontes.br/ppgl/revistaaraticum/arquivos/vol2/tellyalmeida.pdf>>. Acesso em: 23 abr. 2014.

ARAÚJO, Alexandre Martins de. **Caribe – relações culturais do Século XIX: negros e coolies em Trinidad (1845-1870)**. [S.l.: s.n], 2004, (Goiânia: GEV) 165 p.

ASHCROFT, Bill; GRIFFITHS, Gareth; TIFFIN, Helen (Ed.) **The post-colonial studies reader**. 2ª ed. London: Routledge, 2003. 526p.

_____. **The empire writes back: theory and practice in post-colonial literatures**. 2ª ed. London and New York: Routledge, 2004. 283p.

AVELINO FILHO, George. **Cordialidade e civilidade em raízes do Brasil**, 1989. Texto apresentado no GT Pensamento Social Brasileiro do XII Encontro Anual da ANPOCS, Águas de São Pedro, SP, outubro de 1988. Disponível em: <http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs_00_12/rbcs12_01.htm>. Acesso em: 20 abr. 2016.

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1993. 242p.

BARBOSA, Muryatan Santana (2006). **O pós-colonialismo como projeto**. (mimeo)
Disponível em: <historiaecultura.googlepages.com/PS-COLONIALISMO.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2010.

BARBUDDHE, Satish. A house for Mr. Biswas: a single individual's search for identity. In: PRASAD, Amar Nath (editor). **Critical Response to V. S. Naipaul and Mulk Raj Anand**. 1st Edition. New Delhi: Sarup & Sons, 2003.

BAUGH, Edward (2007). "The history that had made me:" The Making and Self-Making of V.S. Naipaul. **Anthurium: A Caribbean studies Journal**: Vol. 5: Issue 2, Article 3. p.01-14.
Disponível em: <http://scholarlyrepository.miami.edu/anthurium/vol5/iss2/3> Acesso em: 28 fev. 2014.

BAZE, Abraham. **Os libaneses e a Amazônia**. Carta do Líbano. p.44-45. Disponível em: <http://familyd.net/downloads/Libaneses_na_Amazonia.pdf>. Acesso em: 27 abr. 2016.

BENJAMIN, Walter. A imagem de Proust. In: _____. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. [Trad. Sérgio Paulo Rouanet]. São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 36-49.

BHABHA, Homi K. A questão do "outro": diferença, discriminação e o discurso do colonialismo. In: HOLLANDA, Heloísa B (org.). **Pós-modernismo e política**. Rio de Janeiro: Rocco, 1992, p.177-203.

_____. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2007. 395p.

BHAT, Jon Mohd. Caught in the mire of colonial neurosis – An analysis of V. S. Naipaul's House for Mr. Biswas. **The Criterion: an international journal in English**. Vol.III, Issue III, p.02-06, september 2012. Disponível em: < http://www.the-criterion.com/V3/n3/Sept2012.pdf>. Acesso em:16 mar. 2014.

BIRMAN, Daniela. **Canibalismo literário: exotismo e orientalismo sob a ótica de Milton Hatoum**. ALEA, Vol.10, n.2, p.243-255, Rio de Janeiro, 2008a. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/alea/v10n2/06.pdf>. Acesso em: 28 abr. 2014.

_____. Narrar o passado, recriar o presente: a escrita de si em Milton Hatoum. **Revista Brasileira de Literatura Comparada**, n.12, p.157-189, 2008. Disponível em: <www.abralic.org.br/revista/2008/12/30/download>. Acesso em: 24 abr. 2014.

_____. Da fronteira ao originário: estranheza e familiaridade no romance *Relato de um certo Oriente*. **Revista Z cultural**, Ano IX – Revista virtual do programa avançado de cultura contemporânea, n.1, p.1-10, 2011. Disponível em: < <http://revistazcultural.pacc.ufrj.br/da-fronteira-ao-originario-estranheza-e-familiaridade-no-romance-relato-de-um-certo-oriente-de-daniela-birman/>>. Acesso em: 18 mai. 2014.

BOEHMER, Elleke. **Colonial & Postcolonial Literature**. Oxford: Oxford University Press, 1995. 304 p.

BOLFARINE, Mariana. **História e ficção em Uma casa para o Sr. Biswas**. Raído, Dourados, MS, v.4, n.7, p.113-123, jan./jun.2010. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufgd.edu.br/index.php/Raido/article/viewFile/524/525>>. Acesso em: 01 mar. 2014.

_____. **Espaço e metaficção em A house for Mr. Biswas, de V. S. Naipaul**. 139 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

BONNICI, Thomas. **Introdução ao estudo das literaturas pós-coloniais**. *Mimesis*, Bauru, v. 19, n. 1, p. 07-23, 1998. Disponível em: <http://www.usc.br/biblioteca/mimesis/mimesis_v19_n1_1998_art_01.pdf>. Acesso em: 02 dez. 2010.

_____. **O pós-colonialismo e a literatura: estratégias de leitura**. 1ª ed. Maringá: EDUEM, 2004. 305 p.

_____. Avanços e ambiguidade do pós-colonialismo no limiar do Século 21. *Légua & meia: Revista de Literatura e Diversidade Cultural*. Feira de Santana: UEFS, v.4, nº 3, 2005, p.186-202.

_____. Pós-colonialismo e representação feminina na literatura pós-colonial em inglês. **Acta Sci. Human Soc. Sci.** Maringá, v.28, n.1, p.13-25, 2006.

_____. **Para uma tipologia da representação feminina na literatura pós-colonial em inglês**. Estudos feministas e pós-coloniais. ST 10 Universidade Estadual de Maringá. p.01-08. Disponível em: <http://www.fazendogenero.ufsc.br/7/artigos/T/Thomas_Bonnici_10_B.pdf>. Acesso em: 04 mai. 2016.

CANCLINI, Nestor García. Culturas híbridas, poderes oblíquos. In: _____. **Culturas híbridas – estratégias para entrar e sair da modernidade**. [Trad. Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintão] São Paulo: EDUSP, 1997, p.283-350.

CANTARINO, Carolina. Ficção pós-colonial retrata conflitos contemporâneos. In: **Cienc. Cult.** [online]. 2007, v. 59, n. 2, pp. 54-56. ISSN 0009-6725. Disponível em: <<http://cienciaecultura.bvs.br/pdf/cic/v59n2/a22v59n2.pdf>>. Acesso em: 02 dez. 2010.

CARVALHAL, Tânia Franco. **Literatura comparada**. Série princípios. São Paulo: ed. Ática, 1986. 88 pp.

CHAUDHARI, Vinodkumar P. Naipaul's A House for Mr. Biswas: an existential fight of a battling belittle. **Indian Streams Research Journal**. Vol.3, Issue-7, August 2013, p.01-03.

CHIARELLI, Stefania. **Vidas em trânsito**: as ficções de Samuel Rawet e Milton Hatoum. São Paulo: Annablume, 2007. 170p.

CHILDS, P. & WILLIAMS, R.J.P. Introduction: points of departure. In: _____. **An introduction do post-colonial theory**. London: Prentice Hall, 1997. Disponível em: <<http://www19.homepage.villanova.edu/silvia.nagyzekmi/teoria/childs%20postcolonial.pdf>>. Acesso em: 26 jan. 2014.

CLEMENS Jr., Walter C. **The third world in V. S. Naipaul**. Disponível em: <http://worldview.carnegiecouncil.org/archive/worldview/1982/09/3838.html/_res/id=sa_File1/v25_i009_a005.pdf>. Acesso em: 23 set. 2015.

CRISTO, Maria da Luz P. de. (Org.) **Arquitetura da memória**: ensaios sobre os romances Dois Irmãos, Relato de um Certo Oriente e Cinzas do Norte, de Milton Hatoum. Manaus: EDUA, 2007. 384p.

CUDJOE, Selwyn Reginald. **V. S. Naipaul**: a materialist reading. USA, The Univ. of Massachusetts Press, 1988.

CUNHA, Filipe Brum. **Imigração aos Estados Unidos da América**: análise histórica e tendências no início do Séc. XXI. Dissertação (Mestrado em Estudos Estratégicos Internacionais), Universidade Federal do Rio Grande do Sul: Porto Alegre, 2012. 165p.

CURY, Maria Zilda F. De orientes e relatos. p.165-176. In: SANTOS, Luís Alberto B., PEREIRA, Maria Antonieta (org.). **Trocas culturais na América Latina**. Belo Horizonte: Pós-Lit / Nelam / FALE / UFMG, 2000. 256 p.

_____. **Fronteiras da memória na ficção de Milton Hatoum**. Letras nº 26 – Língua e Literatura: Limites da Fronteira, p.11-18, Junho 2003. Disponível em:

<<http://cascavel.ufsm.br/revistas/ojs-2.2.2/index.php/letras/issue/view/647/showToc>>. Acesso em: 28 abr. 2014.

DELPHINO, Cristine. **Imigração libanesa**. 2010. Disponível em: <<http://www.historiabrasileira.com/brasilrepublica/imigracaolibanesa/>>. Acesso em: 27 abr. 2016.

DONNELL, Alison. WELSH, Sarah. **The Routledge Reader in Caribbean Literature**. Great Britain: Routledge, 1996.

EMEZUE, Glória M.T. Failed heroes and failed memories: between the alternatives of (V.S. Naipaul) Biswas and (Mongo Beti) Medza. **Journal of African Literature and Culture**. IRCALC-JAL 2006. Ed: SMITH, Charles. p.133-151. Disponível em: <africaresearch.org/papers/Bti1.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2014.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas** - tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008. 194p.

FARIAS, Leila W. B.; ZOLIN, Lúcia O. A cruel necessidade de possuir: pós-colonialismo e patriarcalismo em um conto de Clarice Lispector. Terra roxa e outras terras. **Revista de Estudos Literários**. Volume 11 (2007) – 1-131. ISSN 1678-2054, p.28-43. Disponível em: <<http://www.uel.br/cch/pos/letras/terraroja>>. Acesso em: 04 mai. 2016.

FRANCA, Ivana A. P. L. A house for Mr. Biswas: uma leitura ecocrítica. In: As linguagens da natureza e suas representações. **Anais – I Congresso Internacional de Literatura e Ecocrítica / Zélia Monteiro Bora; Sarita Monteiro Bora; Paulo Aldemir Delfino Lopes (Orgs.)**. João Pessoa: UFPB, 2012. 780 p. p.358-364.

FRANCISCO, D. L. **A ficção em ruínas**: Relato de um certo Oriente, de Milton Hatoum. Belo Horizonte, 2007. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Letras da UFMG.

_____. **Linguagem, memória, ruínas**: Relato de um certo Oriente, de Milton Hatoum. Em Tese: Vol.12, 2008. Disponível em: <<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/emtese/issue/view/143/showToc>>. Acesso em: 18 abr. 2014.

FREYRE, Gilberto. **Casa Grande & Senzala**. 50ª Ed. São Paulo: Global, 2005. 719p.

FRIEDMAN, Norman. O ponto de vista na ficção. In: **Revista USP**, São Paulo, n.53, p. 166-182, março/maio 2002.

GANDHI, Leela. After colonialism. p.01-22 In: **Postcolonial theory: a critical introduction**. Austrália: Allen & Unwin, 1998. 200p.

GASPARETTO JR, Antônio. **Imigração libanesa no Brasil**. Disponível em: <<http://www.infoescola.com/historia/imigracao-libanesa-no-brasil/>>. Acesso em: 26 abr. 2016.

GENETTE, Gérard. **Discurso da narrativa**. 3ª ed. Lisboa: Vega, 1995, p.159 – 209.

GLISSANT, Édouard. **Introdução a uma poética da diversidade**. Tradução de Enilce do Carmo A. Rocha. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2005. 176p.

GOMES, Heloísa Toller. Condição pós-colonial, cultura afro-brasileira. In: **Revista Odisséia** [online]. 2009, n.2, pp.01-15. ISSN: 1883243. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufrn.br/odisseia/article/view/2059/1493>>. Acesso em: 05 dez. 2010.

GONÇALVES, Ângela A. & BONNICI, Thomas. O conceito de resistência em três textos da literatura brasileira à luz da teoria pós-colonial. **Acta Sci. Human Soc. Sci.**: Maringá, v.27, p. 151-161, 2005.

GUEDES, Peonia Viana. Representando temáticas e estratégias pós-coloniais: três ensaios sobre literatura e cultura caribenhas. In: **Diálogos**, DHI/PPH/ UEM, v. 8, n. 2, p. 51-55, 2004. Disponível em: < www.uem.br/dialogos/index.php?journal=ojs&page=article...>. Acesso em: 02 dez. 2010.

HALL, Stuart. Cultural identity and diáspora. In: RUTHERFORD, Jonathan. **Identity: community, culture, difference**. London: Lawrence & Wishart Ltd., 1990, p.222-237.

_____. New ethnicities. In: **Critical dialogues in cultural studies**. Edited by David Morley and Kuan-Hsing Chen. London and New York: Routledge, 1996, p.441-449.

_____. The work of representation. In: HALL, Stuart (ed.). **Representation: cultural representation and signifying practices**. London/ Thousand Oaks/New Delhi: Sage/Open University, 2009, p.15-63

_____. Pensando a diáspora: reflexões sobre a terra no exterior. In: **Da diáspora: identidade e mediações culturais**. Org. Liv Sovik; Tradução Adelaine La Guardia Resende et all. Belo Horizonte: Ed. UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003, p.25-50.

_____. Quando foi o pós-colonial? Pensando no limite. In: **Da diáspora: identidade e mediações culturais**. Org. Liv Sovik; Tradução Adelaine La Guardia Resende et all. Belo Horizonte: Ed. UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003, p.101-128.

_____. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomás Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 11ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006. 104 p. Título original: The question of cultural identity.

HATOUM, Milton. **Literatura e memória**: notas sobre Relato de um certo Oriente. São Paulo: PUC, 1996.

_____. Um certo oriente. **Letterature d’America** – Rivista Trimestrale – Tuttamerica. Anno XXII, n. 93-94, p. 5-17, 2002.

_____. **Relato de um certo Oriente**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. 148p.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. 26ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. 220p.

IYER, N. Sharada. A house for Mr. Biswas: a study in cultural predicament. In: RAY, Mohit K. (Ed.) **V. S. Naipaul Critical Essays**. Vol. III. New Delhi: Atlantic Publishers & Distributors, 2005, p.17-25.

JARDIM, Denise F. **Os imigrantes palestinos na América Latina**. Estudos Avançados. v. 20, n. 57, 2006. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/eav/article/view/10154/11738>>. Acesso em: 20 abr. 2014.

JIBODH, Cheryl Indra. **The theme of rootlessness in West Indian fiction**. Cap.1: A historical background. p.01-19. Dissertação (Mestrado em Letras) – The University of British Columbia, Virginia, 1973.

KANAKARAJ, S & KIRUBAHAR, J.S. Naipaul’s A house for Mr. Biswas, Arun Joshi’s the strange case of Billy Biswas and Mordecai Richler’s Son of a smaller hero: a critique of paradox of life. In: RAY, Mohit K. (Ed.) **V. S. Naipaul Critical Essays**. Vol. III. New Delhi: Atlantic Publishers & Distributors, 2005, p. 67-76.

KAVITA, Nandan. V. S. Naipaul: a diasporic vision. **Journal of Caribbean Literatures**, Vol. 5, nº 2, p.75-88, Spring 2008.

KERN, Gustavo da S. Gilberto Freyre e Florestan Fernandes: o debate em torno da democracia racial no Brasil. **Revista Historiador**, número 06. Ano 06. Janeiro de 2014, p.82-92. Disponível em: <<http://www.historialivre.com/revistahistoriador>>. Acesso em: 16 mar. 2016.

KLEIN, Kelvin S.Falcão. Apontamentos sobre um certo oriente. **Revista.doc**, Ano X, nº 7, p.23-36, Janeiro/Junho 2009. Disponível em: <http://www.revistapontodoc.com/7_kelvinsk.pdf>. Acesso em: 18 mai. 2014.

KORTENAAR, Neil Ten. Mr. Biswas finds a home in the world on paper: V. S. Naipaul. In: _____. **Postcolonial literature and the impact of literacy: reading and writing in african and caribbean fiction**. Cambridge, Cambridge University Press, 2011, p.107-134.

KUMAR, Deepak; NAJ, Shagufta. Towards the path of exploring: unhoused and unnecessary in A house for Mr. Biswas. **International Journal of English Education**. Vol:2, Issue:1, January 2013.

KUNHAMBU, K. Identity crisis in the V.S. Naipaul's novel 'A house for Mr.Biswas. IJELLH - **International Journal of English Language, Literature and Humanities**. Volume II, Issue V, September 2014 - ISSN 2321-7065.

LAGE, Rodrigo C. **As marcas da herança colonial em V. S. Naipaul**. Disponível em: <<http://oguari.blogspot.com.br/2013/06/as-marcas-da-heranca-colonial-em-v-s.html>>. Acesso em: 25 fev. 2014.

LAZARUS, Neil. Introducing postcolonial studies. In: **The Cambridge companion to postcolonial literary studies**. Edited by Neil Lazarus. United Kingdom: Cambridge University Press, 2004, p. 01-16.

LEÃO, Allison. Representações do intelectual em Relato de um certo Oriente. In: **Aletria**, v.16, p.158-167, jul.-dez.2007.

LEELA, S. Homeland through diasporic judgment in V. S. Naipaul's a House for Mr. Biswas. **IOSR Journal of Humanities and Social Science**. Vol.2, 2012, p.35-37. Disponível em: <<http://iosrjournals.org/iosr-jhss/papers/NCSCRCCL/Volume-2/12.pdf>>. Acesso em: 23 mar. 2014.

LIMA, Luiz C. O romance de Milton Hatoum. In: _____. **Intervenções**. São Paulo: Edusp, 2002, p. 305-323.

LOOMBA, Ania. **Colonialism / Postcolonialism**. London and New York: Routledge, 2000.

McLEOD, John. **Beginning post-colonialism**. Manchester and New York: Manchester University Press, 2000. 278p.

MIRANDA, Carolina I. D. **De Trípoli a Manaus: um estudo das facetas interculturais na obra Relato de um certo Oriente, de Milton Hatoum**. 1º Colóquio Internacional de Estudos Linguísticos e Literários. UEM – Maringá-PR, 09-11 de junho de 2010.

MOHAN, Champa Rao. **Cultural disintegration and the search for an authentic selfhood in Miguel Street and A house for Mr. Biswas**. In: _____. Postcolonial situation in the novels of V. S. Naipaul. New Delhi: Atlantic Publishers and Distributors, 2004, p.47-77.

NAIPAUL, V. S. **A house for Mr. Biswas**. Great Britain: Penguin Books, 1983. 590p.

NANDAN, Kavita. V. S. Naipaul: a diasporic vision. **Journal of Caribbean Literatures**: Vol.5, nº 2, pp.75-88, Spring 2008.

NITRINI, Sandra. **Literatura comparada**: história, teoria e crítica. 2ª Ed. São Paulo: Editora da Univ. de São Paulo, 2000. 300p.

NUNES, Heliane Prudente. **Historiografia da imigração árabe nos Estados Unidos e no Brasil**: uma perspectiva comparativa. Textos de história. V.4, nº1, 1996, p. 149-180.

OLIVEIRA, Daniela de Cássia B. T; PARADISO, Silvio R. Gênero e colonialismo. A violência contra a mulher e a colonização em *Our lady of the massacre* (1979), de Angela Carter. Pontos de Interrogação — **Revista de Crítica Cultural**. A produção de autoria feminina - Vol. 2, n. 1, jan./jun. 2012. p.59-74.

PARAG, Kumar. Identity crisis in V. S. Naipaul's *A House for Mr. Biswas*. p.135-142. In: **Neither East Nor West**: Postcolonial essays on Literature, Culture and Religion. Edited by Kerstin W. SHANDS. Sweden: Södertörns Högskola, 2008. 186p.

PATHAK, Sunil et al. **V.S. Naipaul in the Line and Light of Colonial Culture**. **International Journal of Recent Research and Review**: Vol. II, p.21-29, June 2012.

PERDIGÃO, Noemi Henriqueta B. de. **A nova Amazônia dos romances Relato de um certo Oriente e Dois irmãos, de Milton Hatoum**. XII Congresso Internacional da ABRALIC. UFPR – Curitiba, 18-22 de julho de 2011. Disponível em:

<<http://www.abralic.org.br/anais/cong2011/AnaisOnline/resumos/TC1012-1.pdf>>. Acesso em: 20 mai. 2014.

PEARCE, Marsha. **What specific concepts, theories or approaches can comprise Caribbean Cultural Studies, making it distinct from other kinds of cultural studies.** Disponível em: <caribbeanculturalstudies.com>. Acesso em: 09 abr. 2014

PELLEGRINI, Tania. **Milton Hatoum e o regionalismo revisitado.** Project Muse – Luso-brazilian Review, vol. 41, nº 1, 2004, p.121-138. Univ. of Wisconsin Press. Disponível em: <<https://muse.jhu.edu/article/173647>>. Acesso em: 27 mai. 2014.

PEREIRA, André Luis M. **Disseminações de orientes no romance de Milton Hatoum.** Letras de Hoje. Porto Alegre, v. 41, n. 3, p. 83-92, setembro 2006. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/teo/ojs/index.php/fale/article/view/617/448>>. Acesso em: 18 abr. 2014.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. A criação do texto literário. In: _____. **Flores da escrivantina.** São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p. 100-110.

PITT, Rosemary. **V.S. Naipaul – A house for Mr. Biswas.** United Kingdom: York Press, 2001. 58p.

PRADHAN, Prakash Chandra. Search for identity: ideology and social conflict in V. S. Naipaul's A house for Mr. Biswas. In: RAY, Mohit K. (Ed.) **V. S. Naipaul Critical Essays.** Vol. III. New Delhi: Atlantic Publishers & Distributors, 2005, p.26-36.

PRASAD, Amar Nath. Identity crisis in V.S. Naipaul's A house for Mr. Biswas. In: **Critical response to V.S. Naipaul and Mulk Raj Anand.** New Delhi: Sarup & Sons, 2003. p.01-08.

RAHIM, Jennifer. (2007) The shadow of Hanuman: V.S. Naipaul and the 'unhomely' house of fiction. **Anthurium: A Caribbean Studies Journal:** Vol. 5: Issue 2, Article 10. Disponível em: <<http://scholarlyrepository.miami.edu/anthurium/vol5/iss2/10>> Acesso em: 28 mar. 2014.

RAY, Sitesh Kumer. **The notion of hybridity in V. S. Naipaul's novels:** a reading of the Mystic Masseur, A house for Mr. Biswas and The mimic men. The Department of English and Humanities of BRAC University, 2014. 50p.

RIAUEDEL, Michel. **Quando a ficção se recorda, quando o sentido passa a resistir**. Novos Estudos – CEBRAP, Edição 84, p.251-261, Julho 2009. Disponível em: <<http://novosestudos.uol.com.br/v1/contents/view/1350>>. Acesso em: 12 mai. 2014.

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa** – Tomo II. Tradução Marina Appenzeller. Campinas, SP: Papirus, 1995. 286 p.

RUSHDIE, Salman. Imaginary homelands. In: **Imaginary Homelands: essays and criticism 1981-1991**. New York: Penguin Books, 1992, p.9-21.

SAHA, Mariana. **Espaço e metaficção em A house for Mr. Biswas, de V. S. Naipaul**. 2011. 139 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

SAID, Edward W. **Reflexões sobre o exílio**. In: _____. Reflexões sobre o exílio e outros ensaios. São Paulo: Cia das Letras, 2003, p.46-60.

_____. **Orientalism**. London: Penguin Books, 2003a. 365p.

_____. Representações do intelectual. p. 09-36. In: **Representações do intelectual: as conferências de Reith de 1993**. Tradução de Milton Ratoum. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. 128 p.

SALEEM, Abdul. Theme of alienation in modern literature. **European Journal of English Language and Literature Studies**. Vol.2, nº. 3, pp.67-76, september 2014. Published by European Centre for Research Training and Development UK (www.eajournals.org) 67 ISSN 2055-0138(Print), ISSN 2055-0146 (Online). AlJouf University, Saudi Arabia.

SANTIAGO, Silviano. Apesar de dependente, universal. In: **Vale quanto pesa**. São Paulo: Perspectiva, 1982, p.09-26.

_____. O entre-lugar do discurso latino-americano. In: **Uma literatura nos trópicos – Ensaaios sobre dependência cultural**. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000, p.13-24.

_____. O narrador pós-moderno. In: _____. **Nas malhas da letra**. Rio de Janeiro: Rocco, 2002, p.44-60.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Entre Próspero e Caliban: colonialismo, pós-colonialismo e interidentidade. In: **Novos Estudos CEBRAP**, nº 66, julho 2003, p.23-52.

SANTOS, E & Schor, P. **“Brazil is not traveling enough”**: on postcolonial theory and analogous counter-currents (an interview with Ella Shohat and Robert Stam by Emanuelle Santos and Patrícia Schor) P: Portuguese Cultural Studies 4 Fall 2012. ISSN: 1874-6969

SANTOS, Luís Alberto Brandão; OLIVEIRA, Silvana Pessoa de. **Sujeito, tempo e espaço ficcionais**: introdução à teoria da literatura. São Paulo: Martins Fontes, 2001. 101p.

SCHWARCZ, Lília Moritz (Apres.) A questão racial brasileira vista por três professores: Florestan Fernandes; João Baptista B. Pereira; Oracy Nogueira. **Revista USP**, São Paulo, n.68, p.168-179, dez./fev. 2005-2006.

SEHGAL, Vikrant. **A House for Mr. Biswas (HB)**: postcolonial and diasporic text. Disponível em: < <http://litteritt.blogspot.com.br/2012/01/house-for-mr-biswas-hb-postcolonial-and.html> >. Acesso em: 04 fev. 2014.

SHOHAT, Ella. **Notes on the “Post-colonial”**. Social Text, Nº 31/32, Third World and Post-Colonial Issues, (1992), p. 99-113. Published by Duke University Press.

SHOHAT, Ella; STAM, Robert. **An interview by Emanuelle Santos e Patrícia Shor**. “Brazil is not traveling enough”: on post-colonial theory and analogous counter-currents. P: Portuguese cultural studies, 4. Fall, 2012, p.13-40. ISSN: 1874-6969.

SHOJAAN, Bahareh. **A postcolonial survey of *A house for Mr. Biswas* by V. S. Naipaul**. Advances in Language and Literary Studies: Vol. 6, nº 4, p.72-79, August 2015.

SILVA, Joanna da. **Relações de gênero no romance de Milton Hatoum**. 139 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Teoria literária e crítica da cultura, Universidade Federal de São João Del-Rei, Minas Gerais, 2011. 121p.

SINGH, Bijender. A study of placelessness in V. S. Naipaul’s life and works. **Galaxy-International Multidisciplinary Research Journal**: Vol. II, Issue VI, November 2013, p. 01-05. ISSN 2278-9529.

_____. Representation of postcolonial identity in Naipaul’s works. **Academic Journals: International Journal of English and Literature**: Vol. 4 (10), p.451-455, December, 2013.

_____. Representation of postcolonial identity in Naipaul’s works. **International Journal of English Literature**: Vol. 4(10), p.451-455, December, 2013.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. Can the subaltern speak? In: **Marxism and the interpretation of culture**. Ed. Lawrence Grossberg and Cary Nelson. Urbana: U of Illinois P, 1988, p.271-316.

STRIEDER, Inácio. **Democracia racial** – A partir de Gilberto Freyre. *Perspectiva Filosófica*, vol. 3, nº 15, janeiro-junho/2001, p.11-29.

SURDI, Mary Stela. Conversas com vozes sem nomes. **Revista Voz das Letras**, Concórdia, Santa Catarina, Univ. do Contestado, nº 9, I Semestre, 2008.

TAS, Mehmet Recep. Alienation, Naipaul and Mr. Biswas. **International Journal of Humanities and Social Science**: Vol.1, nº11, p.115-119, Special Issue – August 2011.

TELAROLLI, Sylvia. Memória e identidade nos romances de Milton Hatoum. **Revista Fikr** nº 2, São Paulo, 2010. Disponível em: <<http://www.miltonhatoum.com.br/categoria/sobre-autor/criticas-artigos/page/2>>. Acesso em: 19 abr. 2014.

TOLEDO, Ferreira de; MARCONDES, Marleine Paula. **Milton Hatoum**: itinerário para um certo relato. São Paulo: Ateliê Editorial, 2006. 146 p.

TONUS, José Leonardo. **O efeito-exótico em Milton Hatoum**. Estudos de literatura brasileira contemporânea: nº 26, p.137-148, julho-dezembro de 2005. Disponível em: <<http://seer.bce.unb.br/index.php/estudos/article/view/2129/1693>>. Acesso em: 10 mai. 2014. **ISSN 2316-4018 (On-line)**.

TRINDADE, Maria N. B. Identidade feminina em Relato de um certo Oriente. **Revista Investigações**: Vol. 25, nº 1, p.93-114, Janeiro 2012. Disponível em: <http://www.revistainvestigacoes.com.br/Volumes/Vol.25.N1/Investigacoes-25N1_Maria-de-Nazare-Barreto-Trindade.pdf>. Acesso em: 04 mai. 2014.

VIEIRA, Noemi C. F. **Narrativas da identidade**: memórias e esquecimento em textos de Milton Hatoum. *Letras & Letras*, Uberlândia 24(2), jul./dez.2008, p.131-141

VILELA, Soraia. (Entrevista). **O arquiteto da memória**. 2004. Disponível em: <<http://dw.com/p/5gbA>>. Acesso em: 04/01/2016.

WALDER, Dennis. (2003) ‘How is it going, Mr. Naipaul?’ Identity, memory and ethics of post-colonial literatures. **Journal of Commonwealth Literature**, 38(3). Disponível em: <http://oro.open.ac.uk/3490/2/JCL_identity_art_03.pdf>. Acesso em: 04 abr. 2014.

WOLCOTT, David A. **Exile and deception: the perverse reality of V. S. Naipaul**. 1994. Ensaio, p. 01-12 Disponível em: <http://www.ignaciodarnaude.com/textos_diversos/Naipaul,his%20perverse%20reality,D.A.Walcott.pdf>. Acesso em: 03 mar. 2014.

YOUNG, Robert J. C. **Colonial desire: Hybridity in theory, culture and race**. London and New York: Routledge, 1995, p.1-26.

_____. The ambivalence of Bhabha. In: _____. **White mythologies: writing history and the west**. 2nd ed. London and New York: Routledge, 2004, p.181-198.

ZANIRATO, Silvia H. & FERREIRA, Edilaine C. **As questões antagônicas de Raízes do Brasil**. Entrevista com Sílvia Helena Zanirato e Edilaine Custódio Ferreira. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/noticias/noticias-anteriores/2126-as-questoes-antagonicas-de-raizes-do-brasil-entrevista-com-silvia-helena-zanirato-e-edilaine-custodio-ferreira>>. Acesso em: 23 mai. 2016.

Disponível em: <<http://book-summary.net/nobel-prize-in-literature/the-enigma-of-arrival-summary/>>. Acesso em: 10 dez. 2010.

Disponível em: <<http://leiturasdogiba.blogspot.com/2009/09/literatura-indiana-o-perfil-de-v-s.html>>. Acesso em: 10 dez. 2010.

Disponível em: <<http://www.contemporarywriters.com/authors/?p=auth78>>. Acesso em: 10 dez. 2010.

Disponível em: <http://www.skooool.ie/skooool/examcentre_sc.asp?id=3551>. Acesso em: 10 dez. 2010.